

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
(MESTRADO E DOUTORADO)  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS  
LINHA DE PESQUISA: DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA**

**O CAMPO LEXICAL DA SALVAÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DE QUATRO  
OBRAS LEXICOGRAFICAS**

**GELSON MARTINS DE SOUZA**

**MARINGÁ - PR  
2011**

**GELSON MARTINS DE SOUZA**

**O CAMPO LEXICAL DA SALVAÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DE QUATRO  
OBRAS LEXICOGRÁFICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos.

**Orientador:** Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva.

**MARINGÁ - PR  
2011**

**GELSON MARTINS DE SOUZA**

**O CAMPO LEXICAL DA SALVAÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DE QUATRO  
OBRAS LEXICOGRÁFICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em: 8/6/2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
Presidente da Banca – Orientador

---

Profa. Dra. Maria Célia Cortez Passetti  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof. Dr. Marizio Babini  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp (SJRP)

Louvor a Deus por mais um sonho concretizado, pois aquilo que é impossível aos olhos humanos, faz-se possível aos olhos de Deus. O mestrado foi mais uma etapa de aprendizagem em minha vida acadêmica. Compreendi que com dedicação é possível superar todas as barreiras. Os meus eternos agradecimentos:

A minha mãe, Neusa, que apesar de nunca ter frequentado uma instituição de ensino, sempre valorizou a educação, e fez o possível e o impossível para que tivesse uma educação de qualidade;

Aos meus pastores, Irineu e Juçara, que oraram incansavelmente por mim e, sempre, auxiliaram no grupo de jovens que dirigi durante todo o mestrado;

Aos meus irmãos, Celso e Nelson, e de minhas cunhadas, Isabel e Lucineia, e de meus sobrinhos, Eduardo, Nathália e Rebeka, que sempre me incentivaram a continuar a lutar pelo meu sonho de me tornar mestre.

A minha namorada, Priscila, que sempre se mostrou muito compreensiva. Durante quase dois anos de namoro, teve que dividir o meu tempo, com uma dissertação e mais uma quantidade expressiva de aulas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva, que sempre esteve disponível, auxiliando-me na elaboração da dissertação com muita dedicação e carinho;

Ao professor Juliano, que me auxiliou antes do processo seletivo e, muito mais depois, quando precisei redefinir meu orientador;

Ao professor Edson Romualdo, que além de coordenador foi um grande amigo e incentivador em relação ao cumprimento dos créditos do mestrado;

Aos professores convidados para a participação na Banca Examinadora, Profa. Dra. Maria Célia Cortez Passenti (UEM) e Prof. Dr. Maurizio Babini (Unesp - SJRP), pelo aceite imediato do convite e pelas contribuições sugeridas;

A todos os funcionários, em especial, a Andrea, e professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá, pelas informações e contribuições;

A todos, o meu eterno agradecimento.

A palavra *soteriologia* vem do vocábulo grego *soteria* e significa salvação, libertação de um perigo iminente, livramento do poder da maldição do pecado, restituição do homem à plena comunhão com Deus. A salvação do ser humano é obtida pela graça, ou seja, é um dom gratuito e imerecido que o pecador recebe. Ef 2: 8-9.

SOUZA, Gelson Martins. **O CAMPO LEXICAL DA SALVAÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DE QUATRO OBRAS LEXICOGRÁFICAS** (108 f.). Dissertação (Mestrado em Letras. Descrição Linguística) Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva. Maringá, 2011.

## RESUMO

O trabalho apresentado tem como objetivo verificar se os textos definitórios dos dicionários pesquisados são constituídos ou não de intencionalidade e sanam as dúvidas de seus consulentes, entendendo que a elaboração de todo e qualquer texto está pautada exatamente nessa intencionalidade, considerando ainda os papéis dos interlocutores discursivos. Para o desenvolvimento da dissertação, foram analisadas as obras lexicográficas *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*, *Dicionário da Bíblia de Almeida* e *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. Depois desse procedimento, foram selecionadas as unidades lexicais (ULs) pertencentes ao campo lexical da *salvação*, tendo em vista que a temática suscita inúmeros debates na sociedade contemporânea. Como recorte, foram analisadas algumas partes da microestrutura dessas obras lexicográficas, especificamente a categoria gramatical, a etimologia e os textos definicionais das ULs aliança, adoção, apostasia, arrependimento, circuncisão, confissão, conversão, crente, culpa, eleição, expiação, fé, graça, justificação, justo, liberdade, maldição, mistério, propiciação, reconciliação, redenção, regeneração, remorso, salvação e soteriologia. Embora se conheça que as ULs mencionadas sejam empregadas na elaboração do discurso religioso, é possível afirmar que elas também pertençam à língua geral. A análise articulada é de cunho comparativo, as ULs estão inseridas em uma tabela que pontua os dados dos verbetes já mencionados. No processo de análise, pôde-se perceber que as definições que constituem as ULs de cunho religioso têm como foco conduzir os consulentes à adoção de uma determinada ideologia. *Os Dicionários Houaiss da Língua Portuguesa e Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* desenvolvem suas definições situando os consulentes sobre os variados contextos em que as ULs pertencentes ao campo léxico da salvação podem se manifestar. Constatou-se que as duas obras não direcionam seus usuários às ideologias pregadas pelo Cristianismo, mas descrevem essas como existentes. Já os *Dicionários da Bíblia de Almeida e Ilustrado da Bíblia* trabalham os léxicos que fazem referência à *Salvação*, na maioria das vezes, apenas na perspectiva religiosa, mais especificamente do Cristianismo, esquecendo-se que as ULs em análise são constituintes também da língua geral, e não só de uma língua de especialidade. Esta questão parece um tanto limitadora, já que as obras lexicográficas objetivam sanar as possíveis dúvidas de seus interlocutores. Em relação às ideologias manifestadas nos textos definitórios, os consulentes são induzidos direta ou indiretamente a professarem o Cristianismo e defenderem que a salvação pode ser alcançada por intermédio de Jesus Cristo.

**Palavras-chave:** Dicionário. Discurso Religioso. Ideologia. Lexicografia. Lexicologia.

## ABSTRACT

This presented study has the objective of investigating whether the defining texts of the dictionaries herein consulted are constituted or not by intentionality and whether they clarify the consultants' doubts, bearing in mind that the development of each and every text is based on such intentionality, considering the discursive interlocutors' roles. In order to develop the dissertation, we chose the following lexicographic books: *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Dictionary Houaiss of Portuguese Language), *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário de Língua Portuguesa* (New Aurélio 21st century: the dictionary of Portuguese Language), *Dicionário da Bíblia de Almeida* (Almeida's Bible Dictionary) and *Ilustrado da Bíblia* (Bible Illustrated). After that procedure, lexical units (LUs) belonging to lexical field *Salvation* were selected, considering a theme which evokes several discussions in the contemporary society. As cut, some parts of those lexicographic books' microstructure were analyzed, more precisely, grammatical category, etymology and the defining texts of the LUs: *alliance, adoption, apostasy, atonement, believer, circumcision, confession, conversion, curse, election, faith, grace, guilt, just, justification, liberty, mystery, propitiation, reconciliation, rectification redemption, repentance, remorse, salvation and Soteriology*. Although it's known that the mentioned LUs are used in the construction of religious speeches, it is possible to state that they also belong to general language. This articulated analysis has a comparative character, the LUs are inserted in a chart which points to the previously mentioned data of the entries. In the analysis process, it is possible to realize that the definitions which constitute the LUs of religious character have the aim of leading the consultants to the adoption of a specific ideology. The dictionaries *Houaiss de Língua Portuguesa* and *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário de lingua Portuguesa* build their definitions by showing the consultants the various contexts in which the LUs belonging to the lexical field of *salvation* can be manifested. It was verified that neither of those two books lead their consultants to ideologies preached by Christianity, although they mention them as existent. The books *Dicionário da Bíblia de Almeida* and *Ilustrado da Bíblia* however, work on the lexicons which refer to *Salvation*, most of the times, only in the religious perspective, more precisely in the Christianity's one, forgetting that the LUs herein analyzed belong to the general language, and not only to a specialism language field. That matter seems rather limiting, since lexicographic books have the objective of resolving the interlocutors' possible doubts. Regarding the ideologies manifested in the defining texts, the consultants are led, directly or indirectly, to profess Christianity and defend that *Salvation* can be achieved by intermediation of Jesus Christ.

**Keywords:** Dictionary. Ideology. Lexicography. Lexicology. Religious Speech.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical .....	56
<b>Quadro 2</b> Ficha da unidade lexicográfica apostasia .....	56
<b>Quadro 3</b> Comparativo das ULs .....	98

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I</b> .....	15
<b>1. UM BREVE HISTÓRICO DA CIÊNCIA DO LÉXICO</b> .....	15
1.1 Léxico .....	15
1.2 A formação do léxico brasileiro .....	16
1.3 Léxico: sentidos e significações .....	18
1.4 Lexicografia.....	20
1.4.1 Antiguidade e Lexicografia .....	20
1.4.2 A Lexicografia na Idade Média.....	21
1.4.3 A Lexicografia e a modernidade .....	22
1.4.4 Lexicografia: fundamentos e processo de lematização .....	25
1.5 A origem das classes de palavras .....	27
1.6 Lexicologia.....	28
1.7 Terminologia .....	29
1.8 Campo lexical.....	31
1.9 Questões dicionarísticas.....	33
1.9.1 Visão panorâmica do dicionário .....	33
1.9.2 Características e traços dos dicionários.....	34
1.9.3 Quantidade de unidades e tipos de informação dos dicionários.....	35
1.9.4 Dicionários: macroestrutura e microestrutura .....	36
1.9.5 Os três macroparadigmas .....	36
1.10 Particularidades dos dicionários analisados .....	37
1.10.1 Particularidades do <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i> .....	37
1.10.2 Particularidades do <i>Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário de língua portuguesa</i> .....	38
1.10.3 Particularidades do <i>Dicionário da Bíblia de Almeida</i> ... ..	38
1.10.4 Particularidades do <i>Dicionário Ilustrado da Bíblia</i> .....	39
<b>CAPÍTULO II</b> .....	41
<b>2. OUTRAS QUESTÕES PERTINENTES</b> .....	41
2.1 Conceituação de definição.....	41
2.1.1 O que é definição.....	41
2.1.2 Uma visão filosófica e lógica acerca da definição .....	42
2.1.3 A definição na perspectiva dos dicionários filosóficos .....	44

2.2 Linguagem, Semântica e História.....	45
2.3 Discurso e suas definições.....	47
2.3.1 A intrínseca relação entre ideologia e discurso .....	49
2.3.2 Discurso religioso e as manifestações de intencionalidade.....	50
<b>CAPÍTULO III</b> .....	53
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	53
3.1 Escolha do <i>corpus</i> .....	53
3.2 Procedimento de análise.....	53
3.3 Justificativa.....	54
3.4 Campos da ficha lexicográfica .....	55
3.4.1 Estrutura da ficha lexicográfica.....	55
3.4.2 Categoria gramatical: substantivo e adjetivo.....	57
3.4.3 Etimologia .....	57
3.4.4 Traços das ULs presentes na definição 1 - <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i> ..	58
3.4.5 Traços das ULs presentes na definição 2 – <i>Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa</i> .....	58
3.4.6 Traços das ULs presentes na definição 3 - <i>Dicionário da Bíblia de Almeida</i> .....	60
3.4.7 Traços das ULs presentes na definição 4 - <i>Dicionário Ilustrado da Bíblia</i> .....	61
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	64
<b>4. ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	101
REFERÊNCIAS .....	104

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>aliança</b> .....	64
<b>TABELA 2:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>adoção</b> .....	65
<b>TABELA 3:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>apostasia</b> .....	67
<b>TABELA 4:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>arrependimento</b> .....	68
<b>TABELA 5:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>circuncisão</b> .....	69
<b>TABELA 6:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>confissão</b> .....	71
<b>TABELA 7:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>conversão</b> .....	72
<b>TABELA 8:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>crente</b> .....	73
<b>TABELA 9:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>culpa</b> .....	74
<b>TABELA 10:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>eleição</b> .....	76
<b>TABELA 11:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>expição</b> .....	77
<b>TABELA 12:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>fé</b> .....	78
<b>TABELA 13:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>graça</b> .....	80
<b>TABELA 14:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>justificação</b> .....	82
<b>TABELA 15:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>justo</b> .....	84
<b>TABELA 16:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>liberdade</b> .....	85
<b>TABELA 17:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>maldição</b> .....	88
<b>TABELA 18:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>ministério</b> .....	89
<b>TABELA 19:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>propiciação</b> .....	90
<b>TABELA 20:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>reconciliação</b> .....	91
<b>TABELA 21:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>redenção</b> .....	93
<b>TABELA 22:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>regeneração</b> .....	94
<b>TABELA 23:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>remorso</b> .....	95
<b>TABELA 24:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>salvação</b> .....	96
<b>TABELA 25:</b> Ficha lexicográfica da unidade lexical <b>soteriologia</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

Os dicionários são, sem dúvida, na contemporaneidade, instrumentos de frequente consulta para aqueles que buscam desvendar os significados atribuídos às Unidades Lexicais (ULs). Prática essa que já se manifestava no terceiro milênio a.C. na região central da Mesopotâmia pelos Eblaítas. Estes elaboraram uma lista de palavras bilíngues em pequenas tábuas, o que para a Enciclopédia Britânica (*apud* FARIAS, 2007, p. 77) “tornaram-se descobertas de grande valor não somente linguístico, mas também antropológico e sociológico.”

Embora haja um número significativo de dicionários que circulam socialmente, é perceptível que as primeiras obras lexicográficas foram organizadas de forma bastante distinta do que se faz na contemporaneidade. Os primeiros dicionários e glossários eram bilíngues e ofereciam a tradução de um termo de uma língua para outra. Na Idade Média, a população teve acesso aos dicionários monolíngues, os quais não eram organizados em ordem alfabética, mas sim de acordo com a significação. Os primeiros dicionários alfabéticos da língua inglesa traziam as significações de termos de difícil entendimento, frequentemente originários da língua latina.

De acordo com Farias (2007, p. 77),

Com a evolução das línguas, os dicionários passaram a incluir explicações e comentários a respeito de cada lexema. Hoje em dia, há uma grande diversidade de dicionários, dentre os quais podemos considerar pelo menos três tipos que, segundo Rey-Debove (1984, p. 64), podem ser assim classificados: (1) o dicionário linguístico que fornece apenas informações sobre os signos, excluindo a definição; (2) a obra enciclopédica que fornece informações sobre as coisas e inclui a definição e (3) o dicionário de língua que informa sobre os signos e inclui também a definição.

Ainda segundo Rey-Debove (*Ibid.*), esses tipos de dicionários podem também ser divididos em dois grupos: “o dicionário geral, que trata de todos os signos duma língua dada ou de todas as coisas duma civilização; e o dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra”.

Com os avanços dos estudos linguísticos, do ensino de língua e da lexicografia, os dicionários sofreram um processo de aperfeiçoamento em sua elaboração: metodológico, estrutural e teórico. Isto também nos motivou a realizar uma análise comparativa dos textos que definem as Unidades Lexicais (ULs) em quatro dicionários: *Dicionário Houaiss da*

*língua portuguesa; Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa; Dicionário da Bíblia de Almeida; Dicionário Ilustrado da Bíblia.*

No Capítulo I, construímos um recuo histórico sobre o léxico, mostrando que este é um conjunto de palavras que o falante da língua tem acesso e organiza de acordo com suas necessidades comunicativas. Estudamos o léxico, em um primeiro momento, de forma bem geral, focalizando as influências desenvolvidas durante o período colonial e pós-colônia, destacando, ainda, a importância da significação das ULs e da ciência responsável pela elaboração dos dicionários, ou seja, a Lexicografia.

No Capítulo II, expomos as conceituações filosóficas e lexicográficas sobre a UL *definição*. Como entendemos que a *definição* de uma palavra está intimamente relacionada com a significação, construímos um recuo histórico acerca dos estudos da linguagem, da semântica e do discurso, pois essas abordagens se complementam, quando se dedicam a uma análise do léxico. Tal fato se manifesta porque o falante de uma língua, ao se expressar, pode construir inúmeras significações por meio de seu texto.

Nossa metodologia de trabalho foi descrita no Capítulo III. Escolhemos o campo lexical da *salvação*, pois suscita vários debates socialmente. Para a seleção das ULs, fizemos uso da classificação descrita no *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Entendemos que as palavras escolhidas fazem parte da língua geral, e tendo esse princípio como base, analisamos as quatro obras lexicográficas já citadas, principalmente as seguintes ULs: aliança, adoção, apostasia, arrependimento, circuncisão, confissão, conversão, crente, culpa, eleição, expiação, fé, graça, justificação, justo, liberdade, maldição, mistério, propiciação, reconciliação, redenção, regeneração, remorso, salvação e soteriologia.

No Capítulo IV, concretizamos uma análise comparativa dos textos que definem as ULs pertencentes ao campo da **salvação**. Sempre, tentamos situar nosso leitor a entender as multiplicidades de sentidos que se manifestam na definição de um verbete. Para isso, elaboramos uma ficha lexicográfica na qual se constata a etimologia, a categoria gramatical e as quatro definições das ULs prescritas nos dicionários em análise.

É extremamente significativo pontuar que as unidades lexicais escolhidas não só pertencem ao campo da **salvação**, como também constituem o **discurso religioso** que prega a salvação após a morte. Percebemos, claramente, que o *Dicionário da Bíblia de Almeida* e o *Dicionário Ilustrado da Bíblia* apresentam definições que privilegiam, na maioria das vezes, apenas o contexto religioso, omitindo as acepções pertencentes à língua geral.

O interesse pelo tema se manifestou porque somos consulentes de ambas as obras descritas e percebemos, inicialmente, possíveis lacunas enquanto pesquisador da linguagem.

## CAPÍTULO I

### 1. UM BREVE HISTÓRICO DA CIÊNCIA DO LÉXICO

#### 1.1 Léxico

O léxico de uma língua engloba um conjunto de signos linguísticos que são empregados não só no processo de comunicação oral ou escrita, mas também na absorção e assimilação de novos conhecimentos pertencentes a uma determinada comunidade linguística.

De acordo com Basílio, “o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção de enunciados” (BASÍLIO, 2006, p. 9). É significativo, ainda, focalizar que esse banco de dados está “aberto”, uma vez que o falante constrói e reconstrói tanto o sistema comunicativo quanto o sistema classificatório. Quando se propõe a estudar o léxico, faz-se necessário analisá-lo sobre a perspectiva externa e interna. Na primeira abordagem, focaliza-se o léxico como conjunto de palavras pertencentes a uma língua ou representado nos dicionários. Já na perspectiva interna, o falante tem conhecimento sobre uma lista de palavras e padrões gerais de estruturação, fazendo usos desses conhecimentos, constrói e reconstrói novas palavras.

Apropriando-se dos conceitos defendidos por Ribeiro (1997), o léxico pode ser visto como parte viva da língua, já que está em constante movimento, incorporando novas palavras e novos significados, a partir dos processos de formação de palavras. Esses últimos são “fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam, mas não conhecíamos anteriormente” (BASÍLIO, 2006, p. 10).

Na obra *Formação e classes de palavras no português do Brasil*, Margarida Basílio ressalta o posicionamento de que o léxico de uma língua pode ser definido como um conjunto de palavras que a constitui.

A Unidade Lexical (UL) **palavra** é analisável sobre vários aspectos, como a questão gráfica e seu registro em dicionário. Teoricamente, uma unidade linguística só é denominada palavra se constar no dicionário. Embora haja essa observação, sabe-se que as palavras são registradas em obras lexicográficas depois de consolidadas pelos usuários da

língua, o que leva certo tempo. Devido à dinamicidade da língua, percebe-se que os dicionários na maioria das vezes estão defasados, pois a cada dia surge uma nova palavra, seja por meio do esquema de reciclagem ou do léxico virtual - que são formas lexicais possíveis e suas interpretações. É importante lembrar que os dicionários registram palavras arcaicas que, muitas vezes, não são consideradas como tal pelo falante da língua atual. A **palavra**, ainda, pode ser analisada sobre um viés estrutural. A parte da gramática que se dedica a esse estudo é a Morfologia, ciência que verifica a estruturação da palavra com foco em seus elementos componentes, ou formativos, organização e flexões.

Retomando a UL **léxico**, Antunes (2007, p. 42) ainda acrescenta:

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. [...] É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo.

## 1.2 A formação do léxico brasileiro

Desde a colonização do Brasil, a língua portuguesa escrita e falada vivenciou inúmeras transformações. A partir da segunda metade do século XIX, deparamo-nos com uma formação de um léxico brasileiro que se distanciou muito da linguagem de Portugal, configurando o que João Ribeiro denomina de “brasilerismo”, ou seja, um conjunto de itens a que se atribui significações. Para Artur Neiva (1940, *apud* NUNES, 1997), os primeiros brasileirismos podem ser constatados nos relatos realizados por Antônio Pigafetta, escritor italiano, que registrou a expedição de Fernão de Magalhães.

Os relatos dos viajantes descreviam a população e as coisas características do país. A organização dos verbetes se estabelecia por meio de uma lista temática. Tem-se, nesse momento, um trabalho de cunho enciclopédico, já que o verbete tem seu “nome” e/ou significação atribuído com base em uma relação entre palavras e coisas, incluindo-se aqui mecanismos de identificação, de nomeação e de tradução.

O sujeito lexicógrafo desempenha uma função enunciativa, uma vez que estabelece a significação de uma UL a partir da posição que ocupa socialmente. Para Nunes, em Caminha:

uma voz que enuncia a partir do lugar da autoridade oficial, um lugar que é falado pelas instituições (o reino, a marinha, a igreja). Na Carta (1500), Caminha atribui ao “capitão”, autoridade da descoberta e da posse, a colocação dos nomes na cena do achamento (“o capitão pôs nome o monte pascoal”), e aos “marinheiros”, autoridades do mar, a dos nomes dos sinais de terra (“eram muitas quantidades de ervas compridas a que os mareantes chamam Botelho e assim outras aves a que chamam fura buchos”). O sujeito lexicógrafo aparece ainda através de várias figuras; a) a do viajante aventureiro, como em Hans Staden, que se representa nas situações de contato em um conflito identitário envolvendo sujeito e coisas do país; b) a do colono fazendeiro, como em Gabriel Soares de Sousa, que diz a significação a partir da posição do proprietário de terra; c) a do naturalista, como em Jorge Marcgrave, que introduz um discurso de processo natural em relação aos elementos da fauna e flora. (NUNES, 1997, p. 16-17)

Os diversos posicionamentos dos falantes que estabelecem a significação evidenciam que a constituição do léxico está baseada nas relações de identificação, sinonímia, homonímia, paráfrase, que formaram uma memória lexicográfica, confirmando, assim, a dinamicidade da língua brasileira já no século XV.

No século XVI, as obras lexicográficas são os dicionários bilíngues (português-tupi e vice-versa) produzidos pelos missionários jesuítas, que desejavam a catequização da população que habitava o país. Os verbetes e as significações das ULs, dessas obras, eram bastante limitados, já que tinham como foco impor e transformar conceitos da sociedade. As obras continham reflexões gramaticais, significações dos léxicos e situações enunciativas, sendo organizadas em ordem alfabética. Após a expulsão dos jesuítas, que se deu em 1759, os dicionários bilíngues perderam sua importância social, pois se inicia um processo de valorização da língua portuguesa como língua oficial.

Embora essa situação seja verídica, as obras lexicográficas bilíngues ainda ocupavam lugar de destaque no século XIX. Obviamente não com o antigo objetivo, mas sim em retratar a história das línguas indígenas faladas no país. Dentre as várias línguas, o tupi foi considerado por Gonçalves Dias a “língua dos antepassados brasileiros”, tendo como obra principal o *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas no Brasil* (1858). Esse e outros dicionários tupi-português e português-tupi traziam verbetes formados de seu contexto histórico e de sua interpretação etimológica. Tudo isso, porque as obras do período imperial pretendiam propiciar uma visão evolutiva de língua, tendo o tupi como língua primitiva e a língua portuguesa como ponto de chegada para construção da identidade do país.

Os trabalhos monolíngues também contribuíram significativamente à formação do léxico brasileiro. A primeira obra de importância singular foi o *Dicionário da língua*

*portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, publicado em Lisboa em 1789. Silva elaborou esse dicionário a partir do *Dicionário bilíngue português-latim*, de Bluteau. Este era constituído de definições extensas. O surgimento, dessa obra, não só auxilia de forma impressionante a consolidação da língua nacional em Portugal, mas também se configura como um passo inicial ao processo de gramaticalização do Português do Brasil (PB). Com o passar do tempo e as reedições da obra, confirmam-se as várias diferenças e lacunas lexicográficas existentes entre o Português Europeu (PE), de Portugal, e o PB. Fato que motivou a produção de obras complementares, como dicionários de regionalismos, dicionários de termos técnicos, dicionários de brasileirismos. Estes últimos foram organizados a partir de produções anteriores que buscavam definir as palavras em uso no país, auxiliando na distinção do léxico português e brasileiro.

Essa abordagem de cunho histórico demonstra que o léxico brasileiro é construído e reconstruído, tendo por base o contexto social em que se desenvolve as motivações geradas pelas situações de uso, as transformações das palavras e expressões sejam no nível fonológico, morfossintático ou semântico.

### **1.3 Léxico: sentidos e significações**

O estudo em torno dos sentidos e significações não está restrito à palavra, mas aos aspectos que cercam o momento da enunciação. Assim, o sentido dado ao verbete está relacionado diretamente ao contexto de produção.

É inquestionável que a linguagem é constituída por uma diversidade de signos linguísticos, isto é, o significante (imagem acústica) e significado (conceito) são responsáveis pelos inúmeros sentidos e significados atribuídos a uma determinada unidade lexical. Benveniste (1991, p. 56) não ignora a arbitrariedade do signo linguístico, mas atesta que a arbitrariedade não está na relação entre significado e significante, e sim o arbitrário é o signo e não a relação que faz com o outro.

A natureza do signo linguístico não tem nada a ver com isso (com a realidade), se o definirmos como fez Saussure, pois o próprio dessa definição consiste precisamente em não encarar senão a relação do significante e do significado. O domínio do arbitrário fica assim relegado para fora da compreensão do signo linguístico. (BENVENISTE, 1991, p. 57)

Os estudos da significação se pautam nas diversas interpretações dadas às palavras, de acordo com o contexto social e enunciativo de produção. Para Bakhtin (*apud* BRAIT,

2005, p. 93), “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”.

Com base nesse último posicionamento, pode-se afirmar que o falante no momento da enunciação é convocado a fazer inferências, sejam elas referentes aos conhecimentos prévios ou expostos na enunciação. A partir dessa situação, o falante elabora o sentido e a significação daquilo que lhe é enunciado. Tem-se conhecimento que o emprego de uma mesma palavra em enunciados distintos pode gerar uma infinidade de sentidos devido a questões como marcação de ironia, realce, ressalva, ambiguidade, etc.

Para Bakhtin (*apud* BRAIT, 2005), uma palavra pode ser constituída de vários significados, dependendo do contexto de produção, mas ela não abandonará seu sentido de unicidade que é assegurada por sua composição fonética e inerente. Como exemplificação do exposto, escolheu-se a UL **achar** que desempenha, em princípio, função de verbo pleno com o sentido de “encontrar”, “descobrir”; mas também de (apreciação), considerando-o classe fonte e classe para a qual a mudança se direciona (alvo); e de modalizador de “palpite” ou de “dúvida” que se desenvolveu possivelmente a partir de um processo de recategorização do achar<sup>2</sup> (apreciação).

O semanticista Michel Bréal ressalta em sua obra *Ensaio de semântica* que uma UL pode ser empregada levando-se em consideração inúmeros sentidos, como o metafórico, o concreto, o abstrato, o restrito, o amplo. Esses sentidos divergentes de uma determinada palavra produzem uma multiplicação de novas unidades, que são apenas semelhantes na forma, mas totalmente divergentes no valor discursivo, concretizando o processo denominado por *polissemia*, que é caracterizado pelos vários sentidos dados a uma única UL. É importante lembrar que a multiplicidade de sentidos não anula o sentido básico da unidade. Segundo Rocha:

Nesse caso não estamos criando um novo item lexical, mas apenas usando uma palavra em sentido figurado. Em outros termos, estamos fazendo uso da linguagem metafórica ou polissêmica.

São exemplos de polissemia: braço de um rio, dente de uma engrenagem, boca da noite, ponte-aérea (...). Esses são exemplos de POLISSEMIA INSTITUCIONALIZADA, ou seja, já consagrada pelo uso. É também possível falar-se em POLISSEMIA ESPORÁDICA, que pode surgir de conversas espontâneas, nas propagandas, nos técnico-científicos e na linguagem literária, em decorrência do fato de que a polissemia é uma característica de todo e qualquer lexema. São exemplos de polissemia esporádica: Ela não é uma mulher comum; ela é uma gota de orvalho; os nossos pensamentos são pássaros que voam em direção ao céu. (ROCHA, 2003, p. 68)

É necessário que não se confunda a definição entre *polissemia* e *homonímia*, já que esta tem propriedades ou formas bastante divergentes no nível da significação ou função, embora tenham uma única unidade fonológica. Tal fato é constatado na UL “manga”, o qual se refere à manga (de camisa) e manga (fruta), ou seja, tem-se uma unidade idêntica com sentidos díspares.

Esses fatos demonstram que os sentidos e significações da UL são elaborados a partir de várias situações, como o contexto de produção, os falantes da instância discursiva, os objetivos comunicativos e os aspectos de ordem fonológica, morfossintática e semântica.

## 1.4 Lexicografia

### 1.4.1 Antiguidade e Lexicografia

As obras que objetivam a organização de palavras são produzidas anteriormente ao tempo dos acádios, povo que habitou a região da Mesopotâmia no século VII a.C. Obviamente que os trabalhos de seleção/organização realizados foram bastante distintos daqueles que se desenvolvem no século XXI, até porque essas obras são articuladas de acordo com alguns traços sociais, como o tempo, as correntes ideológicas e os avanços tecnológicos.

Os acádios, naquele período, tinham listas bilíngues, organizadas de acordo com campos semânticos, focalizando, principalmente, as unidades lexicais que se referiam às atividades mercadológicas da época — itens lexicais sumérios com tradução em acadiano. Os babilônios também contribuíram de forma significativa para os estudos da pré-lexicografia, uma vez que elaboraram uma lista de palavras três milênios antes da era cristã — posicionamento defendido por Emilia Maria Peixoto Farias em sua obra *Uma breve história do fazer lexicográfico*.

Nesse período, não se tem efetivamente a produção de obras lexicográficas, isso porque a paleolexicografia já se destaca por meio das várias listas bilíngues, produzidas pelos povos acadianos, babilônios, sumérios, etc. Na antiguidade, as únicas obras que podem ser tidas como de cunho lexicográfico são as gregas, pois influenciaram de forma relevante a organização do repertório egípcio, dos glossários alexandrinos e o *Appendix Probi*, do século III d.C. Esses últimos estudiosos eram filólogos ou gramáticos que

estavam em busca de compreender os textos literários produzidos em momentos anteriores e preocupados com as possíveis inadequações linguísticas.

#### 1.4.2 A Lexicografia na Idade Média

As obras lexicográficas foram produzidas em intensidade no período medieval, em especial os glossários e as enciclopédias. A necessidade de se listar palavras fez-se a cada dia mais imprescindível, uma vez que as línguas faladas se distanciavam muito da língua latina clássica, da igreja, dos saberes sociais, etc. Tal fato gerou a necessidade da elaboração de listagens temáticas, que buscavam explicar as palavras que não faziam parte da vida da comunidade — as explicações eram concretizadas por meio de glosas. As listas mencionadas eram organizadas levando-se em consideração alguns pontos como campo profissional, instrumento bélico, especiarias, etc.

As glosas, se organizadas em ordem alfabética, campo lexical, ou ainda, em outra forma de sistematização, eram classificadas como “glossários”. Estes eram instrumentos dos docentes no trabalho de ensino/aprendizagem de interpretação de textos pertencentes à língua latina e grega. Entre os glossários de importância singular, pode-se destacar o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII d.C.) e o *Glossário de Cassel* (séc. IX d.C.). A obra de Reichenau contém mais de 2.000 ULs que foram retirados da *Vulgata* (versão latina da bíblia), oferecendo um alto grau de compreensão à sociedade em geral (tradução para o vernáculo românico). A obra de Cassel é formada por 265 ULs, tendo uma conotação muito próxima a de Reichenau (tradução do latim para o vernáculo germânico).

Nesse período, ainda, cabe destacar as etimologias de Santo Isidoro de Servilha (570-636), obra composta de 20 volumes que, segundo Nunes: “contemplava desde as artes liberais, com destaque para o trivium (lógica, retórica e gramática) até as artes utilitárias: saber jurídico, teológico, ciências da guerra e do mar, tempo e espaço cotidiano” (NUNES, 1996, p. 46).

Os glossários, inegavelmente, são as obras de caráter lexicográfico que subsidiaram a elaboração posterior dos dicionários. Em princípio, os glossários tinham como consulentes apenas os docentes, visto que os textos eram difíceis e pouco manipuláveis. Com o advento, todavia, da imprensa, e da expansão da escolarização, as obras foram se tornando cada dia mais acessível para a maioria da população. As obras de destaque foram: o *Glossário de Reichenau* (do século VIII), *Glossário de Cassel*, do século IX, o *Papias* e

o *Catholicon*, de João Balbo de Gênova, do século XV, primeiro dicionário impresso por Gutenberg.

### 1.4.3 A Lexicografia e a modernidade

O século XV foi marcado pela intensa produção de obras lexicográficas, como os dicionários *O universal vocabulário*, de Alonso de Palencia (1490), e os *Vocabulários Latino-Español* (1492) e *Español-Latino* (1495), de Antônio de Nebrija. Essas obras de Nebrija fundamentaram a formação e o desenvolvimento dos trabalhos lexicográficos do século posterior, que se pautavam apenas nos dicionários bilíngues. A elaboração desses dicionários se desenvolveu devido às novas necessidades do homem renascentista, principalmente a necessidade de comunicação com as outras nações europeias. Fator este que gerou a multiplicação dos dicionários bilíngues, como *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire françois-latin*, de Robert Estienne, publicados em 1539.

Para Maria Tereza Biderman (1984), os dicionários no século XVI eram constituídos de inúmeras lacunas, sem contar que a maioria dos dicionaristas optava por fazer uma cópia “disfarçada” de uma outra obra lexicográfica já existente. As gramáticas das línguas vernáculas também eram carregadas de semelhanças.

A lexicografia monolíngue tem destaque no século XVII com o *Tesoro de la Lengua Castellana*, de autoria de Sebastian Covarrubias, *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola, os dicionários franceses *Richelet*, *Furetière* e o *Dicionário da Academia Francesa*. A obra *O Tesoro de la Lengua Castellana* não é apenas um dicionário que traz a definição dos verbetes, mas também uma obra enciclopédica, pois aborda aspectos relativos à cultura da época.

O trabalho lexicográfico, que impulsionou o século XVIII, pautou-se na enciclopédia, tendo como principais representantes Diderot e D’Alembert. Obra lexicográfica que tem como foco de análise um repertório geral do conhecimento humano, uma das mais renomadas é a *Encyclopaedia Britannica*, constituída de 2.700 páginas, publicada em 1768 na Escócia. Depois de várias reformulações, a obra está na 15ª edição, totalizando 32.000 páginas e com 134.000 verbetes. Na atualidade, a *Encyclopaedia Britannica* já pode ser encontrada em CD-ROM, em dois discos. Obviamente graças a adventos dos avanços tecnológicos, os quais têm contribuído significativamente aos estudos lexicográficos.

Contudo, Haensch (1982, p. 108 *apud* FARIAS, 2007, p. 94) afirma que:

o século XVIII não foi somente o século das enciclopédias, nesse período surgem também os dicionários normativos, dentre os quais destaca: o *Dicionário da Academia Francesa* e o *Diccionario de autoridades*, publicado pela Real Academia Espanhola, que teve como precursor o *Vocabulario degli Academici della Crusca*, publicado em Veneza, em 1612. Essa obra tinha como objetivo o reconhecimento e o estabelecimento de uma língua literária italiana, baseada no dialeto da região da toscana. (FARIAS, 2007, p. 94)

No século XIX, a qualidade teórica das obras lexicográficas francesas é extremamente apurada, surgindo inúmeros dicionários, como *Laveaux, Raymond, Landais, Littré, Larousse*. Dentre esses, a obra de *Littré* tem destaque especial, uma vez que forma um modelo de repertório lexical e “de escolha de citações como ilustrações das palavras de entrada” (BIDERMAN, 1984).

Em língua portuguesa, a obra lexicográfica de destaque é *O Grande Dicionário Português*, da autoria de Frei Domingos Vieira, formado por 1.200 páginas e organizado em 5 volumes. Seu traço mais significativo está na elaboração do texto definitório e na contextualização do verbete. Outra obra importante é o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, planejado inicialmente por Caldas Aulete, sendo finalizado por Santo Valente e demais colaboradores, devido à morte de Aulete.

É importante evidenciar que o desenvolvimento da Linguística Histórica impeliu a elaboração de vários dicionários históricos e etimológicos, e pode-se destacar a importante contribuição da escola alemã com as obras *Deutsches Wörterbuch*, de Jacob e Wilhelm Grimm, e *Sanskrit-Wörterbuch*, de O. Böthlingk e R. Roth. O período em questão também foi marcado pelas inúmeras publicações de dicionários regionais — galego, valenciano, etc. — e de campo de especialidades — Medicina, Comércio, Direito, etc.

No século XX, há uma intensa produção lexicográfica, já que as comunidades linguísticas desenvolveram uma necessidade não apenas de conhecer sua própria língua, mas também a de outras. Diante dessa situação, o uso do dicionário se tornou imprescindível a várias culturas e civilizações, como a italiana, a alemã, a espanhola, a luso-brasileira, a anglo-americana, etc.

Ao se analisar os trabalhos lexicográficos realizados no Brasil no século XX e XXI, têm-se obras valiosíssimas, como *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, o *Vocabulário da Língua Portuguesa*, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o *Michaelis: Moderno Dicionário da*

*Língua Portuguesa, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e o Dicionário UNESP do português contemporâneo*, de Borba e colaboradores.

Embora essas obras sejam de extrema significância aos estudos lexicográficos no Brasil, gostaríamos de fazer algumas observações a respeito dos dicionários *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* e *Houaiss da Língua Portuguesa*. O primeiro dicionário conhecido, popularmente, como Aurélio, é sem dúvida a obra lexicográfica mais consultada e vendida no Brasil. Desde sua primeira publicação, em 1975, foram mais de quinze milhões de exemplares. A completude da obra satisfaz a maioria dos consulentes, principalmente, quando se analisa as entradas, estas representam/retratam arcaísmos, gírias, regionalismos, estrangeirismos, etc. O *Houaiss* teve sua primeira edição publicada em 2001. Este foi elaborado por mais de 140 especialistas de diferentes origens: brasileira, portuguesa, timorense e angolana.

Ao se analisar os dicionários *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* e *Houaiss da Língua Portuguesa*, Biderman (2003) pontua que a organização de um dicionário tem que privilegiar uma teoria lexical que privilegie os princípios da lexicologia. Para essa autora, há duas limitações na prática: a delimitação da UL devido às situações contextuais e a marcação do lema que será *caput* do verbete.

Na prática discursiva, a identificação da UL é um grande desafio aos lexicógrafos, pois os limites entre as palavras são expressivos, independentemente de a UL ser complexa ou um sintagma discursivo. A combinatória lexical está pautada nos princípios de lexicalização — lexias compostas, lexias complexas, fraseologias, expressões idiomáticas. As lexias complexas são constituídas de coesão interna, na perspectiva semântica, e, por esse motivo, deveriam constar como entrada no dicionário. Uma segunda hipótese em relação às unidades complexas é que estas sejam subentradas no interior de um verbete.

De acordo com Biderman (2003, p. 87),

o conceito de unidade léxica do dicionarista reflete-se na organização da macroestrutura do dicionário, bem como os critérios por ele usados na seleção dos lemas. Ora, o lema representa o lexema. E o lema é uma entidade abstrata que se manifesta no nível do discurso de modo bem diversificado por ser o português uma língua flexiva. Por outro lado, nas realizações discursivas, as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo livre são muito difusas, exigindo do lexicógrafo uma boa formação teórica para poder decidir entre casos limítrofes. Mais ainda: o conceito de unidade lexical levanta problemas teóricos com conseqüências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico.

A autora em foco pontua que os dicionários *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* e *Houaiss da Língua Portuguesa* retratam um desconhecimento da teoria lexical, gramatical e linguística. A última edição do *Novo Aurélio séc. XXI*, por exemplo, é muito semelhante à edição publicada em 1986, apresentando apenas alguns acréscimos de verbetes. Estruturalmente, não há mudança significativa.

As falhas teóricas mencionadas no parágrafo anterior podem ser confirmadas, segundo Biderman, nas seções “Como usar o Aurélio século XXI” e “Chave do dicionário”:

Nesta seção do Aurélio, são classificadas as locuções (cf. nota 19), segmentos que são, de fato, unidades léxicas complexas, típicas das línguas de especialidade científica. O exemplo dado resistência dos materiais não é uma locução, mas um termo da Físico-química e da Engenharia. Aliás, é típico dos domínios científicos e técnicos os conceitos serem expostos por unidades fraseológicas que constituem uma unidade léxica do ponto de vista conceitual, sendo esse exemplo um caso de composição. O processo de composição é um recurso muito freqüente na geração de termos das ciências e das técnicas [...].

Já o Houaiss explica: “a unidade lexical pode ser uma palavra simples, uma palavra composta com hífen, uma locução, uma redução (do tipo símbolo, sigla, abreviatura, etc.), pode ainda ser múltipla e, em casos mais raros, tratar-se de uma pequena frase”. No item 42 e seguinte desse prefácio, Villar generaliza o uso do termo técnico locução, atribuindo-lhe o sentido de unidade complexa do léxico, o que não se pode aceitar. Infelizmente, esta introdução muito minuciosa em que Villar buscou explicitar todas as categorias e práticas do dicionário Houaiss, mostra que seu autor não está familiarizado com as muitas obras que tratam do léxico, particularmente da morfologia lexical e dos processos de formação de palavras, para não falarmos de outras complexidades como a história do léxico. (BIDERMAN, 2003, p. 88-89)

Traçamos, até o presente momento, apenas alguns pontos pertinentes acerca dos dicionários supracitados que serão retomados mais tarde.

#### **1.4.4 Lexicografia: fundamentos e processo de lematização**

Os trabalhos lexicográficos são analisados pelos usuários da língua, na maioria das vezes, apenas como obras “tira-dúvidas”. O consultante necessita empregar a língua de acordo com a norma padrão, e para isso consulta o dicionário para sanar as possíveis dúvidas, sejam elas de ordem ortográfica, categoria gramatical, etimologia, uso da palavra em diferentes situações discursivas e/ou significação do léxico.

Ainda que dicionários monolíngues sejam dotados dessa finalidade, entende-se que essas obras traduzem um tipo de repertório ou de registro de importância sociocultural. Para que se tenha essa visão da completude e da complexidade das obras lexicográficas, os consulentes devem ser capacitados a identificar as distintas informações que se apresentam em um verbete. De acordo com Weinrich (1979 *apud* BEVILACQUA & FINATTO, 2006), os dicionários são elaborados não apenas considerando os princípios teóricos dos autores, mas também sua dedicação, paciência, assiduidade, constância e precisão.

O teórico mencionado é uma sumidade, quando a temática gira em torno da produção de obras lexicográficas, pois, para Weinrich, essas, se associadas às abordagens de Linguística Aplicada, devem considerar três pressupostos básicos: a) a construção do *corpus*; b) a concepção de gramática e de língua; c) a concepção de significação.

A elaboração do *corpus* está pautada no recorte de uma parte da língua, que tem como objetivo retratar ou significar um determinado tipo de produto. Além, é claro, de auxiliar um tipo de consulente interessado no produto lexicográfico.

As concepções de gramática, língua e significação estão interligadas, pois tudo dependerá dos objetivos pretendidos pelo(s) autor(es) e de sua filiação teórica. Em algumas situações, o lexicógrafo faz uma opção por uma obra descritiva ou prescritiva. Distinção constatada facilmente na construção dos textos definitórios dos verbetes, pois estes podem ou não apresentar abonações, exemplificações, traços etimológicos, etc.

Quando se analisa uma obra com base em seus princípios de filiação teórica, sabe-se que os verbetes e as significações expostas não foram escolhidos aleatoriamente, mas sim levando em consideração a situação comunicativa entre a obra e o consulente. Em uma análise das ULs referentes ao campo da **salvação** constantes nos dicionários já nomeados, percebe-se que cada autor adotou um critério de definição bastante diferenciado, considerando o seu consulente e os vários objetivos que deseja expressar – abordagem que será concretizada mais tarde com aprofundamento.

Outro traço importante da Lexicografia é o processo de lematização que consiste no registro da UL. Esta se apresenta sempre no singular e no masculino, quando se trata de um nome substantivo ou adjetivo, e no infinitivo impessoal, quando se refere a um verbo. O processo de lematização constrói conceituações nos níveis morfológico, sintático e semântico. Essas são observáveis nos espaços que se destinam às explicações dos verbetes. Em algumas situações, deparamo-nos não apenas com verbetes, mas também com subverbetes como a palavra “pé”, que é definida em suas várias acepções e, posteriormente, o subverbe “pé de anjo” – exemplo empregado por Bevilacqua e Finatto

(2006). É interessante salientar que os textos definitórios são elaborados a partir de uma visão mais denotada a uma mais conotada da língua. Na maioria das vezes, as várias acepções de uma palavra são organizadas de acordo com os critérios do lexicógrafo, gerando inúmeras críticas sejam de estudiosos da área ou de leigos na temática.

Os casos polissêmicos ou homônimos — abordagem já comentada neste trabalho — também são destacáveis, quando se pensa na exposição e definição da entrada. Se o lexicógrafo considera uma determinada palavra como polissêmica, optará por expor uma palavra-lemma com duas acepções enumeradas. Já se ele entende que a palavra é homônima, optará por usar diferentes sentidos em quantas entradas sejam necessárias.

Os traços relatados, nessa etapa, demonstram as posições teóricas homogêneas ou heterogêneas que permeiam os estudos lexicográficos. De acordo com Bevilacqua e Finatto (2006, p. 47),

O tratamento do léxico nos dicionários espelha uma série de posições, imagens e modelos do funcionamento da linguagem, sendo de oferecer também um quadro de percepções, colocadas historicamente, sobre as relações entre a língua e a cultura de uma sociedade. Essas posições, repousadas nos dicionários brasileiros, percebidas pelos críticos desse tipo de obra e também por teóricos da linguagem em diferentes épocas, ensejam diferentes espécies de investigações científicas que, partindo da lexicografia, a tornarão como um objeto de estudo rico e multifacetado. (BEVILACQUA & FINATTO, 2006, p. 47)

Essas abordagens auxiliam os trabalhos lexicográficos, identificando os dicionários de qualidade e motivando pesquisas nas áreas dos estudos linguísticos. E ainda, promovendo uma consolidação do fazer lexicográfico em nossa sociedade.

Como se optou por analisar as ULs denominadas por nomes, julga-se necessário a construção de uma abordagem teórica sobre as classes de palavras.

### **1.5 A origem das classes de palavras**

Um dos primeiros dados que se deve enfatizar é que a denominação “classes de palavras” não é adotada por todos os autores, principalmente devido a sua origem. Sabe-se que há alguns teóricos que utilizam a terminologia “partes da oração” ou “partes do discurso” – esta de origem latina e aquela de origem francesa. Embora não haja consenso, optou-se, neste momento, pela expressão “classes de palavras”, visto que adotaremos as concepções históricas defendidas por Biderman (1978).

Segundo a autora, os nomes eram distintos entre as classes de palavras, desde a primeira descrição realizada por Dionísio de Trácia (séc. I. a.C.). Nesse período, podemos identificar a seguinte divisão: nomes, artigos, pronomes, participípios, verbos, advérbios, conjunções e preposições.

A partir dessa classificação empregada tanto por Dionísio de Trácia quanto por outros gramáticos gregos, os gramáticos latinos fundamentaram a elaboração de sua própria gramática, acrescentando a classe das interjeições, que não havia sido mencionada pelos gregos. Mais tarde, na Idade Média, os gramáticos latinos adicionaram, ainda, a classe dos adjetivos e dos numerais.

Todas essas classificações, sejam elas gregas ou latinas, contribuíram para a elaboração das gramáticas e dos manuais de linguística produzidos posteriormente. As línguas europeias ocidentais, por exemplo, adaptaram as classes identificadas no grego e no latim durante a Renascença. Tais adaptações geraram uma classificação paradigmática que pretendia enquadrar todos os vocábulos em moldes específicos, originando-se, assim, as dez classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Embora essa classificação paradigmática tenha se consolidado, alguns autores, como o neogramático Herman Paul, discorrem sobre uma visão mais abrangente em relação às classes de palavras. Para ele (*apud* CAMARA JR., 1974), é necessária uma análise mais aprofundada acerca da significação, da estrutura e da disposição das palavras na frase, para que se possa classificá-las de forma mais coerente. Esses elementos a que Paul se refere são os critérios semântico, morfológico e funcional, respectivamente.

De acordo com Mattoso Camara Jr. (1974), os vocábulos formais de uma língua devem ser classificados de acordo com três critérios: semântico, mórfico e funcional. Vê-se, portanto, que Mattoso Camara Jr. compartilha a mesma concepção que Paul em relação aos critérios classificatórios.

## **1.6 Lexicologia**

A Lexicologia é a parte da linguística que tem como foco de análise o léxico e sua organização sob diferentes perspectivas estruturais. É inegável que cada UL é marcada por especificidades diversas que se relacionam ao período histórico de produção, à região geográfica, às articulações fonéticas, morfológicas e sintáticas e, ainda, às situações de uso.

De acordo com Vilela (1994), a Lexicologia abrange áreas como a formação de palavras, a criação e importação de palavras, a etimologia, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, principalmente, a semântica, uma vez que “a Lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações” (VILELA, 1994, p. 10).

Para o *Merriam-Webster's Online Dictionary*, a Lexicologia é uma parte da linguística que se preocupa com a significação e a aplicação da palavra. O dicionário *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*, por sua vez, apresenta duas acepções sobre essa UL: “parte da gramática que se ocupa do valor etimológico e das acepções das palavras” e “estudo dos elementos de formação das palavras”.

Comumente se instala certa confusão vocabular, pois muitos entendem que a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia têm como foco um só objeto de estudo: a palavra. O que na verdade se configura em uma visão limitada, pois cada área de conhecimento estabelece o recorte de observação, os métodos de análise, seu campo de atuação e sua própria identidade.

Oliveira e Isquierdo traçam a distinção entre a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia da seguinte forma:

Enquanto a primeira se ocupa dos problemas teóricos que se embasam o estudo científico do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 11)

## **1.7 Terminologia**

A criação de novos termos sempre esteve presente nas comunidades linguísticas. Na contemporaneidade, tal fato se desenvolve com mais eficiência, pois a cada dia surge um novo equipamento, um novo meio de comunicação eletrônico, um novo estrangeirismo, etc. Principalmente, quando se analisa os termos empregados em algumas áreas de especialidade, como Informática, Medicina, Psicologia, etc. É exatamente, aqui, que os estudos de cunho terminológicos se enquadram. Para Barros (2004), a Terminologia é tão antiga quanto a linguagem humana.

Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas, aos animais, às plantas, às fontes naturais de alimentação e sobrevivência, aos instrumentos de trabalho, aos artefatos para a defesa pessoal, às peças do vestuário, em suma, a tudo que lhe está à volta. Em um mundo multilíngüe e no contato entre civilizações, sente a necessidade de compreender o universo nomeado por outros homens e começa, então, a compilar palavras, relacionar conteúdos, identificar equivalentes. Nasceram os dicionários bilíngües e obras símiles, nos quais os termos – palavras que designam conceitos específicos de domínios especializados como a medicina, a arte marítima, o comércio, etc. ocupam lugar de destaque. (BARROS, 2004, p. 28)

Nesse trecho, torna-se evidente a necessidade de sistematização de termos pertencentes a uma área de especialidade. Ao se construir um recuo histórico acerca de obras que realizavam registros de termos de um único domínio, constata-se que em 2600 a.C., os sumérios faziam as descrições de léxico relacionadas a “profissões, gados, objetos comuns, etc.” Esses registros eram concretizados em tijolos de argila que, posteriormente, foram subsídios essenciais para a elaboração do dicionário mais completo compilado por volta de 2200 a.C.

Após esse período, há uma infinidade de dicionários monolíngües, multilíngües e glossários que descrevem termos especializados como: *Liber Continentes* – obra produzida pelo físico Rhazés (865-925) que sistematiza os léxicos referentes aos órgãos do corpo humano e doenças; o *Livro das Estradas e dos Reinos* de Bakri, produzido no século XI; e ainda obras do médico Galeco de Pergamo (129-199) e do médico Hunayn Ibn Ishâq (808-877).

Essas são apenas algumas obras que já realizavam um trabalho terminológico. Na contemporaneidade, encontra-se um número extremamente significativo de bancos de dados e CD-ROMs que auxiliam os estudos terminológicos.

O primeiro estudo que teve como foco não apenas compilar termos, mas também desenvolver uma reflexão filosófica sobre a linguagem, foi realizado por Platão (427-347 a.C.), discutindo a origem das palavras e a justeza dos nomes.

A consolidação de um estudo mais aprofundado na área terminológica só se desenvolve no século XVII, tendo como maior contribuinte não um linguista, mas, sim, o sueco Karl Lineu (1707-1778) que propõe um sistema universal de nomenclatura binominal. Seu objetivo era estabelecer regras para nomear espécies da flora e da fauna de todo o mundo, independentemente do idioma.

Ao se analisar essa contribuição e a formação dos nomes científicos, constata-se uma identificação entre terminologia e nomenclatura. Para Willian Whewell, a

terminologia é um conjunto de termos empregados na descrição de objetos da história natural. Para Barros:

A distinção entre terminologia e nomenclatura começou, no entanto, a se fazer caminhando-se no sentido da afirmação do objeto de estudo de atual Terminologia: A substituição parcial e progressiva de nomenclatura por terminologia implica uma mudança de ponto de vista, pela passagem, em seguida, de nom, nom a termo, terminus borda, limite – desde Oresma – o que limita e define o sentido. Passa-se da idéia de uma série de nomes, ligada à classificação taxonomia, à de sistema de valores reciprocamente definidos. (BARROS, 2004, p. 32)

## 1.8 Campo lexical

O léxico de uma língua é um conjunto de palavras empregado em uma determinada comunidade linguística – posicionamento já mencionado. Sabe-se que o falante/ouvinte não consegue arquivar esse conjunto que é aberto, pois todos os dias novas unidades são criadas e outras desaparecem do sistema linguístico.

Dentro desse conjunto, é observável os campos lexicais que se configuram como subconjuntos, formados por unidades lexicais que são articuladas a partir do mesmo radical como: carrinha, carrão, carrossel, carruagem, carroça, carripiana, etc., sob o ponto de vista do significante. Os processos de composição e aglutinação auxiliam na formação de unidades pertencentes ao campo lexical.

No processo de composição, a UL é formada da junção de dois ou mais radicais, articulando-se em dois: composição por aglutinação e por justaposição. O primeiro está pautado em uma alteração fonética, quando há a junção dos elementos como em: plano + alto = planalto. Já na composição por justaposição, a nova unidade é formada, sem que haja alteração fonética como em: pé + de + moleque = pé-de-moleque. No processo de derivação (a partir de um único radical), a UL é formada por meio de afixo, sendo subdividido em: derivação sufixal, prefixal, parassintética, regressiva, imprópria. Seguem respectivamente um exemplo de cada processo: fidelidade, antiético, infelicidade, combate e gostoso.

O campo lexical, ainda, pode se referir a uma determinada área de conhecimento ou interesse, por exemplo, as unidades da área da informática e linguagem bíblica, respectivamente: pen drive, software, hardware, programas, gigabite, memória RAM, etc.; mandamentos, Jesus, Novo Testamento, Apocalipse, Céus, Inferno, discípulos, etc.

A teoria do campo lexical foi estabelecida em 1931 pelo linguista alemão Jost Trier. Para esse linguista, as unidades lexicais têm seus sentidos atribuídos, tendo como base as relações que estabelecem com outras unidades lexicais presentes no mesmo contexto discursivo. Se apenas uma UL sofrer mudança semântica, haverá possivelmente uma alteração em todo o campo lexical.

Campo semântico, por sua vez, refere-se ao conjunto de significados de uma UL. O léxico tem seus vários sentidos determinados pelos distintos contextos de produção discursiva. Um exemplo dessa situação pode ser constatado em relação à UL “levar” que tem os sentidos de: transportar, carregar, retirar, guiar, transmitir, passar, receber, etc. O campo semântico também pode fazer referência direta a uma forma de se expressar uma ideia, por exemplo, um falante de língua pode se referir à morte de forma bastante distinta, como bater as botas, falecer, ir dessa para a melhor, passar para um plano superior, falecer, etc.

No presente trabalho, serão analisadas 25 ULs que pertencem ao campo da **salvação**. Essa UL tem sua origem no grego *soteria*, transmitindo a ideia de cura, redenção, etc; no latim *salvare*, que significa “salvar”. No processo de salvação, o ser humano é liberto de uma condição ou estado indesejável. A salvação está pautada sempre em uma condição espiritual que focaliza a eternidade e não as situações terrenas.

Do ponto de vista teológico, a salvação é estudada pela **soteriologia**. É importante pontuar que a **salvação** é vista e analisada sob perspectivas diferentes, tendo em vista as inúmeras religiões presentes em nossa sociedade.

As ULs que serão foco de análise são: aliança, adoção, apostasia, arrependimento, circuncisão, confissão, conversão, crente, culpa, eleição, expiação, fé, graça, justificação, justo, liberdade, maldição, mistério, propiciação, reconciliação, redenção, regeneração, remorso, salvação e soteriologia. A escolha por esse campo lexical se desenvolve porque todas as unidades em análise pertencem ao campo da salvação, classificação estabelecida pelo *Dicionário da Bíblia de Almeida*, de Werner Kaschel e Rudi Zimmer. E, ainda, constituem um campo de interesse social, tanto de teóricos como de leigos no tema.

Na visão do cristianismo, os salvos são aqueles que se arrependem de suas transgressões e confessam que Jesus é o Senhor de sua vida. O cristianismo é pautado na vida de Cristo. Sabe-se que tanto o catolicismo como o protestantismo professam a fé em Cristo, porém com perspectivas distintas, uma vez que a primeira religião considera o poder intermediador de Maria, a mãe de Jesus, e o protestantismo entende que somente Jesus é capaz de interceder junto a Deus, pois a salvação só pode ser alcançada pelo

homem, porque Jesus morreu na cruz pelos pecados da humanidade. Segundo o *Dicionário da Bíblia de Almeida*, “porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

## 1.9 Questões dicionarísticas

### 1.9.1 Visão panorâmica do dicionário

É inegável que muitos usuários da língua considerem os dicionários apenas como uma obra para se consultar as informações que não se têm conhecimento. Posicionamento que nos parece completamente equivocado, uma vez que o dicionário (re)constrói a relação existente entre língua e ciência, e ainda, entre língua e cultura, tendo em vista que reproduz essas manifestações.

Ao se analisar a importância social do dicionário, percebe-se que é constituído de um discurso pedagógico, didático e, principalmente, ideológico – este é o discurso motivador da pesquisa proposta.

Todos esses discursos estão marcados nos textos que compõem as obras lexicográficas. A instituição escola faz uma abordagem de cunho didático/pedagógico, já que seu objetivo é que o discente constate que apenas as ULs registradas nos dicionários são aceitáveis na comunidade linguística na qual se está inserido. É significativo destacar que alguns dicionários não estão “presos” à normatização ou aceitação, mas, sim, às condições de produções dos falantes. Esse último fato possibilita a elaboração de dicionários de gírias, políticos, regionais, rurais, religiosos, etc.

Tendo em vista que todos os textos definitórios dos dicionários são constituídos de ideologia, conforme demonstrado acima, pois as definições são elaboradas a partir de uma posição teórica e ideológica, que poderá ser marcada de maneira direta ou indireta, as exemplificações dos textos também contribuem significativamente para a marcação ideológica, ética e estética do lexicógrafo. Os exemplos dados pelos profissionais da área direcionam para uma ideologia da comunidade com a qual se identificam.

De acordo com Andrade, a consulta ao dicionário é gerada por uma motivação:

[...] nunca é ‘inocente’. O consulente procura resolver um problema de significação, esclarecer aspectos da linguagem, aperfeiçoar sua forma de comunicação lingüística.

São esses os objetivos do dicionário: preencher lacunas de conhecimento dos usuários e facilitar a comunicação lingüística. Para facilitar a

comunicação torna-se necessário aperfeiçoar os meios de expressão; decodificar corretamente as normas sociais e científicas; aumentar ou desenvolver o conhecimento sobre o mundo. No caso dos dicionários bilíngües, é preciso traduzir as mensagens de modo satisfatório.

Ocorre que, na maioria das vezes, o consulente dá crédito às informações do dicionário, sem saber que tipo de instrumento manipula. Consta-se que até pessoas de relativo grau de escolaridade ignoram que há dicionários de vários tipos, segundo finalidades específicas e que as classificações não se restringem à extensão do *corpus* selecionado. (ANDRADE, 1998, p. 2)

As obras lexicográficas são marcadas por ULs distintas que estão relacionadas aos aspectos da língua como sistema, norma e fala. O primeiro aspecto é constituído de normas e possibilidades da fala. Para Maria Aparecida Barbosa (2010), o dicionário de língua é formado de um universo lexical, este é aberto e está em constante processo de reconstrução, pois considera não só os lemas existentes, como também aqueles que ainda poderão existir. Já o dicionário é um conjunto fechado, já que se limita a um *corpus* previamente selecionado. A UL vocábulo, por sua vez, forma os estudos de cunho técnico-científicos e especializados que têm como foco a norma. A unidade da fala se concretiza de forma bastante distinta, tendo em vista que desenvolve um conjunto de palavras-ocorrências que diz respeito aos atos de fala, ao falar concreto, que se encontram geralmente nos glossários.

O estudo dos quatro dicionários que se propõe aqui situa-se no nível do sistema linguístico e contém o conjunto das ULs de uma língua em todas as acepções ou contextos.

### 1.9.2 Características e traços dos dicionários

Para Josette Rey-Debove (*apud* BARROS, 2004), os dicionários devem ser caracterizados como objetos definidos, partindo obviamente de uma análise dos traços pertinentes, já que os títulos das obras não seguem uma lógica rígida. A autora constrói a caracterização baseada em uma análise comparativa de várias obras lexicográficas, independentemente de seus títulos. Segundo Rey-Debove, os traços dos dicionários são:

- a. os enunciados lexicográficos se apresentam, no plano formal e gráfico, isolados uns dos outros;
- b. o dicionário é uma obra de consulta, cujo programa de informação é constante e organizado em uma dada ordem;
- c. as entradas são obrigatoriamente de natureza linguística;
- d. o dicionário possui um caráter didático;
- e. o enunciado lexicográfico transmite informações sobre o signo-entrada;

- f. as entradas são dispostas na macroestrutura segundo certos princípios de estruturação e formam um conjunto determinado, em que os elementos são enumerados;
- g. as mensagens se organizam em dois sentidos, ou seja, verticalmente na macroestrutura e horizontalmente na microestrutura;
- h. normalmente as entradas desses dicionários seguem uma ordem puramente formal;
- i. os verbetes podem também ser organizados em ordem alfabética ou sistemática, mas geralmente as classificações pelo conteúdo são seguidas de um índice alfabético. A combinação desses dois tipos de classificação (alfabética e sistemática) é possível por meio de uma dupla macroestrutura, ou seja, o agrupamento do conteúdo em um verbeito cuja entrada foi ordenada alfabeticamente. Neste caso, a repetição da entrada é substituída no corpo do verbeito por um traço e os diferentes sentidos são indicados por um número. (BARROS, 2004, p. 134-135)

É importante destacar que as obras analisadas são de um único tipo de publicação, o que muitas vezes não se desenvolve na elaboração de projetos lexicográficos e terminográficos. Na prática, na maioria das vezes, há uma mistura dos gêneros devido à heterogeneidade dos programas de informação e partes dos dicionários.

### **1.9.3 Quantidade de unidades e tipos de informação dos dicionários**

A quantidade de ULs é responsável pela classificação do dicionário como extensivo ou intensivo (restritiva, seletiva), baseando-se no número de unidades linguísticas. De acordo com Barros (2004), se a obra objetiva registrar o maior número de entradas, é exhaustiva; já se a obra tem como foco fornecer um grande número de informações, como definições, etimologia, etc., é intensiva.

A natureza das informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico pode determinar as características tipográficas da obra. Caso as informações sejam de caráter linguístico (fonético, semântico, etc.) e extralinguístico, a obra será considerada um dicionário enciclopédico.

Já em relação à disposição das entradas, estas são organizadas em duas formas clássicas: a ordem pela forma — alfabética — ou ordem pelo conteúdo. Percebe-se que os usuários das obras lexicográficas preferem a ordem alfabética, pois eles encontram a UL desejada apenas seguindo a sequência e os seus significados. Em alguns dicionários, há a presença de contextos em que as ULs se manifestam, principalmente nos chamados dicionários terminológicos.

Ao se analisar a disposição pelo conteúdo, constata-se que a vantagem significativa desse tipo de abordagem é que há uma relação conceptual entre as ULs que constituem as

obras. A desvantagem, por sua vez, é que para se ter acesso à informação desejada, o usuário tem que compreender a organização interna. Por esse fato, “a ordem sistemática é freqüentemente completada por um índice alfabético” (BARROS, 2004, p. 139).

O registro da entrada verbal sempre estará no infinitivo impessoal, as entradas nominais, substantivo e adjetivo, estarão na maioria das vezes no masculino e singular, desde que os traços conceptuais distintivos não sejam importantes e os plurais lexicalizados ou constituintes de variações semânticas.

Para Barros, a entrada é:

um modelo de realização de palavras-ocorrências e representa, assim, suas variantes. Ela é a síntese morfossintática e léxico-semântica das ocorrências, é o lema, a forma de base, ou seja, a estrutura escolhida segundo as convenções lexicográficas e terminográficas para representar uma palavra. O processo de identificação e de agrupamento conceptual subjacente aos lemas é chamado lematização. (BARROS, 2004, p. 158)

#### **1.9.4 Dicionários: macroestrutura e microestrutura**

A macroestrutura é a organização vertical dos artigos ou entradas, estas podem ser no nível etimológico, lexical, semântico, ordem alfabética, etc. Nos dicionários de língua, a ordem alfabética é a mais praticada, mas nem sempre o lexicógrafo faz tal opção. O *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*, por exemplo, é organizado baseado no princípio etimológico, pois há a junção de palavras pertencentes a mesma família, como rei, rainha, real, etc. Para Barros (2004), portanto, a microestrutura se foca na estrutura interna do artigo ou verbete, sendo bastante variável entre as obras lexicográficas que devem trazer as especificações necessárias em seu interior.

A microestrutura é formada de um artigo mínimo, ou seja, artigo + enunciado lexicográfico. Além dessa estrutura básica, é possível agregar outros dados, por exemplo: pronúncia – transcrita em código; categoria gramatical – traços morfossintáticos; etimologia – origem da palavra; exemplos – contextualização ou ocorrência; idiotismos.

Segundo Vilela (1983), a microestrutura pode ser composta pelo seguinte paradigma: entrada + informação (etimológica / ortográfica / fonética / gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação em contexto).

#### **1.9.5 Os três macroparadigmas**

As informações lexicográficas são organizadas em três macroparadigmas: o Paradigma Informacional (PI), constituído de elementos como abreviaturas, categoria gramatical, conjugação, campo léxico, campo semântico, gênero, número, pronúncia, etc; o Paradigma Definicional (PD), que faz a descrição dos semas ou unidades de significação; o Paradigma Pragmático (PP), que é formado de informações contextuais, tais como exemplos e abonações. Para Andrade (1998, p. 5),

O número de “informações” sobre uma entrada pode ampliar-se indefinidamente. Os macroparadigmas podem se subdividir em microparadigmas, variáveis em quantidade e qualidade, conforme a natureza da obra. Significa que outros paradigmas podem ser acrescentados ao artigo mínimo, ampliando as informações da microestrutura: índices da frequência, nível de rapidez da difusão de uma palavra, emprego preferencial por um autor, relações de significação (sinonímia, hiperonímia, antonímia, homonímia, analogias, ilustrações, etc.).

## **1.10 Particularidades dos dicionários analisados**

### **1.10.1 Particularidades do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa***

O projeto de elaboração do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* se fundamentou em três princípios básicos: levantamento de nominata abrangente que, posteriormente, tem suas entradas definidas com base no grupo etimológico; análise dos elementos mórficos da língua; datação das unidades léxicas. Perspectivas essas descritas pelos autores Houaiss e Villar no prefácio da obra.

Na segunda etapa do dicionário, houve a conferência do material coletado e sua padronização. Os colaboradores se preocuparam em fornecer algumas informações aos usuários, como nível de uso, sinônimos, coletivos, uso das palavras, etc.

Este dicionário busca insistentemente definir as ULs apresentadas, já que a sinonimização muitas vezes resulta em mais de um sentido, dificultando as conceituações por parte do consulente — lembrando que os dicionários são consultados para que o consulente não tenha dúvida em referência aos sentidos de determinada UL. Sendo assim, os redatores deste dicionário foram incitados a evitar a sinonimização e privilegiar os sentidos reais dos léxicos.

A base documental do dicionário em questão é, segundo Houaiss & Villar (2001):

milhares de obras literárias, técnicas e didáticas, fichários, periódicos, leituras eletrônicas, varreduras eletrônicas. Os textos constituintes dos verbetes foram confrontados com inúmeros dicionários do século XVI e com um número significativo de obras de outros idiomas, todos constante na bibliografia geral. A obra trabalha com 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica ou geográfica da língua. A finalização do dicionário se desenvolveu em 15 anos de trabalho, contando com o auxílio de 34 redatores generalistas e especialistas, e 43 colaboradores externos.

É significativo especificar que os dados descritos constam no prefácio do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001)*.

### **1.10.2 Particularidades do *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa***

A primeira edição do *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* foi lançada em 1975. No prefácio da obra, o professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira dá um destaque especial à tarefa árdua dos dicionaristas que necessitam de pesquisas e mais pesquisas para a elaboração de uma obra lexicográfica aceitável e de confiança.

Em 1986, a sociedade é presentada com a segunda edição do dicionário Aurélio que buscou um aprofundamento no nível das definições lexicográficas, de termos pertencentes a outras línguas, como anglicismos, galicismos, arabismos, africanismos. Além dos registros de léxicos pertencentes ao regionalismo, gírias e usos populares do PB.

Após a morte do professor Aurélio Buarque, as atualizações foram conduzidas pelas principais colaboradoras, Marina Ferreira e Margarida dos Anjos, e mais 50 profissionais da área. Na atualização do dicionário Aurélio, tem-se como foco sempre melhorar as definições já existentes e agregar novas ULs devido obviamente à dinamicidade da língua. A obra conta com mais de 435 mil verbetes, locuções e conjunções. Esses aspectos são observáveis no prefácio do *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*, publicado em 1999.

### **1.10.3 Particularidades do *Dicionário da Bíblia de Almeida***

O *Dicionário da Bíblia de Almeida* foi organizado pela Sociedade Bíblica do Brasil, tendo como foco definir e/ou descrever verbetes que giram em torno de conteúdo bíblico ou referente às culturas dos tempos bíblicos, além de léxicos da língua portuguesa que apresentam alguma dificuldade de compreensão, como alegoria, deísmo, apócrifo, etc.

Ao se analisar este dicionário não se identifica a formação acadêmica dos elaboradores, Werner Kaschel e Rudi Zimmer, o que nos possibilita afirmar que a obra não trabalha em uma perspectiva terminológica, mas, sim lexicográfica, isso porque a maioria das ULs pertence mais à língua geral do que à língua de especialidade.

No prefácio da obra, há uma marcação do público-alvo, ou seja, pastores, pregadores, evangelistas e professores de escola bíblica e, principalmente, os usuários que leem a *Bíblia Almeida*, de autoria de João Ferreira de Almeida, importante figura do protestantismo português, que traduziu a Bíblia para a língua portuguesa. Cabe destacar, ainda, que este dicionário constrói uma organização de campos lexicais relacionados com a teologia e a bíblia, como adoração, alegoria, eucaristia, salvação, politeísmo, teocracia, etc.

#### **1.10.4 Particularidades do *Dicionário Ilustrado da Bíblia***

O *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, de autoria de Ronald F. Youngblood, foi editado pela primeira vez em 2004, sendo constituído de 7 mil verbetes, uma breve análise de todos os livros da Bíblia, mapas e gráficos que situam seus leitores, verbetes organizados em campos temáticos, por exemplo, o da salvação, e ainda fotos coloridas que ilustram e esclarecem temas bíblicos. Todos esses dados estão organizados em 1.536 páginas.

A obra lexicográfica em questão especifica que seu objetivo central é auxiliar seus consulentes a entender, em uma linguagem acessível, tema de grande complexidade no mundo acadêmico. O dicionário expõe uma série de pesquisas realizada nas mais diferentes áreas do conhecimento: Arqueologia, Cultura, História, Sociologia e Teologia Bíblica. No prefácio da obra, constata-se que esta não é direcionada apenas para estudantes de Teologia, líderes cristãos, pastores, mas, sim, a qualquer consulente que tenha dúvida sobre a significação de um determinado verbo.

Nas palavras de Luiz Sayão, mestre em hebraico pela USP e coordenador das comissões de tradução da Nova Versão Internacional e da versão Almeida século XXI, o *Dicionário Ilustrado da Bíblia* é “uma ferramenta de grande valor para os estudiosos das Escrituras, pois, além de ser um dicionário bíblico atualizado, é repleto de fotos e ilustrações que muitas vezes comunicam mais que centenas de palavras. É perfeito para o pastor, o professor de escola bíblica e para o leitor comum”.

Diante da situação exposta, compreende-se que este dicionário tem como função auxiliar qualquer tipo de consulente, independentemente do tipo de fé professada por ele. Durante o processo de análise dos textos que definem os verbetes, verificaremos se tal fato

se desenvolve e quais são os tipos de ideologias pregadas nas definições dos textos dos verbetes.

## CAPÍTULO II

### 2. OUTRAS QUESTÕES PERTINENTES

#### 2.1 Conceituação de definição

##### 2.1.1 O que é definição?

A definição, na perspectiva lexicográfica, é analisada como uma ciência que tem como foco a palavra ou signo linguístico. Seu principal objetivo é a construção da distinção tanto no nível do sentido quanto no nível de uso. Mais uma especificidade dessa abordagem é que não se preocupa com todas as particularidades do conceito, mas, sim, com os traços que diferenciam uma UL de outras pertencentes à língua. Cabe destacar que a Lexicografia traz à tona a definição das ULs no sentido denotativo, conotativo e outros níveis de significação, lembrando que, em algumas situações, as definições são elaboradas a partir de sinônimos, paráfrases e enumerações.

De acordo com os princípios de Cano (2005), a definição lexicográfica se concretiza devido a todo tipo de relação de equivalência entre a entrada e as expressões explicativas que buscam defini-la. Ao se empregar a expressão “todo tipo de relação de equivalência” é perceptível que há uma série de definições distintas que ocasionam os mais variados posicionamentos linguísticos.

Autores como Bugueño tentam articular uma taxonomia de definições que está pautada em sistematização e critérios para cada tipo de definição. Cano (2005) descreve três tipos de definições: enciclopédica, teológica e genética, e linguística, estas por sua vez são subclassificadas em mais de vinte tipos de definição. Salienta-se, ainda, que essa taxonomia muitas vezes não se mostra eficiente, tendo em vista que justifica os conteúdos expressos sobre definição nos dicionários. Para Fornari (2009) com exceção de Bosque (1982) e de Bugueño (2009):

[...] a maioria das taxonomias com que se conta atualmente a metalexiconografia não está fundada em critérios ordenados, mas constitui somente compilações de diversos tipos de definição. Em lugar de se propor parâmetros para a redação das definições, todo tipo de definição é dada como válida. No entanto, muitas delas não são eficazes na função de elucidar o significado de uma palavra como, por exemplo, “definición

conceptual sinonímica compleja,” tipo de definição formada por dois ou mais sinônimos das palavras como acontece em *medro*, s.v. Vox (2003):

**medro nombre masculino**

Mejora o progreso, especialmente el de una persona en su posición económica o social: Vox (2003, s.v. *medro*).

Em primeiro lugar, questionamos a eficácia da utilização de sinônimos na definição, ao invés de uma paráfrase. Além disso, os sinônimos empregados na acepção não são intercambiáveis, uma vez que *mejora* e *progreso* são dois processos diferentes, em hipótese alguma são sinônimos e não pressupõem as mesmas inferências por parte do consulente. Isso significa dizer que, enquanto “*mejora*” indica necessariamente que algo passou de um estado ruim a um melhor, conforme o próprio dicionário “cambio o progreso de una cosa que está en condición precaria hacia un estado mejor” (Vox, 2003 s.v. *mejora*), *progreso* não implica essa anterior condição de precariedade: “*mejora* o avance que experimenta una persona o una cosa hacia un estado mejor, más avanzado o más desarrollado”. (Vox, 2003 s.v. *progreso*) (FORNARI, 2009, p. 171-172)

Na concepção de Fornari (2009), quando há situações em que se manifestam mais de uma equivalência, o consulente fica com a responsabilidade de verificar a que melhor se adequa a suas necessidades comunicativas e, ainda, se as equivalências são consideradas pelos usuários da comunidade linguística. Depois dessas considerações, torna-se viável separar a definição em acepções distintas, focalizando em especial a ordenação das acepções, tendo em vista que a função de uma obra lexicográfica é usual.

Secco (2003) trata as definições sob dois níveis: “próprias” e “impróprias”. As definições próprias estão focadas na metalinguagem do conteúdo, pois explicam o que é a UL definida. Já as definições impróprias trabalham com a metalinguagem do signo linguístico, explicando como se empregar a UL nos diferentes contextos discursivos.

Pensando a teoria da definição sob uma perspectiva metalexiconográfica, faz-se necessário, segundo Fornari (2009), analisar os princípios apontados por Cano (2005, p. 209) que regeriam as definições do dicionário: equivalência, substituição, identidade categorial ou funcional, transparência e autossuficiência. O princípio da equivalência, segundo Cano (2005, *ibid*), diz que “uma definição será correta se o definidor contém todo o definido e nada mais que o definido”.

### 2.1.2 Uma visão filosófica e lógica acerca da definição

A conceituação de *definição* tem lugar de destaque nas ciências e, ainda, é elemento essencial em áreas como a filosofia e a lógica. Essas analisam e conceituam a definição de forma bastante distinta, o que possibilita a existência de muitas teorias que

buscam essa conceituação. Uma das teorias que se destaca está intimamente relacionada com o livre arbítrio do falante. Este escolhe qual é o significado da UL. Tal situação pode ser comprovada no emprego da palavra “desmorreu” na enunciação abaixo:

Pai e filho passeiam pelo terreiro. De repente, o filho vê uma formiga e pisa em cima dela. Como ela permanece imóvel, o filho afirma:  
 - Pai, a formiga morreu!  
 Segundos depois, a formiga volta a andar e o filho exclama:  
 - Pai, a formiga *desmorreu!* (ROCHA, 1998, p. 21)

Percebe-se que ao empregar a palavra *desmorreu*, o falante tem como intuito marcar que a formiga voltou a viver, isto é, o falante criou um novo significante e significado a partir de outros já existentes, e também atribuiu um sentido, confirmando a questão do livre arbítrio dado ao indivíduo.

As abordagens mais significativas sobre **definição** para este trabalho estão organizadas na obra *Essays on Definition*. Nesta, Sager (*apud* COUTO, 2003) fez um apanhado de vários autores como Aristóteles, Platão e Ricket, que se propuseram a realizar um estudo filosófico da definição, considerando questões teóricas e práticas.

É interessante marcar que as regras estabelecidas por Aristóteles acerca da definição são retomadas em vários livros de lógica até 1930, com pequenas alterações. O teórico defende ainda a ideia de que a definição seja a essência de uma coisa, pois no processo de construção da definição não só se explica a classe a que pertence a palavra, como também se determina o gênero e as suas diferenças específicas. Os dois últimos princípios, para Aristóteles, fundamentam a elaboração da definição que está centrada em aspectos como clareza do discurso, representação do objeto/coisa, ausência da UL definida no texto definitório, etc. Todos esses aspectos auxiliaram significativamente os estudos posteriores sobre definição.

Para Pascal (*apud* COUTO, 2003), a definição de uma UL deve ser construída considerando alguns pontos: “as coisas” só podem ser definidas por meio de outras palavras que as expliquem; as ambiguidades devem ser anuladas; a elaboração do texto tem que privilegiar palavras conhecidas ou que estejam previamente explicadas. Cabe salientar que essa definição filosófica de Pascal — denominada de nominal — subsidiou os estudos da matemática e da lógica.

Outro posicionamento bastante interessante é o de Mill (*apud* COUTO, 2003), que entende que a definição é uma frase declarativa a qual objetiva dar uma explicação sobre o significado de uma palavra. Para Mill, esse significado pode ser aceito por todos os

membros de uma comunidade, como também apenas de acordo com os propósitos comunicativos daquele que enuncia o discurso falante/escritor. Confirma-se nessa abordagem uma visão bastante dinâmica da língua, pois demonstra que durante o processo enunciativo muitas vezes o falante tem a possibilidade de atribuir a uma palavra um sentido totalmente distinto daquele habitual. Segundo Couto (2003), a preocupação de Mill está centrada

igualmente com a existência de certo tipo de nomes, os nomes próprios, que na sua opinião não podem ser definidos. Introduce ainda alguns tipos de definição: a científica e a técnica. Tendo a definição científica por objeto os termos científicos ou termos comuns usado num sentido científico e sendo o seu objeto servir de ponto de referência para a classificação científica, convém ainda salientar o fato destas definições variarem constantemente devido aos avanços da ciência. Já a definição técnica tem por objetivo explicar a classificação artificial a partir da qual é desenvolvida. (COUTO, 2003, p. 8)

Mill pontua que há dois tipos de definição: aquela que se refere aos nomes, objetivando explicar a UL; e aquela que se refere às coisas, explicando sua natureza intrínseca — a primeira definição, para Mill, não é passível de conceituação. De acordo com Couto (2003), essa perspectiva será tratada com

Algumas variações por autores mais recentes como Robinson (1962) em *Definition*. Robinson fala-nos na existência de uma “word-word definition” e de uma “word-thing definition”, estando estes tipos de definições relacionados com o que ele considera ser a definição nominal, que tem por objetivo explicar o significado de uma palavra. Estabelece ainda dois outros tipos de definição que têm por base a “word-thing definition”, a definição lexical, que explica “the actual way in which some actual word has been used by some actual persons” (*ibid*:35) e a definição estipulativa, que estabelece “What the word was to mean when we used it.” (*ibid*:59). (COUTO, 2003, p. 8)

### **2.1.3 A definição na perspectiva dos dicionários filosóficos**

Na etapa anterior, constatamos que a significação atribuída à UL suscitou inúmeros debates ao longo dos séculos. Debates esses que apontaram os pontos divergentes da palavra definição tanto no nível teórico, quanto no nível de análise. Robinson (1962 *apud* COUTO, 2003) considera que há mais de dezoito formas de definição abordadas por diversos autores.

Ao se abordar a questão das diferentes formas de definição, Kemerling (2001 *apud* COUTO, 2003) defende o posicionamento de que a palavra ou frase pode ser articulada de

acordo com o contexto de produção e/ou com base nos objetivos enunciativos do locutor discursivo.

Os conceitos de definição expostos nos dicionários de filosofia inicialmente apresentam-se em seu sentido mais ampliado e, mais tarde, são desenvolvidos o processo de enumeração e as diferentes formas de definição. Tal posição pode ser identificada nas obras *The Oxford Companion to Philosophy*, de Honderich (1995), e *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, de Audi (1996). Já na obra *Philosophy Pages* não se identifica uma definição do conceito de definição, mas, sim, a descrição e a exposição de regras que auxiliam na elaboração das definições conotativas relacionadas ao léxico comum.

## **2.2 Linguagem, Semântica e História**

Nesta etapa, teceremos alguns comentários a respeito de uma ciência que tem como foco de análise a construção da significação, ou seja, a Semântica, nomenclatura empregada por Michel Bréal em 1883. O estudo de Bréal era extremamente inovador, tendo em vista que propunha uma agregação entre o plano fonético e morfológico, e ainda uma visão muito mais abrangente de língua. Segundo Sapir (1929, p. 8), “a linguagem é um método puramente humano, e não instintivo de se comunicar em idéias, emoções e desejos, por meios de símbolos voluntariamente produzidos”. Bloch e Trager (1942, p. 5 *apud* LYONS, 1991), por sua vez, entendem que “uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera”. Os posicionamentos descritos demonstram que a linguagem é vista e analisada sobre perspectivas distintas, assim como a Semântica.

Ao se realizar um recuo histórico, se comprova que até o século XIX os estudos da linguagem se pautavam apenas em uma abordagem diacrônica — campo que estuda as mudanças de significação que as palavras sofrem no decorrer dos tempos —, buscando na maioria das vezes observações de origem latina e grega. No início do século XIX, constata-se uma mudança nos estudos gramaticais, uma vez que as palavras comuns a diversas línguas indoeuropeias passam a ser estudadas.

Inegavelmente, o século posterior é marcado pelos estudos de Ferdinand de Saussure, idealizador do Estruturalismo. Desenvolvem-se, nesse momento, os primeiros trabalhos sincrônicos — abordagem que faz um recorte da história, focalizando a polissemia de cada palavra, os campos semânticos de cada palavra e sua associação com

outras, a homonímia, a sinonímia, a expressividade, a influência da conotação e a possibilidade de significação figurada em cada palavra.

Com a consolidação do Estruturalismo, Saussure impulsiona vários seguidores que posteriormente seriam os grandes nomes do estruturalismo. Por volta de 1974, na Escola de Genebra, Bally define a Semântica como o estudo de elementos afetivos da linguagem, dando ênfase ao conhecimento estilístico. Evidenciam-se, nessa exposição, que os meios de expressão são empregados de forma intencional e de acordo com os propósitos comunicativos.

Jost Tier, elaborador do campo linguístico, afirma que as palavras são formadas de estrutura, e esta constitui outras palavras. Analogicamente, para ele, uma palavra representa uma peça de um quebra-cabeça, pois se houver uma mudança na palavra ou em seu sentido, é impossível de se montar o quebra-cabeça, considerando que os conceitos só se referem ao campo real como se as peças não pudessem ser alteradas.

Retomando ao estruturalismo de Ferdinand de Saussure, a língua é um sistema de signos que por si dão conta da significação. Fazendo uso das palavras de Saussure:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Este não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...]. O signo lingüístico é pois uma entidade psíquica de duas faces [...]. Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama do outro. (SAUSSURE, 1970, p. 79-80)

Percebe-se, pela situação exposta, que o signo é composto de dois elementos, isto é, o conceito que faz referência ao significado, e a imagem acústica que aponta para o significante. A junção de significado e significante construirá a significação da palavra. De acordo com Saussure, o signo é arbitrário. “O laço que une significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendamos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário” (SAUSSURE, 1970, p. 81).

Para Benveniste, a relação significado e significante não é arbitrária, mas sim “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não o outro”, fazendo que Benveniste considere que na relação “significante e significado, o laço não é arbitrário, pelo contrário, é necessário” (BENVENISTE, 1991, p. 31).

Frege (1978) entende que a arbitrariedade do signo linguístico marca uma discussão entre sentido e referência. Segundo Benveniste (1989, p. 32), “o sentido de uma palavra é seu emprego e o referente é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto de circunstância ou de uso”. Nessa perspectiva, o sentido se refere ao conceito da palavra, à medida que o referente aponta para seu uso em uma determinada língua. Independentemente da teoria em uso e das situações de realizações, a significação se dá a partir do signo e de seus componentes formadores de significante-significado.

Outro campo de atuação da significação é o enunciado, pois este é dotado de um sentido estável que o locutor discursivo re(elabora), podendo ser decifrado pelo interlocutor que dispõe do mesmo código e da mesma língua. Para Maingueneau (2002), na linguagem os enunciados produzidos e analisados só podem ser avaliados dentro de um contexto de produção. O ponto de vista de Maingueneau confirma que a significação não se limita apenas ao enunciado, mas também ao contexto discursivo.

É importante ressaltar que a significação é estudada em várias áreas do conhecimento. Na sequência, abordaremos a significação na perspectiva do discurso.

### **2.3 O discurso e suas definições**

Em 1960, o discurso se torna objeto de estudo da Análise do Discurso (AD). Esta não considera a linguagem como transparente. Todas as palavras proferidas em uma situação discursiva, na maioria das vezes, estão carregadas de inúmeras significações.

Nos estudos discursivos, tanto a forma quanto o conteúdo são fundamentais para a construção do sentido de um texto, pois a língua não é apenas estrutura, mas sim um acontecimento. Durante o processo de elaboração e recepção do discurso, locutor e interlocutor constroem um conhecimento próprio e dialogam em várias áreas, como a História, Sociologia, Comunicação, Filosofia, etc.

A AD tem como pressuposto que as situações enunciativas são articuladas a partir dos sujeitos envolvidos, de suas inscrições na história e das condições de produção da linguagem. Nessa perspectiva, percebe-se que o analista do discurso valoriza situações de uso da língua e a sua exterioridade. Fernandes (2005, p. 25) compreende que o discurso “não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se, então, por meio de uma materialidade lingüística, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (lingüísticos e/ou semióticos) estruturalmente elaborados”.

O posicionamento de Fernandes traduz o objetivo dos analistas do discurso que é levar em consideração não apenas o que é dito em um determinado momento, mas também fazer uma relação desse dito com um outro dito em situações anteriores, ou ainda, com o não dito. Também importante lembrar que os sujeitos são vistos sob aspectos sociais e históricos que desempenham em relação as suas formações discursivas e filiações.

Um dos maiores precursores dos estudos do discurso é sem dúvida o francês Michel Pêcheux, o qual é influenciado fortemente pelas correntes marxistas. De acordo com Pêcheux, o discurso não é constituído por sujeitos individuais, mas sim por sujeitos que se constituem a partir de uma ideologia. A teórica contemporânea da AD Gregolin (2003), após analisar e avaliar as concepções de Michel Pêcheux, afirma que:

O sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido, um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva. (GREGOLIN, 2003, p. 27)

Os discursos não são elaborados de maneira aleatória, os sujeitos constroem seus discursos com base em outros momentos enunciativos anteriores, direcionados obviamente pelas situações sócio-históricas a que todos os indivíduos são expostos, o que vai contribuir para suas representações discursivas a respeito do mundo. Ao considerar essa perspectiva, uma das pioneiras nos estudos do discurso no Brasil, Orlandi (2001), apresenta um posicionamento sobre os estudos da língua e interpretação:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é a contribuição da AD, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2001, p. 9)

A instância discursiva é caracterizada pelas várias ideologias que perpassam a sociedade, pelos diferentes contextos em que os sujeitos se envolvem, além da materialidade discursiva. É perceptível que inúmeras visões de mundo se manifestam no

discurso, demonstrando, assim, que o indivíduo é um ser social e histórico que se constrói e se reconstrói todos os dias.

### 2.3.1 A intrínseca relação entre ideologia e discurso

A UL ideologia é constituída de diferentes acepções. Uma conceituação mais neutra acerca dela procura defini-la como um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo individual ou de um grupo. Geralmente esses conceitos são direcionados, tendo como base critérios sociais. Uma outra acepção de ideologia está diretamente relacionada a um instrumento de dominação que tem como objetivo central persuadir ou dissuadir, de maneira prescritiva, alienando a consciência humana.

Historicamente, a palavra ideologia foi definida (1801) por Antoine-Louis-Claude Destutt, filósofo e líder da escola filosófica dos **Ideólogos**, como ciência das ideias, atribuindo à ideia o sentido abrangente de estados de consciência. Alguns anos depois, ela passou a ser vista de forma pejorativa por Napoleão Bonaparte, o que o levou à proibição da disciplina Ciência Moral e Política, no Institut de France (1812), pois, segundo Napoleão, as palavras empregadas por Destutt e pelos professores pregavam uma oposição ao governo. Na Antiguidade Clássica e na Idade Média, por sua vez, a ideologia era analisada como um conjunto de ideias ou opiniões da sociedade.

Na obra *Ideologia e cultura moderna*, de John B. Thompson, que é um sociólogo e professor da Universidade de Cambridge, a ideologia pode ser analisada sobre duas perspectivas: neutra e crítica. Thompson defende e classifica os conceitos empregados por Destutt de Tracy, Lênin, Georg Lukács e a "formulação geral da concepção total de Mannheim" como concepções *neutras*; já os conceitos empregados por Napoleão, Marx (concepções polêmica, epifenomênica e latente) e a "concepção restrita de Mannheim" viriam a ser concepções críticas. John B. Thompson define a ideologia criticamente, embasado na concepção de Marx de que a "ideologia são as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação". (2002, p. 75)

Entende-se, assim, que a ideologia está associada à elaboração de um mascaramento da realidade ou uma falsa consciência — ponto de vista de Marx —, todavia Thompson deve compreender que isso seja uma possibilidade, e não uma obrigatoriedade. Quando se analisa a ideologia e a dominação que pode se desenvolver por meio dela, Marx faz referência apenas às relações das classes sociais, já Thompson insere uma série de dominações que perpetuam nas diferentes esferas sociais, como a relação entre brancos e

negros, homens e mulheres, adultos e crianças, pais/mães e filhos(as), chefes e subordinados, nativos e estrangeiros, padre/pastores membros de suas igrejas.

A ideologia, no posicionamento crítico, não é definida como uma ideia ou um conjunto de ideias, mas, sim, como a criação e/ou manutenção de dominação por meio de quaisquer instrumentos simbólicos: seja uma palavra, uma frase, um parágrafo, um texto, um artigo de opinião, uma notícia, uma reportagem, um filme, uma peça publicitária ou um discurso.

Esse último e a ideologia caminham de mãos dadas. As noções ideológicas se manifestam nos discursos sejam por meio das marcas formais, das condições de produção ou, ainda, da formação ideológica de cada indivíduo. Sabe-se que muitas vezes as ideologias podem transformar ou reproduzir as relações de dominação. Marx entende que a dominação se desenvolve a partir das condições de produção e das relações que essas estabelecem com um determinado grupo de indivíduos e/ou com a sociedade. Seguindo essa visão, a ideologia elabora uma “falsa consciência” acerca da realidade que objetiva reforçar ou perpetuar a dominação. Gramsci, por sua vez, compreende que a ideologia não é enganosa, muito menos negativa, ela apenas constitui o ideal de um grupo de indivíduos.

### **2.3.2 Discurso religioso e as manifestações de intencionalidade**

Para Orlandi (1993), o discurso religioso é assimétrico, pois as relações entre locutor e interlocutor se concretizam em dois planos: de ordem espiritual e temporal. O primeiro faz referência direta à voz de Deus, já o de ordem temporal, aos interlocutores humanos. Nesse tipo de discurso de autoridade, a interação é condicionada ao próprio dizer: único e inquestionável, uma vez que o interlocutor representa e fala em nome de Deus, sem na verdade ser ele. A linguística em questão denomina de ilusão da reversibilidade: *o como se fosse sem nunca ser*, limitando ainda o sentido das palavras, frases e enunciações. Tal situação estabelece uma relação de virtual interação entre Deus e seu representante terreno, que é designado e autorizado a sê-lo, ou seja, os padres, pastores, missionários, freiras, etc.

No discurso religioso, o poder de Deus é sustentado pela desigualdade de papéis e de lugares, conforme se observa no seguinte trecho:

Além da fé, é necessária a humildade. Humildade no sentido de sentirmos dependentes de Deus. Nós precisamos de Deus... Sem ele nada

podemos fazer (Jo 15:5). Aliás, o que levou o homem a afastar-se de Deus foi a auto-suficiência, foi pensar que poderia ser igual a Deus (Gn, 3,5b), não se aceitando como criatura. (Pe. LÉO, 1994, p. 91)

O discurso religioso é formado de várias assimetrias, como: criador/criatura; imortalidade/mortalidade; onipotência/submissão; senhor/servo. Isso estimula e gera a carência humana: a necessidade de salvação para a vida eterna — lembrando que o campo lexical de estudo do trabalho é a **salvação**.

Falar nesse tema demanda que se aborde a questão da fé, pois esta é direcionada pelo princípio da exclusão, segundo Orlandi (1993), pois os que acreditam no discurso religioso entendem este como uma promessa e que as pessoas que creem em Deus serão salvas, quando Jesus voltar pela segunda vez. Já para aqueles que não creem na segunda volta de Jesus, valorizam o hoje, sem obrigatoriamente pensar em **salvação** ou **condenação**.

O discurso religioso faz referência a um saber que o interlocutor já tem ou espera adquiri-lo no processo comunicativo. Para a elaboração desse saber, há o emprego de alguns recursos linguísticos ou práticas discursivas, como o uso performativo do modo imperativo, da intertextualidade e do intertexto.

O intertexto — fragmentos retirados da Bíblia — impõe e consolida a autoridade à fala do locutor, pois a leitura comprova que aquilo que está sendo dito foi o próprio Deus que inspirou homens a escreverem. Isto possibilita que o interlocutor adira à enunciação do locutor. Alguns recursos linguísticos são os performativos: *crer é, tem que, imitemos, permaneçamos*. Segundo Wilson, o intertexto:

constrói-se como estratégia de autoridade, como **advertência**, colocando o leitor numa situação em que não há saída: ou ele segue as palavras de Deus, ou está arruinado. Advertência nesse contexto assemelha-se à ameaça, e não há chance para a não-adesão prática e discursiva. As palavras de Deus são incontestáveis, e o texto que se desenvolverá a partir desse fragmento que introduz o livro será o reflexo de uma verdade já anunciada. (WILSON, 2003, p. 154)

Constata-se, então, que o representante de Deus tem autoridade para dizer o que diz, uma vez que quem fala, fala de uma determinada posição social e histórica, e quem lê, lê também a partir dessa perspectiva. Para Wilson (2003), o discurso religioso é parafrástico, tendo em vista que o nível de dizer é recorrente e, muitas vezes, carregado de intersubjetividade que ocasiona uma reprodução de modelos e condutas cristalizadas que se baseiam apenas em crença.

É importante marcar que o discurso religioso é regido por dois aspectos: o subjetivo e o objetivo. Esses aspectos se referem à dependência que o sujeito-interlocutor terreno — tem em relação a Deus — locutor divino. A subjetividade se desenvolve no nível sentimental. Já a objetividade se concretiza em ações — conjunto de dogmas, mitos, rituais, etc. Todos esses princípios estabeleceram um relacionamento entre o homem e Deus.

## CAPÍTULO III

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Escolha do *corpus*

As Unidades Lexicais (ULs) escolhidas para análise pertencem ao campo lexical da **salvação**, classificação proposta pelo *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Seguem os itens que serão foco da análise: aliança, adoção, apostasia, arrependimento, circuncisão, confissão, conversão, crente, culpa, eleição, expiação, fé, graça, justificação, justo, liberdade, maldição, mistério, propiciação, reconciliação, redenção, regeneração, remorso, salvação e soteriologia.

Entre os vários campos lexicais destacados no *Dicionário da Bíblia de Almeida*, como ação de graças, altar, aleluia, devoção, espírito, etc., optou-se pelo campo lexical da **salvação**, porque socialmente o tema é foco de inúmeras discussões, fazendo com que vários autores se dediquem à retratação da “salvação ou não após a morte”, seja em obras de cunho literário ou gêneros, como a telenovela. Não é difícil ouvir inúmeras especulações de quando o mundo vai efetivamente acabar. E, então, quem seria salvo?

O objetivo do trabalho é verificar quais as noções ideológicas que estão marcadas nos textos definitórios e se as obras contemplam as necessidades comunicativas dos consulentes. Para o desenvolvimento do trabalho, escolhemos as seguintes obras dicionarísticas: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001); *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (1999); *Dicionário da Bíblia de Almeida* (2005); *Dicionário Ilustrado da Bíblia* (2004).

#### 3.2 Procedimento de análise

Neste trabalho, pretendemos contribuir para os estudos lexicológicos realizados em nossa instituição de origem — Universidade Estadual de Maringá — e também no Brasil, já que o objetivo central é verificar as características das definições lexicográficas (e a importância desses traços distintivos na construção do texto definitório). Em princípio, o estudo se pauta em uma análise de cunho semântico, tendo como base a semântica, as noções de ideologias e as particularidades da Lexicografia.

Depois dessa etapa, verificaremos as particularidades mais significativas e elaboraremos uma sistematização dos dados. Na sequência, construiremos uma análise comparativa dos textos que buscam definir os verbetes pertencentes ao campo lexical da **salvação**, confirmando ou não as semelhanças ou distinções entre as definições e as ideologias manifestadas por elas.

### 3.3 Justificativa

O interesse é analisar como as ULs pertencentes ao campo da **salvação** são definidas nas obras já aludidas. O foco central é fazer uma análise comparativa dos textos que definem as ULs, verificando se esses textos sanam as necessidades comunicativas dos consulentes das obras em estudo, e ainda, quais as ideologias manifestadas na construção dos textos. É importante salientar que as ULs não só constituem o campo da **salvação**, mas também pertencem à língua geral.

A escolha pelos dois primeiros dicionários se justifica porque as obras buscam definir unidades pertencentes à língua geral e, na atualidade, são as obras lexicográficas mais consultadas pelos usuários da língua portuguesa no Brasil, seja no ambiente escolar ou fora dele.

Já os dois últimos dicionários citados foram foco de escolha porque trabalham com as unidades pertencentes ao campo da **salvação**. A primeira obra auxiliou na escolha do campo lexical, uma vez que define as ULs aliança, adoção, apostasia, arrependimento, circuncisão, confissão, conversão, crente, culpa, eleição, expiação, fé, graça, justificação, justo, liberdade, maldição, mistério, propiciação, reconciliação, redenção, regeneração, remorso, salvação e soteriologia, como pertencentes ao **campo léxico da salvação**. E o *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, por ter um caráter religioso, contém as ULs pertencentes ao campo de interesse. Torna-se imprescindível destacar que em uma breve leitura dos textos definitórios, constata-se que as duas obras tendem a trabalhar ULs em uma perspectiva terminológica, o que não é viável, uma vez que essas ULs devem ser tratadas em uma abordagem lexicográfica, já que essas auxiliam na construção do campo lexical da salvação, mas são constituintes da língua geral. Há aqui o que poderíamos denominar de processo de terminologização.

Durante as análises, vamos tentar verificar se os textos definitórios sanam realmente as necessidades comunicativas dos consulentes, uma vez que estes, na maioria das vezes, só fazem uso desse tipo de obra para consultarem suas possíveis dúvidas sobre

os significados de determinadas ULs. Entende-se que as quatro obras deveriam focalizar as significações mais abrangentes sobre as 25 ULs que constroem *o campo da salvação*.

O outro ponto significativo da análise é que os textos definitórios são constituídos por múltiplos significados e de ideologia. Tudo indica que esse fato se manifesta, principalmente, no *Dicionário da Bíblia de Almeida* e no *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, pois esses são tendenciosos a direcionarem seus consulentes à adoção da fé cristã. É importante destacar que as ideologias do Cristianismo podem estar marcadas direta ou indiretamente na construção dos textos. Já o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e o *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* podem suprimir as ideologias que perpassam o Cristianismo, e até mesmo destacarem os preceitos presentes em outras religiões como Hinduísmo, Budismo e Islamismo.

Pontua-se, então, que o objetivo do presente trabalho é analisar se as necessidades comunicativas dos consulentes dessas obras lexicográficas são supridas pelos textos definitórios. E ainda como é conduzida a construção da ideologia presente nos textos definitórios, principalmente em relação ao Cristianismo.

Esta proposta de trabalho pode ter uma importância significativa, uma vez que faz uma análise comparativa de quatro obras de cunho lexicográfico que buscam definir ULs pertencentes ao **campo da salvação** — temática que tem suscitado inúmeros debates nas várias comunidades linguísticas e religiosas. Pode contribuir ainda para os estudos lexicográficos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá.

### 3.4 Campos da ficha lexicográfica

A ficha lexicográfica se organiza em seis campos: categoria gramatical; etimologia; definição 1 - *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*; definição 2 - *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*; definição 3 - *Dicionário da Bíblia de Almeida*; definição 4 - *Dicionário Ilustrado da Bíblia*.

#### 3.4.1 Estrutura da ficha lexicográfica

O quadro abaixo demonstra a ficha lexicográfica da UL.

Categoria gramatical	
Etimologia	

Definição 1	
Definição 2	
Definição 3	
Definição 4	

Quadro 1: Ficha lexicográfica da unidade lexical.

### Descrição dos campos da ficha lexicográfica:

Apresentação da UL em análise.

**Campo 1.** Categoria gramatical: apresentação da categoria gramatical a que pertence cada UL em análise;

**Campo 2:** Etimologia: neste tópico, é apresentada a história ou origem da UL e da explicação do significado da mesma por meio da análise dos elementos que a constitui;

**Campo 3:** Definição 1: exposição do texto definitório do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*;

**Campo 4:** Definição 2: exposição do texto definitório do *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*;

**Campo 5:** Definição 3: exposição do texto definitório do *Dicionário da Bíblia de Almeida*;

**Campo 6:** Definição 4: exposição do texto definitório do *Dicionário Ilustrado da Bíblia*.

Abaixo, um exemplo de ficha lexicográfica preenchida, a UL apostasia:

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[do grego antigo <i>ἀπόστασις</i> (estar longe de).]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> REL renúncia de uma religião ou crença, abandono da fé (esp. da cristã); renegação <b>1.1</b> REL quebra de votos, abandono da vida religiosa ou sacerdotal, sem autorização superior <b>2.</b> p. ext. ato de renunciar o partido, doutrina, teoria, etc.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Separação ou deserção do corpo constituído (de uma instituição, de um partido, de uma corporação) ao qual se pertencia <b>2.</b> Abandono da fé de uma igreja, especialmente a cristã <b>3.</b> Abandono do estado religioso ou sacerdotal.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Negação e abandono de fé <b>2.</b> A revolta final contra Deus.
<b>Definição 4:</b>	Ato de renunciar a uma crença ou religião. A nação de Israel caiu em apostasia diversas vezes. Jeremias profetizou a respeito do julgamento de Deus sobre essa traição.

Quadro 2: ficha lexicográfica da unidade lexical apostasia.

### 3.4.2 Categoria gramatical: substantivo e adjetivo

No Capítulo I, se encontra um breve histórico das classes de palavras. Gostaríamos de salientar que o trabalho em questão destaca as ULs pertencentes à classe dos substantivos e adjetivos.

Os substantivos são definidos como: ULs que têm como objetivo nomear seres reais, seres fictícios, objetos, lugares, sentimentos, etc; ULs flexionadas em gênero e número; ULs que exercem funções discursivas de acordo com o seu posicionamento dentro do discurso. Essas abordagens levam em conta respectivamente os seguintes critérios: semântico, morfológico e sintático, seguindo o posicionamento de Herman Paul (*apud* CAMARA Jr., 1974).

Os adjetivos, por sua vez, são ULs que estão intimamente relacionadas com os substantivos. Semanticamente, os adjetivos caracterizam os substantivos, flexionando-se em gênero e número — concepção morfológica e, ainda, podem ter várias funções dependendo de sua posição na enunciação.

Das 25 ULs em análise, apenas a UL *crente* pertence à classe das palavras adjetivas, todas as outras são substantivas.

### 3.4.3 Etimologia

Etimologia é a parte da gramática que se dedica a estudar a história, a origem e os sentidos das palavras. Estes são elaborados a partir dos elementos que constituem as ULs. Em outras palavras, a etimologia estuda como se desenvolve a composição e as regras de formação das palavras, considerando o processo histórico ou diacrônico.

Quando se analisa algumas palavras inseridas na língua portuguesa, percebe-se que essas têm origem em outras, obviamente, que na maioria das vezes se desenvolvem modificações nessas palavras devido às questões fonéticas, morfológicas, semânticas, etc. Vários exemplos dessa situação são visíveis neste trabalho, como a UL aliança: do francês [alliance], adoção [do latim adoptare]. Os responsáveis, por esse trabalho, são os etimologistas, que buscam reconstruir a história da palavra, analisando os seguintes pontos: situações de uso, suas fontes, suas formas e seus significados.

A própria UL etimologia vem do grego ἔτυμον (étimo, o verdadeiro significado de uma palavra, de 'étymos', verdadeiro) e λόγος (lógos, ciência, tratado). Nas 25 fichas lexicográficas, haverá a exposição da origem de cada UL em análise.

### 3.4.4 Traços das ULs presentes na definição 1 - *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* faz uso da macroestrutura e microestrutura lexicográfica empregadas desde a 1. ed. em 2001. Obviamente que nas edições posteriores constam algumas alterações que serão mencionadas a seguir:

#### 1- Quanto às entradas:

As entradas são constituídas de uma palavra, uma locução, uma frase ou elemento de composição mórfica. Se as entradas pertencem à língua portuguesa, são grafadas em negrito. Já se as entradas pertencem a uma língua estrangeira, são grafadas em negrito tipo itálico. As ULs definidas neste dicionário podem ser palavras simples, compostas com ou sem hífen, elementos mórficos, locuções, reduções ou até mesmo pequenas frases.

#### 2- Campo da ortoépia:

Esta é uma marcação normativa da pronúncia de uma UL, enquanto a transcrição é uma marcação apenas informativa. Essas se apresentam entre barras invertidas após a entrada. A ortoépia se desenvolve em verbetes da língua portuguesa, já a transcrição fonética está presente em UL e locuções pertencentes a outras línguas.

#### 3- Esquema estrutural do verbete:

Após a exposição da ortoépia ou da pronúncia e a indicação da palavra estrangeira, há a definição da classe gramatical que está grafada

em itálico, abreviadamente, com letras maiúsculas, pontos intermediários ou finais, e sem espaços em branco entre seus elementos: substantivo, verbo, adjetivo, numeral, pronome, advérbio, artigo, preposição, conjunção, interjeição.

Acrescentam-se a estas categorias as indicações de locução, fraseologia, redução, abreviatura, sigla, símbolo e apositivo (ou seja, palavra ou locução invariável que condensa uma frase de teor adjetivo ou qualificativo). (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2001, p. 4)

### 3.4.5 Traços das ULs presentes na definição 2 – *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*

O *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* traz as informações dos verbetes organizadas em mais de 20 tópicos que se subdividem em mais de 30. Vamos expor apenas os tópicos que contribuiriam para o entendimento da dissertação:

- 1 - O verbete é encontrado por meio da UL que o encabeça.
- 2 - A cabeça do verbete está em negrito e em cor, identificando o verbete. O *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* registra palavras vernáculas e três tipos de cabeças de verbetes que não pertencem à língua portuguesa, como estrangeirismo, elemento de composição e símbolo.
- 3 - O número que se encontra junto à cabeça do verbete é denominado de índice, empregando-se, quando há palavras homógrafas.
- 4 - A ortoépia tem como função explicar a pronúncia e manifesta-se entre parênteses.
- 5 - A transcrição fonética dos estrangeirismos está após a cabeça e entre colchetes.
- 6 - A etimologia tem como meta sanar as dúvidas do consulente acerca da origem e da formação da palavra, encontra-se após a cabeça (exceto quando há ortoépia ou a transcrição fonética).
- 7 - A marcação da categoria gramatical está em itálico e negrito, construindo, ainda, um espaço destinado à significação e informações referentes à UL na função gramatical indicada pela categoria.
- 8 - A marcação da regência se manifesta quando a categoria gramatical da palavra é um verbo. Nessa situação, se abre um espaço para o significado e informações adicionais sobre o verbo.
- 9 - O número de definição está em negrito, o que facilita a consulta rápida.
- 10 - O *Novo Aurélio séc. XXI* traz os vários significados que constituem a palavra, explicando-a a partir da categoria gramatical apontada (e regência). Segundo Ferreira (1999), “o consulente notará que, às vezes, para uma palavra, o mesmo significado (ou análogo) ocorre em diferentes categorias e/ou regências, e, às vezes, o significado é totalmente distinto em diferentes categorias e/ou regências” (FERREIRA, 1999, p. 15).
- 11 - A rubrica pode se localizar antes das definições ou dentro da definição. No primeiro caso, há uma referência a todas as definições do verbete. Já na segunda situação, há uma referência apenas àquela definição que está descrita.
- 12 - Segundo Ferreira (1999, p. 15), a remissiva

envia o consulente a outro verbete, ou locução, ou definição, onde encontrará a definição que descreve um significado similar ou complementar ao da palavra no contexto em que está sendo consultada, ou poderá confrontar com outras definições que elucidarão melhor este significado. ~V. seguido por palavra(s) em itálico remete a locução na qual uma das palavras é a que encabeça o verbete que está sendo consultado (geralmente como adjetivo). Neste caso, esta palavra é

substituída por um travessão, ao qual se pode seguir indicador de flexão de gênero ou número.

### 3.4.6 Traços das ULs presentes na definição 3 - *Dicionário da Bíblia de Almeida*

O *Dicionário da Bíblia de Almeida* tem como objetivo definir as ULs pertencentes ao discurso religioso. Segundo consta no próprio prefácio da obra, esta tem como intuito auxiliar os estudiosos da *Bíblia de Almeida* independentemente do tipo de versão: Corrigida (RC), Revista e Atualizada (RA) e da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). O público alvo do *Dicionário da Bíblia de Almeida* são pastores, pregadores, evangelistas, obreiros, professores de escola bíblica, etc.

Tipos de verbetes: as ULs que constituem o *Dicionário da Bíblia de Almeida* foram selecionadas a partir da tradução da Bíblia concretizada por João Ferreira de Almeida em 1993 (Edição Revista e Atualizada) e 1995 (Edição Revista e Corrigida). Os verbetes são classificados em três tipos:

- 1 - Verbetes de definição e/ou descrição: o dicionário define tanto ULs constituintes de conteúdo bíblico como as pertencentes à língua portuguesa que possam impossibilitar o entendimento de passagens bíblicas. De acordo com as descrições da obra, esta ainda procura definir ULs especiais, relacionadas com a Teologia e a Bíblia, como alegoria, antilegômena, antropomorfismo, apócritos, etc.
- 2 - Verbetes-lista: são as ULs que se agrupam a partir de um determinado tema: festas dos judeus; livros históricos / poéticos / profético do Antigo Testamento (AT).
- 3 - Verbetes remissivos: são aqueles que direcionam o consulente até a UL que sanará sua dúvida. Um exemplo desse fato é a UL ARRAIAL que remete seu consulente à UL ACAMPAMENTO. Os verbetes remissivos são grafados em caixa alta.

#### **Os verbetes e seus agrupamentos**

Os verbetes são agrupados em 25 assuntos gerais, são eles: adoção, armas, bíblia, Deus, devoção, diabo, espírito santo, família, figuras e tipos de cristo, ídolos, Jesus Cristo, magia e superstição, ministério – obreiros cristãos, missão, ser humano, salvação, seres celestiais, sofrimento, últimas coisas, vida cristã, virtudes cristãs.

#### **Alguns exemplos de abreviatura dos nomes dos livros da Bíblia**

Ag – Ageu

Am – Amós

Ap – apocalipse

At – Atos

Cl – Colossenses

Co – Coríntios

Cr – Crônicas

Ct – Cântico dos cânticos

Dt – Deuteronômio

Ec – Eclesiastes

Ed – Esdras

### **Alguns exemplos de abreviatura usados no texto**

A.C. – antes de cristo

AT – Antigo Testamento

Cap. – capítulo

Caps. – capítulos

cm – centímetro(s)

d.C. – depois de cristo

etc. – etcétera (e outras coisas mais)

ex. – exemplo

fig. – figuradamente

g – grama(s)

gr. – grego

### **3.4.7 Traços das ULs presentes na definição 4 - *Dicionário Ilustrado da Bíblia***

*O Dicionário Ilustrado da Bíblia* é constituído de 7.000 verbetes e se referem a pessoas, locais, objetos e doutrinas relacionadas à bíblia. Segundo Youngblood (2003):

Além de haver passado por uma completa revisão e atualização, o DIB traz como inovações: maior legibilidade; um panorama visual da Bíblia; um artigo que ensina como usar este dicionário em seus estudos bíblicos, diagramação em cores; mapas coloridos que facilitam a compreensão de fatos e locais da Bíblia; e um extenso sistema de referências que faz remissão a outros verbetes existentes a quantidade de informações à disposição do leitor.

As entradas são baseadas na 2ª edição da versão Almeida Revista e Atualizada, publicada a partir de 1996 pela Sociedade Bíblica do Brasil. O consulente também tem acesso a algumas remissões que fazem parte de outras traduções bíblicas.

Em todo o dicionário, o usuário verificará remissões a verbetes relacionados àquele que se consulta, ampliando, assim o número de informações a respeito do assunto.

No final do *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, o consulente encontra uma sessão de mapas que se relacionam a períodos significativos da história bíblica. Na sequência, há a exposição de algumas sessões do dicionário com suas exemplificações:

### **Abreviaturas**

**a.C.** antes de Cristo

**ARA** Bíblia Sagrada, Edição Revista e Atualizada (ARA), trad. João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), São Paulo, SP, 1993.

**ARC** Bíblia Sagrada, Edição Revista e Corrigida 1995 (ARC95), trad. João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), São Paulo, SP, 1995.

**C.** cerca de, aproximadamente.

**Cap. Capítulo(s)**

### **Sumário**

Prefácio da edição em inglês

Abreviaturas

Colaboradores

Seis passos para facilitar seu estudo bíblico com a ajuda do *Dicionário Ilustrado da Bíblia*.

### **Esboços didáticos dos livros da Bíblia.**

#### **Antigo Testamento**

Gênesis

Êxodo

Levítico

Números

Deuteronômio

#### **Novo Testamento**

Mateus

Marcos

Lucas

João

### **Tabelas de mapas**

Resumo das principais divisões e dos livros da Bíblia

Deuses pagãos mencionadas na Bíblia

As parábolas de Jesus

Mapa 1. As nações em Gênesis 10

Mapa 2. O êxodo do Egito

## CAPÍTULO IV

### 4. ANÁLISE DO CORPUS

**Análise comparativa dos textos definitórios dos dicionários** *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (D1), *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (D2), *Dicionário da Bíblia de Almeida* (D3) e *Dicionário Ilustrado da Bíblia* (D4).

Nesta etapa, analisaremos as Unidades Lexicais (ULs) pertencentes ao campo lexical da **salvação**. Inicialmente, haverá a exposição da ficha lexicográfica, que será constituída pelo nome da UL em análise, sua categoria gramatical, sua etimologia e as quatro definições encontradas nos dicionários analisados. Essas definições serão, respectivamente, denominadas de definição 1, definição 2, definição 3 e definição 4. Depois dessa fase, analisaremos comparativamente as definições, considerando as necessidades comunicativas e as ideologias presentes nos textos definitórios.

Tabela 1: Ficha lexicográfica da unidade lexical **aliança**

<b>Categoria Gramatical</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	Do francês [alliance]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de aliar (-se) <b>1.</b> Pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos para determinada finalidade <b>2.</b> União, ligação elo matrimônio <b>3.</b> p.met anel que simboliza noivado ou casamento <b>4.</b> União harmoniosa de coisas diferentes entre si <b>5.</b> Liga de metais <b>6.</b> REL nas escrituras sagradas, iniciativa de Deus em fazer um pacto com indivíduos ou com um povo.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de aliar (-se). [sin. 9p.us): aliagem.] <b>2.</b> Ajuste, acordo, pacto. <b>3.</b> União por casamento. <b>4.</b> Anel simbólico de noivado ou de casamento. <b>5.</b> REL. cada um dos pactos que, no segundo as escrituras Deus fez com os homens. <b>6.</b> Antrop. Relação estabelecida entre os indivíduos ou grupos sociais.
<b>Definição 3:</b>	Acordo que Deus, por causa do seu amor, fez com o seu povo. Essa aliança (pacto, contrato, concerto) consiste no seguinte: o Senhor, cumprindo sua promessa aos patriarcas, era Deus de Israel, e Israel era povo de Deus, o Senhor.
<b>Definição 4:</b>	Acordo entre duas pessoas ou dois grupos envolvendo promessas de ambas as partes. A palavra hebraica traduzida “aliança” geralmente significa reciprocidade, enfatizando o relacionamento subjacente a todas as alianças. Alianças humanas ou entre um superior e um súdito. As alianças divinas, porém, são sempre desse último tipo, e o conceito entre Deus e o povo é uma das verdades teológicas mais importantes da bíblia. Na verdade a palavra em si passou a denotar as principais divisões das

	Escrituras cristãs: a antiga e a nova aliança (antigo e Novo Testamento, respectivamente).
--	--

A UL **aliança** é constituído de várias acepções. Nos textos das definições 1, 2 e 4, uma das acepções se refere a um contrato/acordo assumido entre indivíduos ou grupos, podendo ou não ter um carácter afetivo. Os textos dos dicionários D1 e D2 destacam outra acepção dessa unidade: objeto de metal, que simboliza a união entre um casal, seja namoro, noivado ou casamento.

As quatro definições abordam a UL no âmbito da religião, fazendo menção à aliança que Deus realizou com seu povo no decorrer da história cristã – antigo e novo testamento. Apenas a definição do dicionário D2 tem uma abordagem de carácter mais antropológico devido à valorização das relações sociais que se desenvolvem entre os indivíduos de uma determinada comunidade linguística.

Outro fator significativo é que a definição do dicionário D3 trata a UL **aliança** em uma perspectiva terminológica, pois a define somente em uma acepção religiosa, não considerando as outras acepções que podem ser atribuídas à unidade, o que na verdade se configura como negativo, pois o consulente não tem acesso às outras acepções.

É importante focalizar que a UL **aliança** pertence à língua geral e não a uma língua de especialidade. Se um consulente consultar o D3 em busca que entende o uso da palavra **aliança** em: "Os grandes estados devem dispensar **as alianças** e os pequenos não devem contar com elas." (Duque de Lévis), possivelmente terá algumas dificuldades, pois a palavra está empregada em um sentido metafórico. Compreende-se, ainda, que ao definir a UL **aliança** em uma perspectiva terminológica, o texto conduz o consulente a visualizar a **aliança** realizada por Deus com o povo de Israel e **aliança** que é realizada/ou deve ser realizada com a geração contemporânea, lembrando que só as pessoas que têm uma Aliança com Deus terão direito à salvação.

Os textos definitórios dos dicionários D3 e D4 são compostos apenas da acepção religiosa, fornecendo ao consulente apenas um recorte das definições da UL **aliança**.

Tabela 2: Ficha lexicográfica da unidade lexical **adoção**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia</b>	[Do latim adoptare]
<b>Definição 1:</b>	Ação ou efeito de adotar, de aceitar (alguém ou algo) <b>1</b> . JUR processo legal que consiste no ato de aceitar espontaneamente como filho de determinada pessoa, desde que respeitadas as condições jurídicas para tal <b>2</b> . p. ext

	aceitação espontânea de (pessoa ou animal, ger. doméstico) como parte integrante da vida da família de uma casa <b>3.</b> p. ext. aceitação, admissão do que antes era externo, alheio, estranho ou não era conhecido ou cogitado.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ação ou efeito de adotar <b>2.</b> Aceitação voluntária e legal de uma criança como filho; <u>perfilhação, perfilhamento</u>
<b>Definição 3:</b>	Ato de tornar legalmente filho aquele que não é filho por natureza. Pela adoção Deus aceita como membros da sua família os pecadores que se voltam para ele com <b>ARREPENDIMENTO E FÉ.</b>
<b>Definição 4:</b>	Ato de receber voluntariamente uma criança gerada por outra pessoa como seu próprio filho. Em sentido teológico, ato gracioso de Deus pelo qual os pecadores são reunidos à família dos redimidos. No Novo Testamento a palavra grega traduzida “adoção” significa literalmente “tornar-se”. É um termo legal que expressa o processo pelo qual um homem trazia outra pessoa para sua família, concedendo a ela a condição e os privilégios de um filho biológico. No Antigo Testamento, a adoção não era comum entre os israelitas. Era realizada apenas pelos estrangeiros ou por judeus que haviam sido influenciados pelos costumes de outros povos. A filha de faraó adotou Genubate. Não existe nenhuma palavra em hebraico que descreve o processo de adoção.

Os quatro textos que definem a UL **adoção** entendem que esta se refere ao ato de uma pessoa adotar como filho biológico, alguém que foi gerado por outro indivíduo. Na maioria das vezes, essa adoção só se concretiza com base em procedimentos legais. Percebe-se, então, que ao definir essa UL, os textos trazem uma acepção comum a ela, demonstrando que esta é constituinte de mais de uma acepção, fazendo parte da língua geral e não de uma língua de especialidade.

Uma situação significativa é que os textos dos dicionários D3 e D4 trazem a UL **adoção** em uma acepção religiosa, considerando os princípios defendidos pelo cristianismo. Embora haja essa definição na perspectiva religiosa, estes dicionários, respectivamente, consideram outras situações discursivas ao definirem: “ato de tornar legalmente filho aquele que não é filho por natureza”, “a filha de faraó adotou Genubate”. Tratam, portanto, a UL **adoção** como pertencente à língua geral.

Já nos textos dos dicionários D1 e D2, é constatada uma lacuna, uma vez que nas duas obras não se consideram a acepção religiosa da UL. Caso o consulente utilize os textos definitórios desses dicionários para entender um trecho como: “[Deus enviou o seu Filho] a fim de resgatar aqueles que foram sob a lei a fim de recebermos adoção.” Gálatas

4:5, constatará que o texto não sana todas as suas necessidades comunicativas em relação a esta UL.

Tabela 3: Ficha lexicográfica da unidade lexical **apostasia**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[o grego antigo <i>ἀπόστασις</i> (estar longe de).]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> REL renúncia de uma religião ou crença, abandono da fé (esp. da cristã); renegação <b>1.1</b> REL quebra de votos, abandono da vida religiosa ou sacerdotal, sem autorização superior <b>2.</b> p. ext ato de renunciar o partido, doutrina, teoria, etc.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Separação ou deserção do corpo constituído (de uma instituição, de um partido, de uma corporação) ao qual se pertencia <b>2.</b> Abandono da fé de uma igreja, especialmente a cristã <b>3.</b> Abandono do estado religioso ou sacerdotal.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Negação e abandono de fé <b>2.</b> A revolta final contra Deus.
<b>Definição 4:</b>	Ato de renunciar a uma crença ou religião. A nação de Israel caiu em apostasia diversas vezes. Jeremias profetizou a respeito do julgamento de Deus sobre essa traição.

A UL **apostasia** é definida nas quatro obras como ato de renunciar a uma crença ou religião, em especial, a cristã. Percebe-se mais uma vez, a presença de uma acepção comum a uma mesma UL.

No dicionário D4, o texto, além de definir a UL, também traz exemplificações de situações de apostasia vivenciadas pelo povo de Israel após quebrar a aliança com Deus.

As definições 1 e 2 destacam, ainda, que apostasia se refere ao ato de um indivíduo abandonar um partido, uma doutrina e/ou teoria. Percebe-se, nessa última abordagem, que **apostasia** é empregada em outras situações discursivas, que não envolvem obrigatoriamente o discurso religioso, demonstrando que a UL em análise pertencente à língua geral e não a uma abordagem de cunho terminológico.

Entende-se que os textos definitórios dos dicionários D1 e D2 auxiliam os consulentes a sanarem suas dúvidas com mais eficiência, pois consideram as várias situações de uso da UL **apostasia**. Já os dicionários D3 e D4 focalizam essa unidade sob uma visão terminológica, ou seja, sua definição está presa apenas ao caráter religioso, o que na verdade se configura uma lacuna, uma vez que os consulentes dessas obras podem se deparar com enunciados produzidos pela imprensa, como: “No Irã há mais de cem delitos castigados com a pena capital. Assassinato, adultério, estupro, assalto à mão armada, tráfico de drogas e apostasia (...) são passíveis de morte sob a lei sharia iraniana praticada desde a Revolução Islâmica de 1979. *Folha de São Paulo*, 9/1/2010”.

Nesse caso, **apostasia** se manifesta em um texto de caráter jornalístico, o que pode trazer certas dúvidas aos consulentes em relação as suas acepções. É importante destacar que ideologicamente, segundo a teoria Cristã, os indivíduos apostatados abandonam sua fé e, conseqüentemente, abandonam a Deus, o que conduz à perda da salvação.

Tabela 4: ficha lexicográfica da unidade lexical **arrependimento**

<b>Categoria Gramatical</b>	Substantivo masculino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim ruga]
<b>Definição 1</b>	Ato ou efeito de arrepender-se <b>1</b> . Pesar ou lamentação pelo mal cometido; compunção, contrição <b>2</b> . Negação ou desistência de algo feito ou pensado em tempos passados. <b>2.1</b> JUR faculdade concedida às partes de desfazer o contrato anteriormente celebrado <b>3</b> . REL no judaísmo e no cristianismo, ato central da virtude religiosa que consiste em um sentimento de rejeição sincera, por parte do pecador, ao seu comportamento pregresso, e que resulta na intenção de um retorno contrito a lei.
<b>Definição 2:</b>	<b>1</b> . Ato ou efeito de arrepender-se <b>2</b> . Compunção, contrição <b>3</b> . Ét. Insatisfação causada por violação de lei ou de conduta moral, e que resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações.
<b>Definição 3:</b>	<b>1</b> . Decisão de mudança total de atitude e de vida, em que a pessoa, por ação divina, é levada a reconhecer o seu pecado e a sentir tristeza por ele, decidindo-se a abandoná-lo, baseando sua confiança em Deus, que perdoa. O complemento do arrependimento é a fé <b>2</b> . E os dois juntos constituem a conversão. V. REMORSO.
<b>Definição 4:</b>	Ato de afastar-se do pecado, da desobediência e da rebeldia, voltando se para Deus. Em uma acepção mais geral, arrependimento significa mudança de mentalidade ou um sentimento de remorso ou de pesar por um comportamento passado. O verdadeiro arrependimento envolve um ato de “contrição divina” pelo pecado, mudança de atitude, tomando uma direção totalmente oposta. Esse tipo de arrependimento leva a uma mudança fundamental do relacionamento de uma pessoa com Deus.

Genericamente, a UL **arrependimento** está relacionada ao ato de voltar atrás, ou seja, o indivíduo pratica uma determinada ação inadequada que o direciona ao arrependimento.

O dicionário D1 apresenta várias acepções em relação à UL **arrependimento**. Esta pode se referir a uma situação sentimental, jurídica ou religiosa. Discursivamente, compreende-se que a UL **arrependimento** pode ser definida, levando em consideração o discurso religioso, político, ideológico, etc. Diante desse fato, afirma-se que essa UL

pertence à língua geral e auxilia na construção do **campo lexical da salvação**. Este dicionário já aludido constrói uma definição significativa, porque traz as várias acepções do léxico, considerando os diferentes contextos discursivos.

Já os dicionários D2, D3 e D4 têm seus textos pautados no nível mais sentimental, pois os indivíduos praticam ações que, muitas vezes, por força das circunstâncias, são obrigados ou se obrigam a se arrependem daquilo que fizeram consciente ou inconscientemente. É perceptível que os níveis sentimental e religioso estão intimamente relacionados nessas obras.

Em uma análise do texto definitório do dicionário D2, visualizamos que não há nenhuma referência direta ao discurso religioso, o que se configura como negativo, pois há várias situações em que a UL **arrependimento** é constituída desse caráter como nos trechos: "O arrependimento é a inocência dos pecadores." (Heinrich Von Kleist); "Deus fez do arrependimento a virtude dos mortais." (Voltaire); "Haverá mais alegria no céu por um único pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que não mudem." (Livro de São Lucas).

Os textos definitórios dos dicionários D3 e D4 não fizeram menção ao contexto jurídico, desconsiderando que os seus interlocutores discursivos não empregam a UL só no contexto religioso, mas também em outras situações socioculturais.

Do ponto de vista da ideologia cristã, só o **arrependimento** pode conduzir o indivíduo à salvação. É visível na leitura dos textos definitórios dos dicionários D3 e D4 que estes estão mais preocupados em mostrarem que o arrependimento é uma atitude que deve ser praticada, do que mostrar que a UL **arrependimento** é constituída de várias acepções e se manifestam nos mais distintos contextos discursivos.

Tabela 5: ficha lexicográfica da unidade lexical **circuncisão**

<b>Categoria Gramatical</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim <i>circuncisione</i> ]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de circuncidar <b>1.</b> MED retirada cirúrgica do prepúcio, praticada por razões higiênicas e/ou religiosas; postectomia, postetomia <b>2.</b> p. met. REL cerimônia em que se pratica tal ato ritualmente como sinal de inclusão na comunidade judaica <b>3.</b> REL na cronologia cristã, festa que celebra, oito dias depois do natal, a circuncisão de Jesus Cristo <b>4.</b> REL entre certos povos primitivos, ablação do clitóris e dos pequenos lábios da vulva das meninas <b>5.</b> Fig. supressão ou repressão de alguma coisa.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> REL. rito de iniciação, que consiste em cortar o prepúcio <b>2.</b> Rel. Celebração da circuncisão de cristo <b>3.</b> fig. corte, supressão

	<b>4</b> impr. v. postectomia.
<b>Definição 3:</b>	Cerimônia religiosa em que é cortada a pele, chamada prepúcio, que cobre a ponta do órgão sexual masculino. Os meninos israelitas eram circuncidados no oitavo dia após o nascimento. A circuncisão era sinal da ALIANÇA que Deus fez com o povo de Israel. No NT o termo às vezes é usado para designar os israelistas. Outras vezes significa a circuncisão espiritual, que resulta numa nova natureza, a qual é livre do poder das paixões carnis e obediente a Deus.
<b>Definição 4:</b>	Remoção cirúrgica do prepúcio do órgão sexual masculino. O ato servia como sinal da ALIANÇA de Deus com o seu povo. A circuncisão era amplamente praticada no muno antigo, incluindo as culturas egípcia e Cananéia. No entanto, entre esses povos, o ritual era realizado no início da puberdade ou por volta dos 12 anos de idade, por razões de higiene ou como um tipo de iniciação cerimonial da virilidade. Em contraposição, o povo hebreu operava a circuncisão nos recém-nascidos. Tal ritual tinha um importante significado ético. Indicava a responsabilidade de servir como povo santo cujo deus o havia chamado como servo especial no meio de um mundo pagão.

Ao se analisar as definições acerca de **circuncisão**, compreendemos que as acepções estão presas ao contexto religioso em todas as obras lexicográficas, o que comprova que a unidade em análise faz parte da língua geral e também constrói o campo lexical da salvação.

O dicionário D1, em nossa conceituação, traz uma perspectiva mais completa, pois expõe cinco acepções da UL que se relacionam. Em um primeiro momento, a obra mencionada se refere ao ato de circuncidar como um procedimento cirúrgico, no qual se retira o prepúcio que se localiza na parte superior do órgão genital masculino.

Outra acepção descrita neste dicionário é de que a **circuncisão** é uma aliança religiosa que se concretiza entre Deus e os homens, estes se privam das paixões carnis e submetem-se à obediência de Deus. Em algumas culturas, como egípcia e cananea, o rito de retirada do prepúcio representava a concretização da aliança com Deus, o que retifica a afirmativa de que há uma íntima relação entre as acepções. Analisando, ainda, as definições expostas neste mesmo dicionário, a **circuncisão** marca a ablação do clitóris feminino – conceituação encontrada apenas na definição 1.

Embora tenhamos julgado que a definição 4 seja a mais completa devido ao número significativo de acepções descritas e sua contextualização, entendemos que as definições 1, 3 e 4 também cumpriram o seu papel enquanto obras lexicográficas, pois

elaboram textos que sanam as dificuldades comunicativas e mostram as distintas concepções ideológicas a seus consulentes.

Tabela 6: ficha lexicográfica da unidade lexical **confissão**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim <i>confessione</i> ]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de confessar(-se) <b>1.</b> Revelação diante de testemunha(s) privada(s) ou pública(s), que alguém faz de um ato censurável que cometeu <b>2.</b> Reconhecimento, por uma pessoa, da culpa ou da acusação que lhe é imputada <b>3.</b> p. metf. relevação do que se sabe, sente ou penas <b>4.</b> JUR ato de um indivíduo capaz de reconhecer e declarar verdadeiro o fato que lhe é imputado ou conta ele é alegado <b>5.</b> Ação que proclama uma crença ou uma doutrina <b>6.</b> p.ext. REL proclamação escrita dessa profissão de fé, formulário com artigos de fé. <b>7.</b> p.met. Hist. REL local onde um cristão sofreu martírio por confessar sua fé.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato de confessar (-se) <b>2.</b> Declaração própria de fé, profissão <b>3.</b> p. ext. cada uma das seitas cristãs <b>4.</b> Rel. parte do sacramento da penitência constituída pela declaração dos próprios pecados <b>5.</b> Penitência <b>6.</b> Oração da igreja.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Ato de CONFESSAR <b>2.</b> Testemunho da realeza de Cristo.
<b>Definição 4:</b>	Reconhecimento de pecados; profissão de fé nas doutrinas de uma fé em particular. Na bíblia, grande parte dos usos da palavra recai nas duas categorias.

O ato de confessar-se, nas quatro obras lexicográficas, é analisado e descrito em uma perspectiva de cunho religioso. Sabemos que socialmente a UL **confissão** está relacionada a uma culpa direta ou indireta produzida no interlocutor do discurso. Essa culpa, se não confessada, pode levá-lo à perda da salvação, segundo os princípios da teoria cristã.

Entende-se que a UL **confissão** está intimamente relacionada ao contexto religioso e à fé cristã. O dicionário D1 traz uma exposição sobre o ponto de vista jurídico, ou seja, a confissão faz menção direta a uma atitude do falante em afirmar ou negar uma situação em juízo. Os textos definitórios nos permitem afirmar que as acepções descritas neste dicionário supre com mais eficiência as necessidades comunicativas dos falantes de língua portuguesa, já que considera tanto a visão religiosa como a jurídica da UL.

Cabe destacar que, embora a UL **confissão** seja empregada com muita efetividade no discurso religioso, faz parte constante das diferentes situações de nosso dia a dia, pois a maioria dos falantes é capaz de identificar a acepção da palavra confissão em um contexto como: “O menino confessou que tinha pegado o dinheiro, que está na bolsa de sua mãe”.

Nessa enunciação, facilmente, constata-se que o menino assume a culpa, o que pode ou não acarretar um penitência como prevê a visão religiosa. Diante dessa situação, julgamos que a UL pertence à língua geral e não a uma língua de especialidade.

Tabela 7: ficha lexicográfica da unidade lexical **conversão**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[do latim <i>Conversione</i> ]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de converte(-se) <b>1.</b> Transformação de uma coisa, de um estado, de uma forma etc. em outra <b>1.1</b> Mudança de religião ou seita, ou de visão, de costume etc. <b>1.2</b> Alteração de sentido, de direção <b>1.3</b> Substituição de uma coisa por outra <b>1.4</b> ECON mudança das características de uma ação ou título <b>1.5</b> GRAM m.q DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA <b>1.6</b> MAR modificação feita de um navio, visando adaptá-lo a uso diferente daquele para o qual foi planejado <b>1.7</b> METAL operação que transforma uma liga em outro produto.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de converte(-se) <b>2.</b> Ato de passar de um grupo religioso para outro, duma para outra seita ou religião <b>3.</b> A rejeição ou aceitação pública de certo número de atitudes <b>4.</b> Eng. Nucl. Produção com base em substância fértil, de uma substância físsil diferente da que é consumida na reação nuclear por cadeia. <b>5.</b> Fin. Novação de uma dívida pública sob a forma de consolidação. <b>6.</b> Conversão de espécie <b>7.</b> Mil. Mudança de direção de uma tropa em marcha.
<b>Definição 3</b>	<b>1.</b> Mudança de vida operada por Deus. Essa mudança tem dois aspectos. O primeiro, relacionado com o pecado, chama-se ARREPENDIMENTO. O segundo, relacionado com Cristo, é a FÉ <b>2.</b>
<b>Definição 4</b>	Mudança inicial de atitude e vontade que conduz uma pessoa ao relacionamento correto com Deus. A palavra conversão é mencionada como substantivo no Novo Testamento, referindo-se à conversão dos gentios. No entanto, a Bíblia tem vários exemplos de pessoas convertidas.

Os dicionários D1 e D2 tratam a UL **conversão** como pertencente à língua geral, como ele o é, pois consideram que forma nominal pode fazer referência direta a uma mudança de direção, por exemplo, se um carro está indo sentido norte do Brasil, faz uma conversão para o sul, ou seja, mudança de direção. Uma outra acepção da UL **conversão**, descrita nas duas obras, é que esta faz referência a uma mudança de condição religiosa.

Os dicionários D3 e D4 definem a conversão, praticamente, como se fosse uma palavra pertencente à área terminológica, o que não é na verdade, pois encontramos um número expressivo de enunciação em que a UL **conversão** tem outras acepções, como em: "O egoísmo nada mais é do que o meio de a tudo converter em utilidade exclusiva"; "A

*conversão* do automóvel foi violenta”, etc. Os trechos mencionados nos possibilita afirmar que os consulentes desses dois dicionários terão acesso a acepções que não traduzem as várias situações discursivas em que a UL se manifesta, além, é claro, de explicitarem a visão pregada apenas pelo protestantismo.

É importante salientar que os textos definitórios dos dicionários D3 e D4 estão presos à visão cristã – protestantismo e catolicismo — o que na verdade se configura como uma limitação, uma vez que a **conversão** está relacionada à mudança de crença religiosa. Isto significa que as pessoas podem se converter a outras religiões, como judaísmo, islamismo, islã, budismo, etc. Acepção que não é descrita nessas obras.

Percebe-se, claramente, que as definições 1 e 2 dão uma melhor condição aos usuários de suas obras, até porque mesmo na bíblia a UL **conversão**, nem sempre, fará menção ao aceite do poder soberano de Deus.

Gostaríamos de focalizar que nosso interesse não é fazer uma crítica ferrenha às definições apresentadas nas obras, mas, sim, constatar se as obras conseguem cumprir com sua função social, que é a de auxiliar os falantes de língua portuguesa a sanarem as suas dúvidas em relação a ULs da língua geral, como no caso do léxico *conversão*.

Tabela 8: ficha lexicográfica da unidade lexical **crente**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Adjetivo
<b>Etimologia:</b>	[Do latim Credente]
<b>Definição 1:</b>	Que ou que crê <b>1.1</b> REL que ou que manifesta crença e/ou é sectário de uma fé religiosa <b>1.2</b> REL que ou o que segue os fundamentos islamismo; que ou quem é devoto mulçumano <b>1.3</b> REL B pej. que ou quem adere ao protestantismo, esp. às facções mais populares, apresentando-se com austera compostura e dispondo-se ger. a fazer p1 proselitismo; bíblia 2 p.ext. B que ou o que leva excessivamente a sério suas obrigações ou assuntos, mostrando para com estes ou aqueles demasiado zelo, entusiasmo e posição acrítica 3. P.ext. B que ou que é crédulo.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Que crê <b>2.</b> Restr. Que tem fé ou crença religiosa. <b>3.</b> irôn. que leva demasiado a sério as suas obrigações, as coisas em que se mete, e por elas tem entusiasmo, nelas acredita <b>4.</b> Pessoa que acredita que tem fé religiosa.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Aquele que crê no evangelho <b>2.</b> Aquele que, nos tempos do AT, cria na PROMESSA.
<b>Definição 4:</b>	Depositar confiança na verdade de Deus; aquele que crê no que Deus revelou em sua Palavra e que nele confia para a salvação.

A UL **crente** denomina um indivíduo praticante de uma fé, independentemente do tipo de religião que segue. Todos os textos definitórios definem o nome adjetivo de forma bastante semelhante. O que nos chama a atenção é que os textos dos dicionários D3 e D4 trazem apenas uma definição que considera a visão cristã, omitindo os outros tipos de crença presentes na sociedade.

O dicionário que traz um número mais significativo de definições é o dicionário D1, uma vez que, além de demonstrar que o crente não é apenas aquele que professa uma fé, mas também aquele que pode ser tido por uma parte da sociedade, como um indivíduo fanático.

Visualizamos, então, que além da semelhança entre os textos definitórios, a UL **crente** se insere na língua geral, pois, em algumas situações, podemos nos deparar com enunciações do tipo: “José está crente que vencerá a corrida”. Nessa enunciação, é perceptível que as definições presentes em todos os dicionários analisados não contemplam todas as situações de uso dessa UL, focalizam apenas acepções de cunho religioso.

Tabela 9: ficha lexicográfica da unidade lexical **culpa**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim culpa]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem <b>2.</b> Falta, delito, crime <b>3.</b> Atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem. JUR no direito civil, falta contra o dever jurídico, cometido por ação ou omissão e proveniente de inadvertência de imperícia, imprudência ou negligência, de efeito lesivo ao direito de outrem <b>4.</b> Fato, acontecimento que resulta de outro fato ruim, nefasto; consequência, efeito <b>5.</b> PSIC consciência mais ou menos penosa de ter descumprido uma norma social e/ou compromisso (afetivo, moral ou institucional) assumido livremente. <b>6.</b> PSIC emoção penosa (de auto-rejeição e desajuste social) resultante de um conflito (entre impulso, desejo ou fantasia e as normas sociais e individuais) dominado pela função inconsciente de controle desempenhada pelo superego <b>7.</b> REL nas teologias do judaísmo e do cristianismo, responsabilidade por ato de transgressão e/ou pecado, que torna o agente ofensor de Deus, indigno de sua misericórdia <b>8.</b> p.ext. REL qualquer transgressão de caráter religioso e/ou moral; pecado.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Conduta negligente ou imprudente, sem propósito de lesar, mas da qual proveio dano e ofensa a outrem <b>2.</b> Falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético. <b>3.</b> Delito, crime, falta <b>4.</b> Transgressão de preceito religioso; pecado. <b>5.</b> Responsabilidade por ação ou por omissão prejudicial,

	reprovável ou criminosa. <b>6.</b> Jur. Violação ou inobservância duma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio.
<b>Definição 3:</b>	Violação da lei pela qual a pessoa se torna merecedora de castigo. Toda a humanidade é culpada do pecado. Há graus de culpa.
<b>Definição 4:</b>	Ser responsável por ofensa ou delito; estar ciente de ter feito algo errado. Embora a palavra culpa não seja especificamente usada, alguns exemplos clássicos de culpa na Bíblia são: Adão e Eva; Caim; Davi.

Os textos definitórios dos dicionários D1 e D2 definem que a **culpa** é ocasionada a partir do momento em que o indivíduo comete atos inaceitáveis socialmente e, sentindo-se culpado por esse fato, pede desculpas a outro indivíduo real ou fictício. O sentimento culpa tem uma íntima relação com a condição psicológica do indivíduo, pois, muitas vezes, ele é acusado pelos seus atos: por si, por outros homens e até por Deus e o Diabo. Obviamente para aqueles que acreditam nisso. Consta-se, nessas definições, que a UL **culpa** tem mais de uma acepção, dependendo exclusivamente da situação discursiva em que se manifesta.

Segundo princípios bíblicos, a **culpa** está inserida na sociedade, desde que o mundo foi criado por Deus. Quando nos reportamos ao contexto histórico/religioso, Adão e Eva pecaram depois que desobedeceram a Deus, tocando na única árvore que Deus tinha ordenado que não se tocasse. A partir dessa situação, as criaturas que tinham livre acesso a Deus começaram a se sentir culpadas e perderam a comunhão com o Senhor. Nessa contextualização, nascem todas as ideologias que desencadeiam a **culpa**.

Ao se analisar os textos definitórios, constatamos que a UL **culpa** está sempre relacionada aos conceitos religiosos e às relações que os homens desenvolvem com Deus. A definição 4 expõe algumas exemplificações de pessoas que se sentiram culpadas como: Adão e Eva, Caim, Davi, etc. É importante lembrar que no cristianismo e no judaísmo a **salvação** só será alcançada por meio do arrependimento, que está de certa forma relacionado com a culpa. Um indivíduo só se arrepende de uma determinada situação se, na verdade, se sentir culpado. Caso contrário, não terá jamais o arrependimento.

Na análise dos textos que buscam definir a UL **culpa**, constatamos que as definições 3 e 4 tratam mais a UL como pertencente à área de especialidade, o que não é verdade, uma vez que há enunciações do tipo: “A **culpa** recaiu sobre o morador de rua”. Nesse trecho é visível que a UL **culpa** não está empregada em uma perspectiva religiosa. Entendemos que, embora essas definições contribuam para o conhecimento de seu consulente, deixam algumas lacunas em relação aos outros sentidos da UL.

Tabela 10: ficha lexicográfica da unidade lexical **eleição**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim <i>electione</i> ]
<b>Definição 1:</b>	Ato de eleger <b>1.</b> Escolha, por sufrágio, de alguém para ocupar um cargo, um posto ou desempenhar determinada função; pleito <b>2.</b> Escolha preferencial; primazia, predileção e direta POL eleição na qual o eleitor vota no seu candidato diretamente.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato de eleger, escolha ou opção. <b>2.</b> Preferência, predileção. <b>3.</b> Restr. escolha por meio de sufrágios ou votos, de pessoa para ocupar um cargo ou desempenhar certas funções pleito; pleito eleitoral.
<b>Definição 3:</b>	Ato eterno e insondável de Deus, pelo qual, em sua soberana vontade, ele escolheu uma família, uma nação ou um indivíduo – sem nenhum merecimento, por parte deles – para por meio de Jesus Cristo receberem a sua vontade neste mundo.
<b>Definição 4:</b>	Ato voluntário e da graça divina através do qual Deus chama aqueles que se tornaram parte de seu reino e beneficiários especiais de seu amor e de suas bênçãos. A Bíblia descreve o conceito de eleição de três formas distintas. Por vezes, eleição refere-se à escolha de Israel e da igreja como um povo com uma missão e privilégios especiais. A eleição também pode se referir-se à escolha de um indivíduo específico para uma tarefa ou serviço determinado. Ainda outros textos bíblicos referem-se à eleição de pessoas para serem filhos de Deus e herdeiros da vida eterna.

Os textos, que buscam conceituar a UL **eleição**, apresentam uma discrepância bastante significativa nos níveis ideológicos. Os dicionários D1 e D2 definem a **eleição** apenas como um pleito, no qual se elege um representante para defender as concepções de um grupo, podendo se desenvolver em várias esferas, como o meio político, o setor administrativo, setor educacional, etc.

Já o dicionário D3 se refere apenas ao contexto religioso: Deus escolhe um povo, uma família e/ou um indivíduo para abençoar e ter um relacionamento, como escolheu a nação de Israel. Essa escolha determina a **eleição** que é concretizada por Deus no plano espiritual, pois apenas os escolhidos serão salvos. A obra lexicográfica em questão deixa lacuna mais uma vez, tendo em vista que não considera que a UL **eleição** tenha outros contextos de aplicação. As três definições não dão conta de conceituar a UL.

O dicionário D4 desenvolve uma conceituação mais eficiente, já que leva em conta as situações discursivas nas quais os indivíduos necessitam eleger seus representantes,

como também traz uma conceituação bíblica que focaliza a **eleição** que Deus realizará, principalmente, em relação à **salvação**.

Diante dos fatos arrolados nos parágrafos anteriores, chega-se à conclusão que os textos elaborados pelos dicionários D1, D2 e D3 trazem apenas uma acepção acerca da UL **eleição**, o que se configura um problema para o entendimento de vários tipos de enunciações como: "Vote com inteligência nas próximas eleições: vote nos menos ruins, se é que tais candidatos existem."; "Os acionistas da SAD do Estoril confirmaram hoje, em assembleia geral, a eleição de Tiago Ribeiro como presidente da administração do clube"; "A eleição da geração de Israel foi estabelecida por Deus". Nos trechos já citados, verificamos que a UL **eleição** se manifesta tanto sob o ponto de vista religioso como jurídico (acepções que não se desenvolvem simultaneamente nessas obras lexicográficas). Salienta-se, ainda, que o dicionário D3 especifica que somente os que são eleitos por Deus terão o direito à **salvação**.

Tabela 11: ficha lexicográfica da unidade lexical **expição**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino.
<b>Etimologia:</b>	[Do latim <i>expiatione</i> ]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Purificação de crimes ou faltas cometidas <b>2.</b> Meio usado para expiar(-se); penitência, castigo, cumprimento de pena; sofrimento compensatório de culpa <b>3.</b> REL no antigo testamento, uma classe de contrições que consistia em sacrifícios expiatórios, e cuja finalidade era a de reparar os pecados <b>4.</b> JUR cumprimento da pena imposta à pessoa a quem se imputou a prática de um crime.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de expiar; castigo, penitência, cumprimento de pena. ~ V. <i>expições</i> . <i>Expição</i> suprema. A pena capital.
<b>Definição 3:</b>	O perdão dos pecados daqueles que se arrependem deles e os confessam, acompanhado de reconciliação com Deus, através do SACRIFÍCIO de uma vítima inocente. No AT a vítima era um animal, figura e símbolo do cristo crucificado.
<b>Definição 4:</b>	Dia da (veja Festas) as comemorações sagradas, as ocasiões convencionais em que o povo de Israel se reunia para adorar ao Senhor.

Popularmente, expiar é empregado no sentido de um indivíduo "observar ocultamente" um outro indivíduo, sem seu prévio conhecimento.

As abordagens descritas nos dicionários D1, D2 e D4 pontuam que **expição** é entendido como uma forma de castigo, penitência ou cumprimento de pena. O ato em questão apenas se consolida quando o indivíduo se sente arrependido pelo mal cometido e pretende se ajustar diante de Deus. No contexto religioso do Antigo Testamento, o

indivíduo, ao cometer uma determinada falha, oferece um sacrifício a Deus em sinal de renovação de sua aliança. Geralmente, o sacrifício que o pecador entrega a Deus é um animal imaculado. Essa prática se concretiza até a morte de Cristo, que, na verdade, representa a maior expiação da história do cristianismo, pois Cristo santo, imaculado e sem mancha, entregou-se pelos pecados de uma geração.

O texto definitório do dicionário D4 faz uma focalização de cunho terminológico, uma vez que **expição** é tratada apenas como uma festa na qual o povo de Israel se reunia para adorar ao Senhor. Ao se analisar a Bíblia Sagrada, independentemente da versão de tradução, a UL **expição** é vista como uma prática que tem como foco central santificar um povo que peca diariamente. No livro de Levítico 23;27, constata-se que todos os Israelitas sabiam que “aos dez deste mês sétimo, será o Dia da Expição”, ou seja, o povo de Israel tinha conhecimento que a expiação não poderia ser realizada de qualquer forma. No livro bíblico mencionado, o sumo sacerdote se purificava com águas, vestia uma veste de linho santa, mataria um novinho, pegaria uma vasilha de brasa e entraria no Santo dos Santos, etc.

De todas as acepções descritas, o dicionário D1 traz a abordagem mais significativa, pois mostra o contexto popular, o contexto religioso e o contexto jurídico, demonstrando, mais uma vez, que as ULs que estão sendo analisadas pertencem à língua geral e não a uma língua de especialidade. Em nossa conceituação, o texto definitório do dicionário D4 não cumpre com sua função social, tendo em vista que descreve apenas a acepção de cunho religioso e, mesmo assim, com várias lacunas, isto é, não há nenhuma referência ao pecado praticado pelo povo.

É perceptível que a UL **expição** está relacionada com as ULs **arrependimento**, **culpa** e **salvação**. Entendemos, então, que a **expição**, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, está diretamente ligada à **salvação**, comprovando, assim, que, principalmente os textos dos dicionários D3 e D4 apresentam definições recortadas.

Tabela 12: ficha lexicográfica do item lexical fé

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do latim fide]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> No catolicismo, a primeira das três virtudes teológicas <b>2.</b> Confiança absoluta (em alguém ou em algo) crédito <b>3.</b> Asseveração, afirmação, comprovação de algum fato <b>4.</b> Compromisso assumido de ser fiel à palavra dada, de cumprir exatamente o que prometeu <b>5.</b> FIL na escolástica, crença religiosa sem fundamento em argumentos racionais, embora

	eventualmente alcançando verdades compatíveis com aquelas obtidas por meio da razão <b>6.</b> JUR credibilidade que deve ser dada a um documento no qual se funda, resultando disso a própria veracidade do documento.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Crença religiosa <b>2.</b> Conjunto de dogmas e doutrina que constituem um culto: a fé mulçumana; a fé católica. <b>3.</b> Rel. a primeira virtude teologal: adesão e anuência pessoal a Deus, seus desígnios e manifestações. <b>4.</b> Firmeza na execução de uma promessa ou de compromisso. <b>5.</b> Crença, confiança. <b>6.</b> Asseveração de algum fato. <b>7.</b> Testemunho autêntico que determinados funcionários dão por escrito acerca de certos atos, e que tem força em juízo.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Confiança em Deus e em Cristo e na sua palavra <b>2.</b> Confiança na obra salvadora de Cristo e aceitação de seus benefícios <b>3.</b> A doutrina revelada por Deus.
<b>Definição 4:</b>	Crença ou atitude de confiança em relação a Deus, envolvendo o compromisso de alguém com vontade a Deus.

As definições lexicográficas de **fé**, nos dicionários D3 e D4, conduzem-nos a uma visão pouco expressiva de seu significado. Tal afirmativa se realiza, porque se entende que os autores dos textos definitórios só consideram o texto religioso, mais especificamente, o protestantismo, desenvolvendo, assim, uma abordagem de cunho terminológico e não como deveria ser um estudo lexicográfico. Observa-se que os consulentes das definições 3 e 4, ainda que sejam protestantes, não terão todas as suas necessidades discursivas sanadas, pois a palavra **fé** não se manifesta apenas no contexto religioso como é perceptível na definição exposta no dicionário D1. Os textos apresentados nos dicionários D3 e D4 poderiam agregar outras acepções relacionadas à UL **fé**, até porque esta se manifesta em outros contextos como veremos a seguir.

Já na definição 1, percebemos claramente que este dicionário traz inúmeras situações nas quais a UL **fé** se desenvolve, ou seja: a primeira virtude para o catolicismo; confiança em um indivíduo; consolidação de um fato; cumprimento de uma palavra dada; referência a uma crença religiosa, baseada na razão; um ato jurídico.

O dicionário D2 também apresenta um texto que define de forma satisfatória a UL **fé**, considerando que o lexicógrafo traz ao consulente inúmeras contextualizações.

Gostaríamos de salientar que a **fé**, segundo os princípios cristãos, é um dos elementos básicos para aqueles que acreditam na **salvação**. A UL **fé** é citada inúmeras vezes na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Nessa segunda parte, a UL

em análise aparece em 227 versículos. Um dos trechos mais conhecidos é a passagem em que Jesus cura o servo do centurião em Mateus:

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião que lhe rogava, dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa paralisado, e horrivelmente atormentado. Respondeu-lhe Jesus: Eu irei, e o curarei. O centurião, porém, replicou-lhe: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; mas somente dize uma palavra, e o meu criado há de sarar. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz. Jesus, ouvindo isso, admirou-se, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que a ninguém encontrei em Israel com tamanha fé. (Mateus: 8; 6-10)

É inegável do ponto de vista cristão que o servo só foi curado por Jesus devido à fé inabalável de seu senhor. Um trecho como esse é empregado, constantemente, nos templos cristãos, para confirmar e reconfirmar que a fé é capaz não só de curar as pessoas das doenças físicas, mas também das doenças espirituais. E a fé, ainda, é capaz de conduzir o indivíduo à vida eterna. Julgamos que os textos dos dicionários D3 e D4 traçam apenas uma acepção religiosa, omitindo as outras definições da UL.

Tabela 13: ficha lexicográfica da unidade lexical **graça**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. gratia.]
<b>Definição 1:</b>	<p><b>1.</b> Dádiva, favor que, por liberalidade, se concede a um inferior; mercê <b>2.</b> Favor que se dispensa ou se recebe. <b>3.</b> TEOL no catolicismo, favor ou auxílio gratuito outorgado por Deus a determinados homens que a Ele, por si sós, não teria nenhum direito pessoal, e que os leva a uma determinação sobrenatural <b>4.</b> TEOL favor ou benefício concedido por Deus a um fiel, com ou sem interferência de um santo <b>5.</b> TEOL auxílio que Deus concede aos homens e que os torna capazes de cumprir <b>6.</b> TEOL estado de quem não tem pecado; pureza <b>7.</b> TEOL bondade divina que concede favores aos homens; bênçãos <b>8.</b> TEOL a vontade de Deus <b>9.</b> Boa vontade com alguém, benevolência, estima <b>10.</b> DIR PEN ato do chefe de uma nação (rei, presidente, etc.), pelo qual a pena de alguém extinta ou comutada; perdão <b>11.</b> JUR comutação de pena ou perdão <b>12.</b> Formas de tratamento para duques, duquesas e arcebispos <b>13.</b> Nome de alguém <b>14.</b> Elegância ou leveza de formas, do porte ou movimentos; graciosidade <b>15.</b> Qualidade do que é engraçado, comicidade <b>16.</b> Ação engraçada ou divertida; brincadeiras, divertimento, comicidade <b>17.</b> Ação de agradecer, agradecimento(s), reconhecimento <b>18.</b> MIT. GR três divindades que</p>

	personificam o dom de agradar.
<b>Definição 2:</b>	<p><b>1.</b> Favor dispensado ou recebido; mercê, benefício, dádiva. <b>2.</b> Benevolência, estima, boa vontade. <b>3.</b> Jur. Ato de clemência do poder público (no Brasil, o executivo), que favorece individualmente um condenado em definitivo por crime comum ou por contravenção, extinguindo-lhe, reduzindo-lhe ou comutando-lhe a pena; mercê. [Cf. <i>anistia</i> (2), <i>clemência</i> (1) e <i>indulto</i> (4).] <b>4.</b> Beleza, elegância ou atrativo de forma, de aspecto, de composição, de expressão, de gestos ou de movimentos. <b>5.</b> Elegância de estilo. <b>6.</b> Dito ou ato espirituoso ou engraçado. [Sin., nesta acepç.: <i>caçoadada</i>, <i>chiste</i>, <i>gracejo</i>, <i>graceta</i>, <i>pilhéria</i>, <i>troça</i> e (no Brasil) <i>gozação</i>, <i>chiata</i>.] <b>7.</b> O nome de batismo. <b>8.</b> Privação, intimidade. <b>9.</b> Teol. Dom ou virtude especial concedido por Deus como meio de salvação ou santificação. <b>10.</b> Teol. Favor ou mercê concedida por Deus a uma pessoa. ~ V. <i>graças</i>. <b>11.</b> Cabo-verd. Vontade, desejo:</p>
<b>Definição 3:</b>	<p><b>1.</b> O Amor de Deus que salva as pessoas e as conserva unidas com ele <b>2.</b> A soma de bênçãos que uma pessoa, sem merecer, recebe de Deus <b>3.</b> A influência sustentadora de Deus que permite que a pessoa salva continue fiel e firme na fé <b>4.</b> Louvor; gratidão <b>5.</b> Boa vontade; aprovação <b>MERCÊ</b> <b>6.</b> Beleza <b>7.</b> Bondade <b>8.</b> “De graça” é “sem pagar”.</p>
<b>Definição 4:</b>	<p>Manifestação de favor ou bondade sem se relacionar a valor ou mérito da pessoa que a recebe e independentemente do que a pessoa merece. A graça é um dos atributos principais de Deus. O Senhor Deus é “compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade”. Conseqüentemente, a graça está quase sempre associada à misericórdia, amor, compaixão e paciência.</p>

Ao se analisar as quatro definições expostas nos dicionários em estudo, torna-se evidente que os lexicógrafos trouxeram um posicionamento bastante significativo sobre a UL, uma vez que os consulentes têm uma visão bastante ampliada do contexto discursivo em que a UL **graça** pode se desenvolver.

As focalizações 3 e 4 trabalham de uma forma sucinta a definição da UL, mas nem por isso menos eficiente. Já as definições 1 e 2 fazem um aprofundamento maior, já que focalizam até mesmo situações mais informais, nas quais os locutores e interlocutores discursivos se envolvem no processo comunicativo, como quando um indivíduo disse “Marcelo faz graça”, dependendo do contexto e do tom de pronúncia, entende-se que “Marcelo é um engraçadinho” — no sentido pejorativo da palavra —, uma outra visão é “Marcelo é uma pessoa engraçada”, ou seja, mesmo sem muito esforço, as pessoas riem dele devido a seu carisma.

Quando se analisa a UL em questão no contexto religioso, percebemos que Deus usa de graça com seu povo, isto é, ainda que as pessoas sejam pecadoras, desobedientes, desonestas, mentirosas, etc. Deus as ama acima de suas transgressões. Segundo os princípios teológicos, as pessoas serão **salvas** não por merecimento, mas, sim, pela graça de Deus que é santo e imaculado. Percebe-se que a UL **graça** está relacionada diretamente com **arrependimento** e **salvação**, pois o arrependimento indubitavelmente gerará *a salvação*, que é articulada a partir obviamente da graça de Deus.

Em nossa visão de consulente dessas obras, acreditamos piamente que o dicionário D1 traz uma abordagem mais completa devido, principalmente, aos contextos de informalidade. As outras obras lexicográficas também suprem as necessidades de seus consulentes, uma vez que expõem as várias acepções de concretização da UL que pertencente à língua geral.

Tabela 14: ficha lexicográfica da unidade lexical **justificação**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. tard. <i>justificatione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	Ação de justificar(-se) <b>1.</b> Conjunto de argumentos apresentados por alguém em sua defesa ou em favor de alguém <b>2.</b> JUR produções de provas, tanto testemunhais quanto documentais, no correr do processo <b>3.</b> JUR prova judicial de um fato alegado ou de um ato anterior viciado (defeituoso) ou do qual não consta documento <b>3.1</b> p. met. JUR o instrumento ou processo dessa prova <b>4.</b> m.q. REABILITAÇÃO <b>5.</b> p. met. o que justifica ou serve para justificar; explicação, razão, motivo, fundamento; justificativa, desculpa <b>6.</b> p. met. o que dá a alguém ou a razão de existir, de ser <b>7.</b> GRÁF ato ou efeito de compor um texto em linhas de igual comprimento, de modo que fiquem alinhadas à esquerda ou à direita <b>8.</b> TEOL ação ou feito da graça divina, que torna os homens justos; restituição à inocência original.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de justificar(-se) <b>2.</b> Conjunto de argumentos apresentados por alguém em sua defesa ou em favor de alguém <b>3.</b> O que justifica ou serve para justificar; justificativa, desculpa <b>4.</b> Ato ou efeito de compor um texto em linhas de igual comprimento, de modo que fiquem alinhadas à esquerda e à direita <b>5.</b> Produção de provas, tanto testemunhais como documentais, no correr do processo <b>6.</b> Ação ou efeito da graça divina, que torna os homens justos; restituição à inocência original.
<b>Definição 3:</b>	Segundo alguns BIBLISTAS, o ato judicial de Deus por meio do qual ele, pela sua graça, perdoa os seres humanos de sua culpa. A base para esse perdão é que Jesus cumpriu a lei no

	lugar dos seres humanos e sofreu o castigo pelo pecado deles. As pessoas são justificadas através da fé, que Deus lhe dá pela ação do ESPÍRITO SANTO. 2 Segundo outros biblistas, justificação é um ato pelo qual Deus, como Rei, Senhor e Salvador, aceita e põe em relação correta consigo a pessoa que faz com ele uma ALIANÇA, a qual é baseada na fé em Cristo. A justificação é originada e mantida pelo Espírito Santo.
<b>Definição 4:</b>	Processo pelo qual seres humanos pecadores são aceitos por um Deus Santo. JUSTIFICAÇÃO PELA GRAÇA. O cristianismo é exclusivo por causa de seu ensino sobre a justificação pela graça. A justificação é a declaração de Deus de que as exigências de sua lei foram cumpridas na justiça de seu filho. A base para a justificação é a morte de Cristo.

A UL **justificação** tem amplo emprego na linguagem em uso, pois um falante de língua portuguesa produz enunciações do tipo: “Essa foi a justificação que José deu pelo seu mau comportamento”; “A justificação do trabalho está totalmente errada”; “A justificação se deu por meio de provas concretas”; “A justificação é a morte de Cristo”.

Enunciações como as descritas acima demonstram que as definições 3 e 4 são construídas com base em um pressuposto terminológico, pois focalizam apenas uma acepção religiosa do termo **justificação**, deixando de lado outras conceituações importantes como: a tarefa de justificar as linhas de um determinado texto; a produção de provas tanto testemunhais, como documentais. Percebemos, claramente, que as definições dos dicionários D3 e D4 mencionam que a **salvação** só é possível porque Jesus foi morto pelos pecados da humanidade, o que justifica o ponto de vista dos cristãos de que as pessoas serão salvas pela graça e não pelo merecimento. Esse fato pode ser comprovado no trecho da definição 4: “Processo pelo qual seres humanos pecadores são aceitos por um Deus Santo. JUSTIFICAÇÃO PELA GRAÇA.”

Cabe destacar, ainda, que a UL **justificação** está intimamente relacionada com a questão referente à **fé** e à **aliança**. No texto 3, fica explícito que o interlocutor discursivo só receberá a **justificação** para sua salvação se tiver fé. Esta é a responsável direta pela aliança entre Deus e o homem.

As definições expostas em 1 e 2 traduzem muito bem as situações sociais em que a UL **justificação** se desenvolve, independentemente de seu caráter religioso. Os dicionários D1 e D2 dão uma visão mais ampliada da palavra, pois a abordam no contexto jurídico, religioso, pessoal ou íntimo, formatação, etc. Gostaríamos de pontuar que a UL **justificação** não só auxilia na construção do **campo lexical da salvação**, como também é constituinte de um campo muito mais amplo, que é a língua geral.

Tabela 15: ficha lexicográfica da unidade lexical **justo**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Adjetivo
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>justu.</i> ]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> O que é conforme à justiça, à equidade, à razão <b>2.</b> Que julga e procede segundo a equidade; probo, reto, íntegro <b>3.</b> Que cabe a cada indivíduo por direito ou dever; devido, merecido <b>4.</b> Que tem grande rigor ou precisão; precisa, exato <b>5.</b> Que se apóia em boas razões; fundado, legítimo <b>6.</b> Conforme a verdade, razoável; que tem caráter da justeza e da razão <b>7.</b> Perfeitamente adequado na medida certa <b>8.</b> p.etx. que se ajusta bem; apertado, estreito, cingido <b>9.</b> Conforme uma norma estética, a um modelo <b>10.</b> Que foi objeto de ajuste, pacto; combinado, tratado <b>11.</b> MÚS diz-se dos intervalos de quarta, quinta e oitava feitos a partir da tônica e de uma escala diotônica <b>12.</b> MÚS m.q AFINADO <b>13.</b> TEOL aquele que se encontra em estado de graça perante Deus <b>14.</b> Aquele que pauta sua vida pelas normas da justiça e da moral <b>15.</b> Exatamente, justamente <b>16.</b> No momento preciso <b>17.</b> Na devida quantidade ou proporção.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Que julga e procede com equidade: homem justo <b>2.</b> Conforme à justiça, à equidade: sentença justa <b>3.</b> Conforme à razão, à verdade: pensamento, raciocínio justo <b>4.</b> Que é exato: balança justa <b>5.</b> Apertado: paletó muito justo <b>6.</b> Parte inferior do formulário.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Certo; legítimo <b>2.</b> A pessoa que, numa causa judicial, tem razão <b>3.</b> No sentido religioso judeu, aquele que pratica a Lei e as cerimônias judaicas <b>4.</b> A pessoa que está corretamente relacionada com Deus pela fé e, por isso, procura nos seus pensamentos, motivos e ações obedecer àquilo que Deus, em sua Palavra, estabelece como modelo de vida, <b>5.</b> Pessoa que está de acordo com a justiça de Deus.
<b>Definição 4:</b>	Íntegro – nomes de três homens do Novo Testamento <b>1.</b> Sobrenome de José, também chamado Barsabás, um dos dois discípulos que os apóstolos cogitaram para preencher o lugar de Judas Iscariotes <b>2.</b> Homem de Corinto com quem o apóstolo Paulo se hospedou <b>3.</b> Cristão judeu que enviou saudações à igreja de Colossos, também chamado Jesus.

A UL **justo**, em todos os dicionários em análise, faz menção aos indivíduos que agem de forma adequada com outras pessoas e com fatos que se desenvolvem em sua vida. Entende-se que **justo** é aquele que se comporta conforme a justiça.

Percebemos que as definições 1, 2 e 3 abordam o “ser justo” em um contexto bem humanizado. Embora haja esse posicionamento, os dicionários D2 e D3 analisam a UL **justo** dentro de um contexto religioso. A primeira obra citada marca que do ponto de vista

teológico, o **justo** é aquele que encontra graça diante dos olhos de Deus. Já a segunda obra lexicográfica, explicita que um indivíduo só é considerado **justo** para Deus se ele agir de forma adequada com seus irmãos terrenos, traçando, assim, uma relação intrínseca entre mundo humano e espiritual. O dicionário D3, ainda, deixa claro que o **justo** é aquele que vive o padrão de vida concernente à vontade de Deus. Segundo os princípios teológicos, apenas as pessoas que são justas serão salvas.

O texto do dicionário D4, ao definir **justo**, traz na verdade uma série de explicações de homens que foram considerados justos diante de Deus. O maior representante dessa justiça foi Jesus, que embora não tivesse nenhum pecado, entregou-se pelos pecados da humanidade.

Obviamente que os dicionários D3 e D4 têm como objetivo central mostrar a seus consulentes que ser **justo** é agir de acordo com os princípios cristãos como Jesus agiu. Compreendemos pela leitura do texto do dicionário D4 que sua focalização é terminológica, pois só aponta a acepção religiosa, já o texto do dicionário D3 trabalha a UL em uma perceptiva lexicográfica, tendo em vista que traz suas várias acepções.

Tabela 16: Ficha lexicográfica da unidade lexical **liberdade**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>libertate</i> .]
	<p><b>1.</b> Um grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou nação elege como valor supremo, como ideal <b>2.</b> p.ext. conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, considerado isoladamente ou um grupo, em face de autoridade política e perante o Estado poder que tem um cidadão de exercer sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei <b>3.</b> Condição daquele que não se acha submetido a qualquer força constrangedora física ou moral <b>4.</b> Condição daquele que não é cativo ou que não é propriedade de outrem <b>5.</b> p. ext. condição de um animal que não vive em cativeiro <b>6.</b> p. ext. estado daquele que está solto, sem qualquer empecilho tolhendo os seus movimentos <b>7.</b> p. ext. estado de um país que não se acha submetido a um jugo estrangeiro; independência <b>8.</b> p. ext. possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com sua vontade, sua consciência, sua natureza <b>9.</b> p. ext. licença, permissão <b>10.</b> p. ext. atitude que revela confiança, familiaridade, pouco apego as conveniências <b>11.</b> p. ext. estado de disponibilidade <b>12.</b> repartidos de cabelos; risca <b>13.</b> FIL no kantismo bergsonismo ou existencialismo sartriano a potencialidade (nem sempre concretizada) de uma escolha autônoma, independente de quaisquer condições e limites, por meio da qual o ser humano realiza a plena autodeterminação, construindo a si mesmo e ao mundo que o cerca <b>14.</b> FIL no</p>

	<p>estocismo, spinozismo ou do idealismo alemão, a capacidade inerente à ordem cósmica. tb. concebida como natureza, universo ou liberdade absoluta, de existir com autonomia e autodeterminação ilimitadas, que corresponde a um poder semelhante alcançável pelos seres humanos, desde que consigam agir e pensar como parte dessa realidade primordial e abrangente, harmonizando-se conscientemente com os seus designos <b>15.</b> p. ext. FIL no marxismo, a aptidão por meio da qual as coletividades ou classes, compreendendo a necessidade das leis da natureza e os condicionamentos que pesam sobre a história universal, que transformam o real, com o objetivo de satisfazer suas necessidades materiais e determinar a organização geral da sociedade <b>16.</b> FIL no empirismo e utilitarismo, a capacidade individual de autodeterminação, caracterizada por compatibilizar autonomia e livre-arbítrio com os múltiplos condicionamentos naturais, psicológicos ou sociais que impõem predisposições ao agir humano <b>17.</b> autonomia de que gozam certos grupos sociais; imunidades, franquias <b>18.</b> maneira petulante, audaciosa de agir <b>18.1</b> intimidade no trato amoroso.</p>
<p><b>Definição 2:</b></p>	<p><b>1.</b> Grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal <b>2.</b> Conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado; poder que tem o cidadão de exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei <b>3.</b> Condição daquele que não se acha submetido a qualquer força constrangedora física ou moral <b>4.</b> Condição daquele que não é cativo ou que não é propriedade de outrem <b>5.</b> Estado daquilo que está solto, sem qualquer empecilho tolhendo os seus movimentos <b>6.</b> Autonomia, independência, soberania <b>7.</b> Possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com sua vontade, sua consciência, sua natureza <b>8.</b> Licença, permissão <b>9.</b> Atitude que revela confiança, familiaridade <b>10.</b> Capacidade individual de optar com total autonomia, mas dentro dos condicionamentos naturais, por meio da qual o ser humano realiza a sua plena autodeterminação, organizando o mundo que o cerca e satisfazendo suas necessidades materiais <b>11.</b> Autonomia de que gozam certos grupos sociais; imunidades, franquias <b>12.</b> Maneira petulante, audaciosa de agir <b>12.1</b> intimidades no trato amoroso.</p>
<p><b>Definição 3:</b></p>	<p>Faculdade de cada pessoa pensar, decidir e agir por si, sem coerção ou constrangimento, dentro do limite das leis estabelecidas tem três aspectos: <b>1.</b> Físico: os israelitas que se tornassem escravos de outros israelitas deviam ser libertados no ANO DO JUBILEU <b>2.</b> Espiritual; esta foi profetizada em AT e cumprida em Cristo. Através da obra de Cristo aquele que crê é liberto do poder de Satanás, do pecado, da morte, da condenação, do medo e da lei. <b>3.</b> Moral: libertado de todos os poderes opressores, o cristão vive a liberdade no serviço ao</p>

	próximo, em amor.
<b>Definição 4:</b>	O contrário de escravidão; capacidade que o indivíduo tem de ir onde quiser e fazer o que quiser. A bíblia expressa o conceito de liberdade, tanto no aspecto físico quanto no aspecto espiritual, de diversas formas. Só Deus tem a liberdade absoluta. Ele não está sujeito a nenhum controle externo. Os seres humanos, embora não sejam totalmente livres, podem gozar de relativa liberdade em diversas áreas da vida: social, econômica, política e espiritual.

Nos textos 1 e 2, a UL **liberdade** é vista como uma prática na qual os indivíduos têm livre arbítrio, principalmente no nível físico, ou seja, os indivíduos não estão presos às escolhas de outrem, mas, sim, a suas próprias ideologias.

Os textos dos dicionários D1 e D2 não abordam a UL **liberdade** sobre um ponto de vista espiritual, o que se torna negativo, uma vez que o contexto bíblico pode não se encaixar nas definições descritas nessas obras.

Para o dicionário D4, a UL **liberdade** está carregada de inúmeras significações e estas são estabelecidas em diversos contextos sociais. Um dos fatos mais significativos dessa definição é que a **liberdade** é limitada à autoridade de Deus, pois o consulente tem direito de escolha em várias áreas da vida, como social, econômica, política e espiritual, mas essas devem estar submissas à vontade de Deus. O dicionário em questão trata a UL tanto do ponto de vista físico como espiritual (considerando que a UL pertence à língua geral).

O dicionário D3 traz uma definição muito semelhante à obra anterior. Talvez esse fato se manifeste porque os consulentes dessas obras sejam pessoas cristãs, que buscam sanar dúvidas durante o processo de leitura da Bíblia Sagrada.

Os textos 3 e 4 descrevem uma visão mais espiritual da UL **liberdade**, pois os indivíduos até concretizam suas escolhas, mas estas devem seguir os princípios cristãos expostos na Bíblia.

Tendo como subsídios os textos que definem a UL **liberdade**, podemos afirmar que esta se enquadra na língua geral, pois em muitas situações os locutores e interlocutores discursivos se deparam com enunciações do tipo: "Liberdade é uma possibilidade de ser melhor, enquanto que escravidão é a certeza de ser pior." (Albert Camus); "Aquele a quem você confia seu segredo torna-se senhor de sua liberdade." (François de La Rochefoucauld); "A liberdade é defendida com discursos e atacada com metralhadoras". (Carlos Drummond de Andrade), etc.

Tabela 17: ficha lexicográfica da unidade lexical **maldição**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino.
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>maledictione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Ação ou efeito de amaldiçoar ou maldizer <b>2.</b> Palavra ou conjunto de palavras que revela a vontade de que algo negativo aconteça; imprecação, praga <b>3.</b> O que tem consequências funestas; desgraça, calamidade.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de amaldiçoar ou maldizer. <b>2.</b> V. <i>praga</i> (1). <b>3.</b> Desgraça, infortúnio, calamidade.
<b>Definição 3:</b>	Chamamento de mal, sofrimento ou desgraça sobre alguém. Os que quebram a lei 1 estão debaixo da maldição; Cristo nos salvou dessa maldição, fazendo-se maldição por nós.
<b>Definição 4:</b>	Frase ou oração pedindo que determinado mal, dano ou infortúnio caia sobre alguém. Noé, por exemplo, pronunciou uma maldição sobre Canaã. Isaac lançou uma maldição sobre qualquer um que amaldiçoasse a Jacó. Balaão, o adivinho, foi contratado por Balaque, rei de Moabe, para lançar uma maldição sobre os israelitas. Golias, o gigante de Gate, “pelos seus deuses, amaldiçoou [...] a Davi”

A significação da UL **maldição** está associada, nas quatro definições, ao ato de alguém ser amaldiçoado por outro indivíduo. As definições 1 e 2 não especificam os níveis em que a **maldição** se desenvolve. Já as definições 3 e 4 marcam que a **maldição** pode se desenvolver tanto nas relações humanas, quanto nas relações espirituais — Deus e homem.

Na definição 3, constatamos que **maldição** está intimamente relacionada com **salvação**, pois segundo os princípios cristãos, as pessoas que cometem iniquidades e não se arrependem, não terão direito à vida eterna. Esse direito só pode ser alcançado porque Jesus morreu pelos pecados da humanidade, ou seja, a morte de Jesus elimina toda a maldição que poderia estar sobre seu povo, pois ele próprio se fez maldito.

No texto 4, é possível encontrar a retratação de uma série de situações em que os personagens bíblicos amaldiçoam outras pessoas ou nações. Um exemplo significativo é o de Balaão, que foi contratado pelo rei Balaque para amaldiçoar a nação de Israel, porém não o pôde fazer, pois Deus entrou em defesa dessa nação.

Percebemos, então, que os textos dos dicionários D3 e D4 definem a **maldição** em dois níveis: humano e espiritual (consideram as duas acepções da UL). Embora esse fato se manifeste, o objetivo central é especificar que Deus é capaz de quebrar qualquer maldição lançada sobre ele, principalmente porque o preço já foi pago na cruz.

Tabela 18: ficha lexicográfica da unidade lexical **ministério**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>ministerium</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Execução de uma tarefa, de uma obra; atividade, trabalho, mister <b>2.</b> Ocupação exercida por alguém; cargo, função, profissão <b>2.1.</b> o ofício de sacerdote <b>3.</b> Cargo ou função de ministro de Estado; pasta <b>4.</b> Tempo de exercício de tal função; gestão <b>5.</b> Atribuição de cada ministro na administração dos negócios do Estado <b>6.</b> Conjunto dos ministros de um presidente da República; gabinete <b>7.</b> Instituição governamental constituída pelo ministro e seus auxiliares, os funcionários internos e os que atendem o público <b>8.</b> Edifício em que trabalha o ministro e seus auxiliares.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Cargo, incumbência, mister: <i>o ministério cristão</i> . <b>2.</b> Cargo, função, profissão: <i>cumprir os deveres do seu ministério</i> ; “parecera mais que nunca azougado por aquela espécie de loucura convencional que era inerente ao ministério que exercia.” (Alexandre Herculano, <i>O Monge de Cister</i> , II, p. 264). <b>3.</b> Função de ministro. <b>4.</b> Tempo durante o qual se exerce tal função. <b>5.</b> O conjunto dos ministros, ou gabinete (no regime parlamentarista). <b>6.</b> Parte da administração dos negócios do Estado atribuída a cada ministro. <b>7.</b> Edifício em que funciona esse serviço público. <b>8.</b> Secretaria de Estado.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Desenvolvimento de serviço <b>2.</b> Exercício de um serviço religioso especial, como o dos levitas, sacerdotes, profetas e apóstolos <b>3.</b> Atividade desenvolvida por Jesus até sua ascensão <b>4.</b> Cargo ou ofício de MINISTRO.
<b>Definição 4:</b>	Conceito caracteristicamente bíblico que significa “servir” ou “serviço”. No antigo testamento, a palavra “servo” era aplicada, primordialmente, a pessoas que trabalhavam para a nobreza. No período intertestamentário, a palavra “servir” começou a ser aplicada ao cuidado dispensado aos pobres. Este uso é semelhante ao trabalho dos sete que serviam às mesas, no Novo Testamento. Na realidade, todos os crentes são “ministros”.

O trabalho lexicográfico desenvolvido no dicionário D1, em relação à UL **ministério**, não sana as possíveis dúvidas dos consulentes, pois a definição da UL não focaliza integralmente o contexto religioso como se desenvolve nas definições 2, 3 e 4, apenas faz menção à função sacerdotal.

Ao se analisar a definição 1, percebemos que **ministério** é visto como um conjunto de ministros da presidência, um cargo na área pública, função sacerdotal, etc.

Já as definições 3 e 4 focalizam a UL **ministério** apenas em uma acepção religiosa (tratam o que é lexicográfico como se fosse terminológico), deixando lacunas a seus consulentes. As duas obras lexicográficas entendem que o **ministério** está intimamente relacionado ao desejo de servir a Deus. A Bíblia Sagrada especifica que levitas, sacerdotes, profetas e apóstolos eram pessoas separadas por Deus para viverem em pró de seu reino. O dicionário D4 pontua que todos aqueles que creem em Deus são ministros do seu evangelho.

Em nossa análise dos textos que buscam definir a UL **ministério**, julgamos que a definição que melhor atende às necessidades discursivas dos consulentes é a apresentada pelo dicionário D2, pois esta demonstra que o ministério pode se referir tanto a um cargo público como a uma função religiosa, remunerada ou não. Entendemos, então, que apenas este dicionário considera e define essa UL como pertencente à língua geral, como o é na verdade. Já as outras obras parecem que se referem à UL como se fosse uma lexicografia especializada, ou até mesmo uma terminologia.

Tabela 19: ficha lexicográfica da unidade lexical **propiciação**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino.
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. tard. <i>propitiatione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de propiciar <b>2.</b> Ação ou ritual com que se procura agradar uma divindade, uma força sobrenatural ou da natureza, etc., para conseguir seu perdão, seu favor ou sua boa vontade <b>3.</b> Sacrifício ou oferenda que se faz para aplacar a ira dos deuses.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de propiciar. <b>2.</b> Ação, ger. de natureza ritual ou cerimonial, com que se busca agradar alguém, uma divindade, uma força natural ou sobrenatural, etc., para obter seu perdão, seu favor ou boa vontade.
<b>Definição 3:</b>	Ato realizado para aplacar a ira de Deus, de modo a ser satisfeita a sua santidade e a sua justiça, tendo como resultado o perdão do pecado e a restauração do pecador à comunhão com Deus. No AT a propiciação era realizada por meio de SACRIFÍCIOS, os quais se tornaram desnecessários com a vinda de Cristo, que se ofereceu como sacrifício em lugar dos pecadores.
<b>Definição 4:</b>	A morte expiatória de Jesus na cruz, através da qual ele pagou a penalidade exigida por Deus por causa do pecado das pessoas, conseqüentemente, livrando-as do pecado e da morte. Essa palavra significa “conciliação”. Desse modo, propiciação expressa a ideia que Jesus morreu na cruz para pagar o preço pelo pecado que um Deus santo exigiu.

A UL **propiciação** está intrinsecamente relacionada ao contexto religioso. Em todos os textos em análise, constatamos que a **propiciação** é vista como uma cerimônia na qual um indivíduo oferece um sacrifício a alguém.

Nas definições 1 e 2, não há uma marcação de para quem esse sacrifício é oferecido, uma vez que as obras em questões hipoteticamente não defendem nenhuma corrente religiosa. Ao contrário do que se manifesta nas definições 3 e 4 em que o sacrifício é sempre oferecido a Deus, pois ambas defendem o Cristianismo, no qual Deus é o centro de universo e detentor de todo poder.

No dicionário D3, a **propiciação** é concebida e analisada em dois momentos distintos da história. No Antigo Testamento, as pessoas ofereciam um novilho em sinal de arrependimento de seus pecados, já no Novo Testamento Jesus é o representante desse sacrifício, deixando de ser necessário a oferta de um novilho, pois o próprio Jesus já o representa.

O dicionário D4 defende uma visão muito semelhante, já que especifica que Jesus é o responsável direto pela conciliação que se desenvolve por meio de sua morte. Essa morte de cruz é o motivo principal pelo qual a humanidade poderá ser salva, se professar e defender os princípios de Deus.

As definições 3 e 4 apresentam com bastante propriedade o significado da UL **propiciação**, além de exemplificarem as situações em que o ato se desenvolve. É entendível que a UL constrói o discurso religioso e todas as suas acepções estão em torno desse tipo de abordagem.

Tabela 20: ficha lexicográfica da unidade lexical **reconciliação**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>reconciliatione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de reconciliar(-se) <b>2.</b> Reacomodação entre pessoas desavindas <b>3.</b> Em um processo penal, conciliação recíproca entre o autor e o acusado de crime de calúnia ou injúria, tendo como consequência o arquivamento do processo <b>4.</b> No direito de família, restauração da sociedade conjugal após ter ocorrido a separação judicial, devendo ser homologada pelo juiz <b>5.</b> Renovação da confissão; confissão parcial e feita por devoção, uma só vez por ano, ger. até a Páscoa <b>6.</b> Admissão de um convertido ao seio da Igreja, por meio de ato solene <b>7.</b> Conjunto de cerimônias por meio das quais uma igreja, poluta ou profanada, é reabilitada para o culto <b>8.</b> Reabilitação ritual de cemitério profanado <b>9.</b> Ato pelo qual Jesus Cristo reconciliou os homens com Deus.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de reconciliar(-se). <b>2.</b> Reatamento de

	amizade. <b>3.</b> Confissão religiosa por devoção, <i>i. e.</i> , feita além daquela que os preceitos determinam anualmente. <b>4.</b> Bênção de um templo que foi profanado.
<b>Definição 3:</b>	Fazer as pazes.
<b>Definição 4:</b>	Processo pelo a comunhão entre Deus e o homem é restaurada. A Bíblia ensina que os dois encontram-se separados por causa da santidade de Deus e do pecado do homem. Embora Deus ame o pecador, é impossível para Ele deixar de castigar o pecado. Portanto, na reconciliação bíblica, ambas as partes são afetadas. Através do sacrifício de Cristo, os pecados da humanidade são expiados e a ira de Deus é aplacada. Deste modo, a antiga relação de hostilidade e alienação é transformada num relacionamento de paz e comunhão.

Em relação à UL **reconciliação**, o texto exposto no dicionário D3 aborda mais uma vez somente a perspectiva terminológica, pois não situa o leitor em nenhuma contextualização do emprego da UL, apenas diz que se refere “a fazer as pazes”, o que nos parece bastante abrangente, não sanando as dúvidas dos consulentes da obra.

A definição 4 também descreve apenas a acepção em que a UL **reconciliação** se manifesta no discurso religioso. O lexicógrafo, dessa obra, explicita que a unidade se estabelece por meio do sacrifício concretizado por Cristo. Segundo os conceitos cristãos, Deus não ama os pecados praticados pela humanidade, mas ama-a independentemente de suas transgressões. A **reconciliação** só se desenvolve porque Cristo entende que as pessoas podem se arrepender de seus pecados e viverem uma vida de santidade, que representa, obviamente, **a reconciliação com Cristo**.

Diante dos fatos arrolados nos dois últimos parágrafos, visualizamos que as duas obras tratam a UL **reconciliação** como pertence a uma língua de especialidade, o que em nosso ver não se configura como verdade, pois é perceptível que os falantes de língua portuguesa fazem uso dessa UL fora do discurso religioso como em trechos: “A reconciliação entre os sócios foi benéfica à empresa”; O juiz recomendou que o casal pensasse acerca de uma reconciliação.

Em trechos como os destacados, a UL **reconciliação** se desenvolve em outros contextos, o que nos possibilita afirmar que o léxico pertence à língua geral e, por esse fato, deve ter suas várias acepções descritas a seus consulentes.

Os textos dos dicionários D1 e D2 apontam que a **reconciliação** se refere tanto a relações estabelecidas entre as pessoas, entre as pessoas e Deus, ou ainda, a restauração de templo que foi profanado no nível espiritual. Em nossa visão, essas acepções descritas

nestes dicionários são as que melhor atendem à necessidade dos consulentes, tendo em vista que relaciona as diferentes situações discursivas em que **reconciliação** se desenvolve socialmente.

Tabela 21: ficha lexicográfica da unidade lexical **redenção**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>redemptio</i> .]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de remir resgate. <b>1.</b> Resgate do gênero humano por Jesus Cristo. <b>2.</b> Auxílio, proteção que livra de situação difícil, salvação. <b>3.</b> Esmola dada para remir cativo.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de remir ou redimir. <b>2.</b> Ajuda ou recurso capaz de livrar ou salvar alguém de situação aflitiva ou perigosa. <b>3.</b> Rel. A salvação oferecida por Jesus Cristo na cruz, com ênfase no aspecto de libertação da escravidão do pecado.
<b>Definição 3:</b>	Libertação 1. No AT, de Deus, o REDENTOR, liberta o povo da situação de cativo, sofrimentos, morte, pecado 2 NT, Deus, por meio do pagamento de um preço, isto é, da morte de Cristo na cruz, compra para uma vida nova liberdade a pessoa que era escrava do pecado e da LEI 2. Essa redenção será completada no final dos tempos.
<b>Definição 4:</b>	Libertação mediante pagamento de um resgate. No novo Testamento, a palavra se refere à salvação do pecado, da morte e da ira de Deus, através do sacrifício de Cristo. No Antigo Testamento, a palavra redenção refere-se a um ato legal praticado pelo PARENTE resgatador, a um resgate ou desobrigação e também ao dinheiro pago para a libertação de um refém.

A UL **redenção** está diretamente ligada à compra de direitos. Todos os textos em análise fazem menção a um resgate que deve ser pago, comprovando, assim, que a UL em análise pertence à língua geral. Em princípio, **redenção** era empregada para se referir à compra de liberdade de um escravo. Em nossa sociedade atual, pode-se entender que a **redenção** pode ser entendida como o pagamento de um resgate, de um indivíduo que foi sequestrado. Essa ideologia é constatada na leitura das definições 1 e 2.

Os quatro dicionários estudam o emprego de **redenção** na contextualização religiosa. É perceptível que a **redenção** é estabelecida, mais uma vez, por meio da morte de Cristo. Jesus é a representação do grande REDENTOR, sem ele a humanidade estaria condenada a viver nas trevas, porém por meio da sua morte, a humanidade tem acesso à libertação.

Concebemos que os textos 3 e 4 direcionam os consulentes a entender que estes só são libertos porque Jesus pagou um preço de sangue pelo seus pecados. Ao se concretizar uma análise dessas definições, constatamos direta ou indiretamente que os interlocutores devem ser gratos a Deus pelo ato de Jesus. É importante destacar que, segundo a tradição bíblica e histórica cristã, a maior **redenção** ainda não aconteceu que é a volta de Jesus, concretizando o processo da salvação. Diante dessa situação, é inegável as noções ideológicas cristãs, presentes nos textos dos dicionários D3 e D4, além é claro da presença apenas de uma acepção da UL.

Tabela 22: ficha lexicográfica da unidade lexical **regeneração**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>regeneratione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	Ato ou efeito de regenerar(-se) <b>1.</b> revivificação, refortalecimento <b>2.</b> Recuperação moral ou espiritual <b>3.</b> reconstituição, restauração <b>3.1.</b> Reconstituição, por um organismo vivo, das partes de que foi acidentalmente amputado <b>4.</b> Transferência de parte da energia de saída de um circuito para a entrada, para reforçar o sinal ou controlar-lhe a intensidade; realimentação <b>5.</b> Num reator nuclear, transformação de um determinado nuclídeo, através de uma reação nuclear, em um nuclídeo capaz de sofrer fissão e que é igual aos que são consumidos no reator <b>6.</b> Processo periódico de restauração da informação armazenada na máquina <b>7.</b> Operação que consiste em restabelecer a atividade de um catalisador <b>8.</b> Renascimento de quem recebeu a graça pelo batismo ou pela penitência.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de regenerar(-se). <b>2.</b> Eletrôn. Num amplificador, processo em que parte da energia do sinal de saída do circuito é injetada na entrada para reforçar o sinal e aumentar a amplificação. <b>3.</b> Fís. Nucl. Numa reação nuclear em cadeia, a produção, com base em uma substância fértil, de uma substância físsil idêntica à que é consumida na reação. [O fenômeno ocorre, p. ex., nos reatores regeneradores.] <b>4.</b> Patol. Renovação, por meio natural, de um órgão que sofreu uma perda parcial, ou outro tipo de lesão.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> NOVO NASCIMENTO <b>2.</b> O tempo em que Deus vai renovar tudo.
<b>Definição 4:</b>	Transformação espiritual realizada na vida de uma pessoa por um ato de Deus. Na regeneração, a natureza pecaminosa do indivíduo é transformada, e a pessoa é capacitada a chegar-se a Deus com fé.

Ao se analisar as definições 2, 3 e 4, percebemos que as três abordagens podem não sanar as dificuldades dos consulentes em relação às acepções da UL **regeneração**. Observamos que o dicionário D2 trata a UL apenas sob uma ótica científica, ou seja, a **regeneração** é um processo no qual o órgão que compõe o corpo humano se reconstrói de forma natural; ou de uma transferência de energia que reforça o sinal.

Os dicionários D3 e D4, por sua vez, trabalham a UL **regeneração** somente em uma perspectiva religiosa, considerando que esta se dá quando uma pessoa sofre uma transformação de vida (aquele que roubava, matava, traía, depois de regenerado não pratica mais esses atos que são pecaminosos aos olhos de Deus). Na tradição cristã, uma pessoa regenerada é aquela que declara que Jesus é o Senhor de sua vida. Julgamos que as definições 3 e 4 consideram que seu consulente só farão uso de **regeneração** em um contexto religioso ou, mais especificamente, quando fizerem uma leitura da Bíblia, o que não é verdade – abordagem de cunho terminológica. Lembramos que esses dois dicionários buscaram definir ULs que auxiliam na constituição do discurso religioso, mas fazem parte da língua geral. Devido a este último fator, deveriam descrever as várias acepções da unidade, considerando tanto o contexto religioso como as outras situações de uso.

O texto definitório descrito no dicionário D1 contempla as significações pontuadas nos três dicionários mencionados nos parágrafos anteriores. Isso nos faz afirmar que a obra lexicográfica que mais auxiliará um consulente de língua geral é este dicionário.

Tabela 23: ficha lexicográfica da unidade lexical **remorso**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo masculino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. <i>remorsu</i> .]
<b>Definição 1:</b>	Inquietação, abatimento da consciência que percebe ter cometido uma falta, um erro; arrependimento, remordimento.
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido; mordimento, remordimento; bicho-da-consciência.
<b>Definição 3:</b>	Atormentador senso de culpa por mal ou crime praticado. É diferente de ARREPENDIMENTO, que pelo pecado cometido acompanhada da decisão de abandoná-lo.
<b>Definição 4:</b>	Ausência de definição

A UL **remorso** não é definida pelo dicionário D4, o que se configura uma lacuna imensa ao consulente, obrigando-o a consultar outras obras lexicográficas que definam a unidade satisfatoriamente.

É importantíssimo lembrar que os consulentes sempre devem consultar mais de uma obra, pois, assim, poderão fazer uma análise comparativa e ideológica das definições apresentadas.

As definições 1, 2 e 3 se referem à UL **remorso** como um inquietação/um sentir-se mal, por uma situação ou ato negativo que se fez socialmente. Para o dicionário D1, o **remorso** é sinônimo de arrependimento, já o dicionário D3 pontua destacadamente que o **remorso** é uma situação na qual o indivíduo se sente culpado, mas não gera arrependimento pelos pecados cometidos, diferentemente do **remorso**, pois neste a pessoa repensa sobre a situação vivenciada e decide abandonar definitivamente o pecado. Na análise do texto definitório 3, fica explicitado que o **arrependimento** gera uma mudança de postura, especificamente, quando se pensa nos princípios religiosos.

Tabela 24: ficha lexicográfica da unidade lexical **salvação**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do lat. tard. <i>salvatione</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Ação ou efeito de salvar(-se), de libertar(-se) <b>2.</b> Pessoa ou coisa que salva (de perigo, situação difícil, etc.) <b>3.</b> Ato ou efeito de saudar; cumprimento, saudação <b>4.</b> Passagem de uma situação difícil para outra confortável; triunfo, vitória, independência <b>5.</b> Redenção, resgate, remissão <b>6.</b> felicidade eterna obtida após a morte
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Ato ou efeito de salvar(-se), ou de remir. <b>2.</b> Ato ou efeito de saudar; saudação.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Ato pelo qual Deus livra a pessoa de situações de perigo, opressão, sofrimento, etc. <b>2.</b> Ato e processo pelo qual Deus livra a pessoa da culpa e do poder do pecado e a introduz em uma vida nova, cheia de bênçãos espirituais, por meio de Jesus Cristo. A salvação deve ser desenvolvida pelo crente, até que seja completada os fins dos tempos. REDENÇÃO, SALVADOR E VIDA ETERNA.
<b>Definição 4:</b>	Libertação do poder do pecado; redenção. No Antigo Testamento, a palavra “salvação” às vezes se refere a um livramento de um fraco das mãos de um opressor, à cura de uma enfermidade, e ao livramento da culpa do sangue e suas consequências. Pode também se referir ao livramento da nação em face de uma ameaça militar ou à suspensão do cativo. Mas a salvação encontra seu significado mais profundo no aspecto espiritual da vida. A necessidade universal de salvação e um dos ensinamentos mais claros da Bíblia.

A UL **salvação** é amplamente discutida em nossa sociedade, uma vez que aqueles que professam a fé cristã defendem a ideologia de que Jesus voltará pela segunda vez para

buscar sua igreja, que é representada diretamente pelos indivíduos, seguidores dos princípios cristãos. Já aqueles que não acreditam nessa volta, não atribuem nenhuma significação à salvação do ponto de vista espiritual.

Constatamos que as definições descritas, em todas as obras em análise, focalizam o uso da UL no contexto religioso, pois a **salvação** é vista como um processo vivenciado todos os dias pelos indivíduos que deverão mantê-lo até a volta de Jesus. É válido lembrar que a UL está relacionada com outras, como **redenção, arrependimento e liberdade**.

Entendemos que as definições 1 e 2 não fazem um marcação tão incisiva a respeito da **salvação** como um método de se chegar até a presença de Deus. Já as definições 3 e 4 pontuam incisivamente que o único capaz de propiciar a **salvação** é Deus através da sua infinita graça e misericórdia, confirmando, assim, que os textos definitórios são marcados por significações de cunho religioso.

Tabela 25: ficha lexicográfica do item lexical **soteriologia**

<b>Categoria Gramatical:</b>	Substantivo feminino
<b>Etimologia:</b>	[Do gr. <i>sotérion</i> , ‘salvação’, + <i>-logia</i> .]
<b>Definição 1:</b>	<b>1.</b> Parte da teologia que trata da salvação do Homem <b>1.1</b> Doutrina da salvação da humanidade por Jesus Cristo
<b>Definição 2:</b>	<b>1.</b> Parte da teologia que trata da salvação do homem.
<b>Definição 3:</b>	<b>1.</b> Estudo da doutrina da salvação
<b>Definição 4:</b>	Ausência de definição

A UL **soteriologia** é definida de forma bastante sucinta nos dicionários D1, D2 e D3 como uma parte da Teologia que estuda a **salvação** com base em Jesus Cristo. Segundo essa doutrina: “Aquele que crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16). É inegável que **soteriologia** está relacionada com outras ULs do léxico geral, como **arrependimento, conversão, fé, regeneração, justificação**, pois só por meio dessas atitudes ou estados é possível conquistar a **salvação** tão almejada por uma parcela significativa da sociedade. O dicionário D4 não traz nenhuma significação para a UL, embora seja bastante significativo na leitura da Bíblia Sagrada, demonstrando, assim, mais uma lacuna da obra, e a necessidade do consulente sempre consultar outras obras de caráter lexicográfico.

Até o presente momento, apresentamos as fichas lexicográficas que constituem cada UL, permitindo aos leitores da dissertação uma visualização comparativa dos textos definitórios encontrados nas quatro obras: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (D1),

*Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa (D2), Dicionário da Bíblia de Almeida (D3) e Dicionário Ilustrado da Bíblia (D4).*

Após se concretizar uma leitura desses textos, elaboramos uma breve análise de cada UL, verificando se as definições dessas obras lexicográficas sanam ou não as necessidades comunicativas de seus consulentes. Também observamos que em alguns textos definitórios, há o predomínio da ideologia cristã ou, ainda, a total omissão dessa ideologia. É significativo mencionar que as obras em questão são denominadas socialmente de lexicográficas, mas, em várias situações, os dicionários *da Bíblia de Almeida e Ilustrado da Bíblia* abordam ULs sob uma perspectiva terminológica, fornecendo, dessa maneira, apenas um recorte das definições.

Na sequência, apresentaremos um quadro comparativo de todas as ULs em estudo, disponibilizando uma visualização das definições nas perspectivas da língua geral e/ou discurso religioso. Posteriormente, faremos alguns comentários que julgamos pertinentes sobre algumas ULs.

**Quadro comparativo das ULs, considerando as definições descritas na perspectiva da Língua Geral (LG) e/ou do Discurso Religioso (DR).**

ULS	Definição 1		Definição 2		Definição 3		Definição 4	
	(LG)	(DR)	(LG)	(DR)	(LG)	(DR)	(LG)	(DR)
<b>Aliança</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Adoção</b>	X		X		X	X	X	X
<b>Apostasia</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Arrependimento</b>	X	X	X			X		X
<b>Circuncisão</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Confissão</b>	X	X		X		X		X
<b>Conversão</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Crente</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Culpa</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Eleição</b>	X		X			X		X
<b>Expição</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Fé</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Graça</b>	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Justificação</b>	X	X	X	X		X		X

<b>Justo</b>	X		X	X	X	X		X
<b>Liberdade</b>	X	X	X	X		X	X	X
<b>Maldição</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Ministério</b>	X		X	X		X		X
<b>Propiciação</b>		X		X		X		X
<b>Reconciliação</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Redenção</b>	X	X	X	X		X		X
<b>Regeneração</b>	X	X	X			X		X
<b>Remorso</b>	X		X			X		X
<b>Salvação</b>	X	X	X			X		X
<b>Soteriologia</b>		X		X		X		X

Quadro 3. Comparativo da ULs.

O quadro acima demonstra que o dicionário D1 define 17 das 25 ULs, considerando as acepções da língua geral e do discurso religioso. Embora construa essas abordagens de forma significativa, as definições das ULs **adoção**, **eleição**, **justo**, **ministério** e **remorso** são tratadas apenas da perspectiva da língua geral, não se fazendo nenhuma referência às acepções de cunho religioso. É importante destacar ainda que as ULs **propiciação** e **soteriologia** não são definidas por este dicionário em uma perspectiva da língua geral.

O dicionário D2, por sua vez, define 16 ULs: **aliança**, **apostasia**, **circuncisão**, **conversão**, **crente**, **culpa**, **expição**, **fé**, **graça**, **justificação**, **justo**, **liberdade**, **maldição**, **ministério**, **reconciliação** e **redenção**, considerando as acepções da língua geral e do discurso religioso. A obra em questão traz seis ULs (**adoção**, **arrependimento**, **eleição**, **regeneração**, **remorso** e **salvação**) apenas em uma abordagem religiosa, omitindo as outras situações em que as ULs se manifestam. Também define três ULs (**confissão**, **propiciação** e **soteriologia**) na perspectiva da língua geral.

O dicionário D3 traça a definição das três ULs (**adoção**, **graça** e **justo**) como pertencentes à língua geral e ao discurso religioso. Percebe-se, por exemplo, que o texto definitório da UL **adoção** especifica claramente que esta se refere tanto ao ato de assumir, como filho natural, um indivíduo que não o é, quanto ao ato de Deus adotar como filho aquele que se arrepende de suas transgressões. Cabe destacar que as outras 22 ULs foram definidas apenas sob uma ótica religiosa, o que nos parece um tanto limitador, uma vez que

uma obra de cunho lexicográfico tem como foco trazer o maior número de definição possível.

No dicionário D4, as definições pertencentes à língua geral e ao discurso religioso se manifestam nas três ULs (**adoção, graça e liberdade**). As demais ULs são tratadas apenas na perspectiva do discurso religioso.

Cabe destacarmos, ainda, que as ULs que constituem o campo lexical da salvação têm uma relação intrínseca com a UL **salvação**, pois segundo a tradição bíblica só será salvo aquele que tem uma **aliança** com Deus. A UL **confissão** é carregada de significação, quando se pensa na salvação, já que apenas aquele que confessa seu pecado será perdoado e salvo. Outra condição essencial para a salvação é a **conversão** à fé cristã, ou seja, os indivíduos devem confessar que Deus é o Senhor, para que eles sejam salvos. Mais uma UL de significância é a **fé**, pois só este sentimento é capaz de conduzir à salvação. Outras ULs também conduzem diretamente à salvação, como puderam ser constatadas durante a análise.

Embora entendamos que os dicionários D3 e D4 sejam obras de cunho religioso e, por isso, as definições tenderiam a ser mais terminológicas, gostaríamos de salientar que são obras de cunho lexicográfico haja vista que não definem claramente os procedimentos metodológicos de sua feitura e, por isso, enquadram-se na língua geral e, portanto, deveriam suprir as necessidades comunicativas de seus consulentes, dando-lhes as várias situações contextuais nas quais as ULs poderiam ser utilizadas.

É significativo pontuarmos que, nas quatro obras em análise, há algumas lacunas nos textos definitórios pela ausência de acepções pertencentes à língua geral ou ao discurso religioso. Isso nos confirma a necessidade dos consulentes sempre consultarem mais de uma obra, possibilitando-lhes uma visão mais abrangente da UL e de seus contextos de uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já explicitamos em outros momentos, a dissertação foi projetada a partir de alguns questionamentos, isto é, será que os textos que definem as Unidades Lexicais (ULs) dos dicionários suprem as necessidades comunicativas dos falantes da língua portuguesa? Os falantes da língua são influenciados/motivados a uma determinada postura social por meio dos textos definitórios? Perguntas essas que se desenvolveram a partir de nossa visão de consulente e estudante da linguagem.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, escolhemos quatro obras lexicográficas e 25 ULs que deveriam constar como entradas nos seguintes dicionários: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (D1); *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (D2); *Dicionário da Bíblia de Almeida* (D3); *Dicionário Ilustrado da Bíblia* (D4). Estas 25 ULs escolhidas foram descritas no D3 como pertencentes ao campo lexical da **salvação**. Optamos por esse campo de estudo, pois este é motivador de inúmeras discussões: quem será salvo? Por que será salvo? Quais são os princípios da salvação? O que é salvação?

Embora entendamos que as ULs em análise constituam o campo lexical da **salvação**, também é perceptível que essas estão inseridas na língua geral, pois os verbetes em análise são empregados nos mais diferentes contextos discursivos. Será que as obras em estudo contemplam as várias situações de uso das ULs? As definições apresentadas nos verbetes sanam as dúvidas de seus consulentes? Os consulentes são induzidos a uma postura religiosa?

Durante nossa análise, percebemos que o dicionário D1 e o D2 contemplam de forma mais significativa as necessidades do usuário de língua geral, pois a construção dos textos que definem os verbetes situa o consulente sobre as várias situações de uso em que a UL se desenvolve. Como exemplificação desse fato, podemos relembrar a definição de **confissão**:

ato ou efeito de confessar(-se) **1.** Revelação diante de testemunha(s) privada(s) ou pública(s), que alguém faz de um ato censurável que cometeu **2.** Reconhecimento, por uma pessoa, da culpa ou da acusação que lhe é imputada **3.** p. metf. revelação do que se sabe, sente ou penas **4.** JUR ato de um indivíduo capaz de reconhecer e declarar verdadeiro o fato que lhe é imputado ou conta ele é alegado **5.** Ação que proclama uma crença ou uma doutrina **6.** p.ext. REL proclamação escrita dessa profissão de fé, formulário com artigos de fé. **7.** p.met. Hist. REL local onde um

cristão sofreu martírio por confessar sua fé. (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA)

1. Ato de confessar (-se) 2. Declaração própria de fé, profissão 3. p. ext. cada uma das seitas cristãs 4. Rel. parte do sacramento da penitência constituída pela declaração dos próprios pecados 5. Penitência 6. Oração da igreja. (NOVO AURÉLIO SÉC. XXI: O DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA)

Na análise do texto que define a UL **confissão**, constatamos que os lexicógrafos das duas obras descrevem as várias contextualizações da palavra, possibilitando ao consulente sanar suas dúvidas em relação ao que se pensa sobre confissão.

Já as obras D3 e D4, na maioria das vezes, conduzem seu consulente a um contexto bastante limitado, pois as ULs estão relacionadas ao contexto religioso, mais especificamente ao Cristianismo. Percebemos esse fato na definição de **eleição**:

Ato eterno e insondável de Deus, pelo qual, em sua soberana vontade, ele escolheu uma família, uma nação ou um indivíduo – sem nenhum merecimento, por parte deles – para por meio de Jesus Cristo, receberem a sua vontade neste mundo. (DICIONÁRIO DA BÍBLIA DE ALMEIDA)

Ato voluntário e da graça divina através do qual Deus chama aqueles que se tornaram parte de seu reino e beneficiários especiais de seu amor e de suas bênçãos. A Bíblia descreve o conceito de eleição de três formas distintas. Por vezes, eleição refere-se à escolha de Israel e da igreja como um povo com uma missão e privilégios especiais. A eleição também pode se referir-se à escolha de um indivíduo específico para uma tarefa ou serviço determinado. Ainda outros textos bíblicos referem-se à eleição de pessoas para serem filhos de Deus e herdeiros da vida eterna. (DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA)

Na definição de **eleição**, é perceptível que esses dicionários focalizaram apenas uma visão terminológica da UL, não fazendo nenhuma menção à eleição enquanto pleito eleitoral, que objetiva escolher os representantes de um município, Estado ou país. Outro fato que nos chama a atenção é que o consulente diretamente é induzido a acreditar que Deus elege um povo que será salvo das macelas do mundo — concepção ideológica defendida na maioria dos textos definitórios.

No decorrer de nossa análise, descrevemos as situações em que todas as obras definiram as ULs pertencentes ao **campo da salvação** de forma satisfatória, considerando, obviamente, as necessidades comunicativas de um falante de língua geral. Também tentamos pontuar as situações em que as definições das palavras desejavam direta ou indiretamente influenciar os consulentes a uma postura Cristã, ou ainda daquelas definições que propositalmente não abordaram os princípios defendidos pelo Cristianismo.

As lacunas encontradas em todas as obras analisadas traduzem a importância de os consulentes sempre consultarem mais de uma obra lexicográfica. Entendemos que nosso trabalho tenha contribuído de forma significativa para os estudos lexicográficos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá. E também como motivador de um futuro projeto de doutorado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Teoria comunicativa da terminologia e sua prática. In *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-111, 2006.
- ANDRADE, Maria Margarida. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p. 89-98.
- ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. In *Revista brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/rbla/2004\\_1/04MariaAparecida.pdf](http://www.letras.ufmg.br/rbla/2004_1/04MariaAparecida.pdf). Acesso em: 20 jul. 2010.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. Natureza do signo linguístico. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes; Unicamp, 1991. p. 53-59.
- BEVILACQUA, Gleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminologia: alguns contrapontos fundamentais. In *Alfa*, Araraquara, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria Linguística. Linguística quantitativa e computacional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. v. 1.
- \_\_\_\_\_. A ciência da Lexicografia. In *Alfa*, Araraquara, v. 28, p. 1-26, 1984. Suplemento.
- \_\_\_\_\_. O dicionário padrão da língua. In *Alfa*, Araraquara, v. 28, p. 27-43, 1984. Suplemento
- \_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico. lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001. p. 131-144.

- \_\_\_\_\_. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro Contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In *Revista Filol. linguist. port.*, São Paulo, v. 5, p. 85-115, 2003.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRÉAL, Michel – *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Editora Pontes, 1992.
- BUGUEÑO, Félix Valentín. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. In *Alfa* (ILCSE/UNESP), 2009.
- CAETANO, Paulo Henrique. *A palavra-chave racismo e suas relações lexicais: uma crítica dos discursos sobre as relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso*. 2007. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CANO, Antonio Ginés. *Contribuciones lexicográficas al español como lengua extranjera. España*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COUTO, Sandra Loureiro. *A definição terminológica: problemas teóricos e práticos encontrados na construção de um glossário no domínio da corrosão*. 2003. Dissertação (Mestrado)-Universidade do Porto, Porto, 2003.
- FARIAS, Emilia Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. In *Rev. Trama*, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 89-98, 2007.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FINATTO, Maria José Bocorny. O papel da definição de termos técnico-científicos. In *Rev. ABRALIN*, Brasília, DF., v. 1, n. 1, p. 73-97, jul. 2002.
- FREGE, Gottlob. Sobre sentido e a referência. In *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978, p. 59-86.
- FORNARI, Michele Kuhn. O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes. In *Revista Travessias*, Unioeste. p. 167-199, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3463/2757> . Acesso em: 12 jul. 2010.
- GARCIA, Afrânio. *Semântica histórica*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm/>. Acesso em: 10 ago. 2010

- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (orgs.). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- KAMIKAWACHI, Dayse Simon Landim. *As aspectos semânticos da definição terminológica (DT): descrição linguística e proposta de sistematização*. São Carlos: UFSCar, 2010.
- KASCHEL, Werner. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- KRIEGER, Maria da Graça. Porque lexicografia e terminologia: relações textuais? In Anais do Celsul, 2008. Disponível em: [http://www.celsul.org.br/Encontros/08/lexicografia\\_e\\_terminologia.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/08/lexicografia_e_terminologia.pdf) Acesso em: 15 dez. 2010.
- LARA, Leandro Zanetti. *Da descrição lexicográfica: o caso dos adjetivos estéticos no português brasileiro*. 2005. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LÉO, S. C. J. Pe. *Tocar o Senhor*. São Paulo, Loyola, 1994.
- LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Matos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional Edusp, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e linguística. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MOREIRA, Walter Moreira. Lexicologia, terminologia, ontologia e representação documentária: estudos de interfaces por meio de análise de periódicos de ciências de informação. In *Biblios: Revista de Bibliotecología y ciencias de la información*, Lima, v. 8, n. 24, ene./mar. p. 1-19, ano.
- NUNES, José Horta. Formação do léxico e saber linguístico. In *Relatos*. Campinas, SP, v. 5, p. 14-22, 1997.

- \_\_\_\_\_. Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: relatos de viajantes aos primeiros dicionários. 1996. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, SP, 1996.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001. p. 11.
- OLIVEIRA, João Batista de. *Soteriologia: a doutrina da salvação*. Disponível em: <[http://www.iprb.org.br/artigos/textos/art151\\_199/art151.htm](http://www.iprb.org.br/artigos/textos/art151_199/art151.htm)>. Acesso em: 23 out.2010.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica: introdução à linguística domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Uma questão de leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor*. *Cad. PUC*, São Paulo, n. 14, p. 9, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Discurso & leitura*. São Paulo, Cortez, 1993.
- \_\_\_\_\_. *História das idéias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes; UNEMAT, 2001. 308 p.
- QUEIROZ, Silvana Rodrigues de Souza. *O vocabulário alencariano de o Sertanejo: uma análise léxico semântica*. 2006. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo do Brasil: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- SAPIR, Edward. *The status of linguistics as a science*. *Language*, Wadsington, D. C., no. 5, p. 207-214, 1929.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Natureza do signo linguístico In: *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 79-84.
- SECO, Manuel. *Estudios de lexicografía española*. Gredos: Madrid, 2003.
- SEVERO, Cristiane Henderson. Análise de padrões em definições lexicográficas de vocábulos que designam cores: contribuições da semântica cognitiva. In *Revista eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. v. 4, n. 8, p. 1-20. 2008.
- SILVA, Manoel Messias Alves da. *Dicionário terminológico da gestão pela qualidade total em serviços*. 2003. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VILELA, Mario. *Definição nos dicionários de português*. Porto: Asa, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Estudos em Lexicologia*. Coimbra: Almedina, 1994.

YOUNGBLOOD, Ronald Y. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WILSON, Victoria. *Modos de ler o discurso religioso*. SoLetras (UERJ), Rio de Janeiro, v. 5/6, p. 154-159, 2003.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci; HUMBLÉ, (orgs.). *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Disponível em: <<http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf/>>.

[Acesso em: 5 abr. 2010](#)